

Universidade de Brasília

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO
TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES

O PROTESTO NA FESTA: POLÍTICA E CARNAVALIZAÇÃO NAS PARADAS DO ORGULHO DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT)

Jaqueline Gomes de Jesus

Tese de Doutorado

Brasília, 2010



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO
TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES

O PROTESTO NA FESTA: POLÍTICA E CARNAVALIZAÇÃO NAS PARADAS DO ORGULHO DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT)

Jaqueline Gomes de Jesus

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Galinkin

Brasília, outubro de 2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO
TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES

TESE DE DOUTORADO

O Protesto na Festa: Política e Carnavalização nas Paradas do Orgulho de
Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)

Jaqueline Gomes de Jesus

Professores Componentes da Banca Examinadora

Dra. Ana Lúcia Galinkin
Universidade de Brasília
Presidente

Dr. Cláudio Vaz Torres
Universidade de Brasília – Membro interno

Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho
Universidade de Brasília – Membro interno

Dra. Ana Flávia Madureira
Centro Universitário de Brasília – Membro externo

Dra. Claudiene Santos
Universidade Federal de Sergipe – Membro externo

Dr. Aldry Sandro Monteiro Ribeiro
Universidade Paulista/Brasília – Suplente

Coragem
É...
Fogo arde
Queimando matas,
Rostos.
Desfazendo espadas,
Sangue corre,
Pedaço de gente escorre,
E sorte...
Cruel em meio
Rosas e afagos,
Ama como nunca
E maltrata,
É tudo cruel demais,
Mata,
Diz amar...
Alguém diz maltratar.
Fazer o quê?
E agüentar e amar,
Amar, amar, amar...
É... e quem ama
Com cara de um,
Sentimentos de outro,
Sexo?
Só convexo.
E ama... ama...
Sem causar mal nenhum
É circunstância da vida,
Faz estampada
A cara de viril.
Na verdade,
É alma-mulher
E ama como outro(a) qualquer
Sem causar mal a ninguém,
Sem magoar,
A não ser a si mesmo(a),
A si próprio(a),
A si.
Encontra a dor,
Bem como o amor!!!

E vive imensamente
Sem o destino original da vida,
Só alegria
De insistir e existir
Intensamente,
A felicidade de um enrustido amor,
Grita ao mundo,
Como resposta
Só o eco da própria voz,
Só resta...
Lutar contra
A força social,
O preconceito,
Acreditar na esperança
De tornar o sonho
Uma força real,
Sem conceito,
Simplesmente,
Alguém que quer o respeito
E só amar, amar,
Livrentemente amar,
Ver o mundo te confortar,
Num abraço leal,
Sem igual.
E a realidade transformar
De forma "LEGAL"
Em gente que se aceita,
E caminhar de cabeça erguido(a),
E só caminhar, caminhar,
Firme,
De braço dado
Com a vida,
Seu querer,
Seu amor.
Sem dor,
Sem pudor,
Sem rancor,
Só amor, amor, amor...
PODE?

De Ângela Bracarense, sobre a “Coragem para ser Mulher”.

Dedico esta Tese a todos que têm a coragem de ser como são.

AGRADECIMENTOS

Esta Tese é feita da alegria das Paradas e do auxílio destas pessoas, às quais agradeço:

Aos meus pais, Gizélio Gomes de Jesus e Maria Marly da Cunha Gomes (in memoriam).

À professora Ana Lúcia Galinkin, minha orientadora.

Ao grupo de pesquisa da Ana.

Aos professores componentes da minha banca: professor Cláudio Torres, que me ensina, acompanha e incentiva desde a graduação, e aos professores Asdrúbal Sobrinho, Claudiene Santos, Ana Flávia Madureira e Sandro.

Aos participantes das Paradas, por festejarem a vida, a liberdade e o amor; aos militantes e aos organizadores das Paradas, cuja esperança é incansável. Em especial, a Evaldo, Sérgio, Martinha e Lenne, que me renovaram a crença nessa luta. Obrigada por existirem!

À professora Ângela Almeida, que gentilmente disponibilizou o acesso ao software Alceste para análise de dados.

Aos colegas de trabalho do Ministério de Planejamento, que me acompanharam durante um bocado de tempo ao longo da confecção deste trabalho.

Aos amigos e àqueles que me amam!

Aos meus familiares, os velhos de cá, da nova capital, e os novos de lá, da antiga capital!

Ao meu irmão Tiago, eu te amo muito; ao Gleidson, que faz tanta falta no dia-a-dia!

A todos que, mesmo eu não podendo aqui escrever os nomes, realmente se preocuparam comigo e tentaram me ajudar a realizar este trabalho. Podem não acreditar, mas sou ternamente grata a vocês.

E a você, João Zacharias Filho, meu marido. Obrigada por me “apertar” de vez em quando para fazer as coisas, e por sempre me fazer sentir tão amada! Quero contigo escrever estas e as próximas páginas da nossa vida! A sua esposa ansiosa pergunta: qual será nossa próxima aventura juntos?!

“Bom, eu tenho que contar uma pequena história aqui.
Quando eu fui para a Amazônia, no Acre, a gente foi de canoa, barco, essas coisas todas e de repente passava alguém e a gente ouvia, ‘Hei TXAI’.

Aí eu achei muito bonito esse negócio de chamarem “TXAI”, e esperei assim uns dois dias, até por que índio, seringueiros, essas coisas é bom pegar eles numa hora que eles estejam a fim de falar. Então, acabei achando um que chegou e me falou.

‘TXAI: mais que amigo, mais que irmão, a metade de mim que existe em você, é a metade de você que habita em mim’. Quatro letras.

E quando alguém te chama de TXAI, essa pessoa tá pronta pra dar a vida dela no lugar da sua, se for o caso”.

Depoimento de Milton Nascimento no álbum Pietá.

SUMÁRIO

	Página
Lista de Figuras	9
Lista de Tabelas	10
Lista de Anexos	11
Resumo	12
Abstract.....	13
 APRESENTAÇÃO.....	 14
 REFLEXÕES TEÓRICAS	 19
INTRODUÇÃO.....	20
A Diferença no Mundo Globalizado	20
As Identidades na Modernidade	27
Psicologia das Massas	37
Movimentos Sociais e Psicologia das Minorias Ativas	42
Antigos e Novos Atores Sociais nos Movimentos Sociais.....	47
Participação Política de Grupos Minoritários.....	49
As Paradas do Orgulho LGBT	56
Territorialidade e Identidade nas Paradas do Orgulho LGBT	68
OBJETIVOS	72
Pressupostos	74
MÉTODO	75
Participantes dos três estudos	77
Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Dados nos três estudos	78
Análise dos Dados dos três estudos	79
 ESTUDOS	 80
PESQUISA 1	81
Brasília e Goiânia	81
Método.....	81
Instrumentos e Procedimentos.....	82
Sujeitos	83
Análise dos Dados	85
RESULTADOS	87
DISCUSSÃO	91
 PESQUISA 2	 93
Questões de Gênero	93
Método	96

Sujeitos	96
Instrumentos e Procedimentos	97
Análise dos Dados	97
RESULTADOS	99
Entrevistada A	99
Entrevistada B	100
Entrevistada C	101
Entrevistada D	103
Entrevistada E	104
DISCUSSÃO	105
PESQUISA 3	107
São Paulo	107
Método	107
Sujeitos	108
Instrumento e Procedimento	108
Análise dos Dados	109
RESULTADOS	111
Classificações Descendentes Hierárquicas	111
Classificação Descendente Hierárquica das Classes	114
Classificações Ascendentes Hierárquicas	119
Ramificações e Classes	126
Ramificação/Classe “História Pessoal de Participação”	126
Ramificação “Política e Emoção”	129
Classe 1 – A Política e o Público	129
Classe 3 – Parada: Protesto da Emoção	132
Análise Fatorial de Correspondências	136
Eixos de Significado	141
Valor Próprio	145
DISCUSSÃO	146
Narratividade, Afetividade, Temporalidade e Individualização/Socialização.....	146
Influências Demográficas na Percepção dos Participantes.....	155
REFLEXÕES COMPARADAS	159
Evocação, Análise do Discurso e Alceste.....	159
CONCLUSÃO.....	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	186

Lista de Figuras

	Página
Figura 1: Detalhe da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (Folha Online, 2008)	57
Figura 2: Fotografia da primeira parada do orgulho (QQ Magazine, 2004).	58
Figura 3: Nota do jornal The New York Times sobre a revolta de Stonewall.	59
Figura 4: Nota do jornal New York Post sobre a revolta de Stonewall.	60
Figura 5: Trajeto da X Parada do Orgulho LGBT de Goiânia (AGLT, 2006).	70
Figura 6: Tela de Gestão do EVOC.....	82
Figura 7: Distribuição Referente ao Termo Indutor “Parada” (n sujeitos: 183; n palavras: 1151).	87
Figura 8: Distribuição das classes conforme classificação.....	113
Figura 9: Classificação hierárquica descendente das classes estáveis.....	114
Figura 10: Quadro sintético das palavras relevantes por classe.	118
Figura 11: Classificação ascendente hierárquica da Classe 1.....	120
Figura 12: Classificação ascendente hierárquica da Classe 2.....	122
Figura 13: Classificação ascendente hierárquica da Classe 3.....	124
Figura 14: Projeção ilustrativa do Plano Fatorial localizando as classes.	137
Figura 15: Projeção das palavras sobre o plano.	138
Figura 16: Projeção das categorias sobre o plano.....	139
Figura 17: Projeções de correlações entre as palavras sobre as ramificações.	142
Figura 18: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial, em termos de narratividade.....	147
Figura 19: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial em termos de afetividade.	149
Figura 20: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial em termos de temporalidade.	151
Figura 21: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial em termos de individualização/socialização.....	153
Figura 22: Posição e Correlação das categorias sobre o plano fatorial.	155

Lista de Tabelas

Página

Tabela 1: Motivação na Parada (Adaptado de Carrara, Ramos, Simões e Facchini, 2006).	66
Tabela 2: Estatística Descritiva por Cidade das Características Sócio-Demográficas.	83
Tabela 3: Cálculo dos recortes.	111
Tabela 4: Resultados básicos da Classificação Dupla.	112
Tabela 5: Estatística descritiva geral.	115
Tabela 6: Estatística descritiva Classe 1.	116
Tabela 7: Estatística descritiva Classe 2.	116
Tabela 8: Estatística descritiva Classe 3.	116
Tabela 9: Apresentação das palavras específicas da Classe 2 por χ^2 e frequência na classe.	127
Tabela 10: Apresentação das palavras específicas da Classe 1 por χ^2 e frequência na classe.	130
Tabela 11: Apresentação das palavras específicas da Classe 3 por χ^2 e frequência na classe.	132
Tabela 12: Valor próprio e porcentagem de associação de cada fator.	145

Lista de Anexos

	Página
Anexo A – Instrumento de Evocação – Brasília e Goiânia	187
Anexo B – Roteiro de Entrevista – Mulheres.....	188
Anexo C – Roteiro de Entrevista – São Paulo.....	189
Anexo D – Vocabulários Específicos das Classes.....	190
Anexo E – Localização das Palavras Subpostas no Plano Fatorial	192

Jesus, Jaques Gomes de. O Protesto na Festa: Política e Carnavalização nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) [Tese de Doutorado submetida ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasil, 2010, 194 páginas].

Resumo

Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais (LGBT) são eventos de ordem política para a população LGBT, articulações sociais representativas da racionalidade das manifestações de massa, conforme apregoadas por Surowiecki (2004). Iniciadas nos Estados Unidos durante os anos 70, enquanto marchas políticas de denúncia da violência, da criminalização e da patologização das pessoas LGBT, foram absorvidas e adaptadas à cultura brasileira, desvinculando-se das tradições de seu surgimento. São organizadas por grupos de defesa dos direitos humanos de LGBT, que se inscrevem no modelo que Gohn (1991) define como o dos novos movimentos sociais. Visto que a ação das paradas indica uma relação dinâmica e conflituosa entre os grupos excluídos e a sociedade que os oprime, sugere-se que vem ao encontro do que é defendido por Moscovici (1981) no que tange às minorias ativas. A presente Tese objetivou investigar a compreensão dos participantes das Paradas do orgulho LGBT acerca da natureza e do grau de sua participação política nesse evento, analisando evocações e discursos de participantes de Paradas do Orgulho LGBT acerca da Parada e sua constituição política e festiva. O estudo foi dividido em três estudos, com um número total de participantes 214 (duzentas e quatorze) pessoas. No primeiro estudo, cujo objetivo era identificar as percepções gerais de participantes de Paradas acerca desse evento, a fim de contribuir com subsídios para uma pesquisa mais aprofundada, foram analisadas as evocações feitas pelos participantes de Paradas das cidades de Brasília e de Goiânia, no ano de 2007, acerca do tema “Parada”, utilizando um instrumento de evocação, cujos resultados foram analisados por meio do software Evoc (Vergès, 2000). O segundo estudo, realizado em Brasília, no ano de 2008, investigou percepções de mulheres participantes e organizadoras de paradas, tendo como referência teórico-empírica as questões de gênero, tendo como objetivo entender as particularidades das mulheres que organizam ou que apenas participam desses eventos, e fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas que foram analisadas de acordo com análise do discurso orientada pela leitura crítica proposta por Gill (2003), a qual articula a fala do sujeito com o contexto vivido, e não com questões universais. O terceiro estudo, cujo objetivo era aprofundar os temas encontrados no primeiro e no segundo estudo, foi pautado por entrevistas semi-estruturadas, realizadas durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, de 2009, as quais foram analisadas por meio do software Alceste (Reinert, 1990, citado em Oliveira e cols., 2003; Reinert, 1983, 1990, 1993 e 1998, citado em Kronberger e Wagner, 2003). A parte empírica da Tese, que detalha a metodologia, explica mais aprofundadamente as razões para que cada estudo tenha sido feito em uma cidade diferente, dentre elas o fato de a coleta de dados ter ocorrido durante as Paradas, quando era possível entrevistar um número significativo de participantes. Por essa razão, ocorreram em datas diferentes, aproveitando-se a realização das paradas que ocorriam em diferentes datas nos diferentes lugares. Concluiu-se que as percepções de participantes e de organizadores das Paradas do Orgulho LGBT não necessariamente concordam, porém se identifica coesão entre os respondentes no que se refere à compreensão da Parada como um ato político e, ao mesmo tempo, festivo, além da noção de que a possibilidade de demonstrarem nesses eventos quem são e como preferem viver é, em si, um ato de manifestação política para além dos mecanismos tradicionais de participação política. Um protesto festivo.

Palavras-chave: Paradas do Orgulho LGBT, Movimentos Sociais, Identidade de Gênero, Percepções, Carnavalização.

Jesus, Jaques Gomes de. *The Protest at the Party: Politics and Carnavalization on Lesbian, Gay, Bisexual, Tranvestite and Transsexual (LGBT) Pride Parades* [Doctor Degree Thesis submitted to the Psychology Institute of the University of Brasília, Brasil, 2010, 194 pages].

Abstract

Lesbians, Gays, Bisexuals, Travestites and Transsexuals (LGBT) pride parades are events of political order to LGBT population, social articulations representative of the rationality of the mass manifestations, as defended by Surowiecki (2004). Begun at the United States during the seventies, as political marches of denounce of the violence, of the criminalization and of the pathologization of the LGBT people, they were absorbed and adapted to the Brazilian culture, getting farther from the traditions of its arouse. They are organized by groups of defense of the LGBT human rights, which are inscribed at the model that Gohn (1991) defines as that of the new social movements. Seen that the action of the parades indicates a dynamic and conflictuous relation between the excluded groups and the oppressing society, it is suggested that it comes in accord to what is defended by Moscovici (1981) in what attains to the active minorities. The present Thesis aimed to investigate the comprehension of the participants of the LGBT Pride Parades about the nature and the level of their political participation in that event, analyzing evocations and discourses of the participants of the LGBT Pride Parades on the Parade and its political and carnivalized constitution. The study was divided into three researchs, with a total number of 214 (two hundred and fourteen) people. In the first research, which aim was to identify the general perceptions of the participants of the Parades on this event, in order to contribute with resources to a deeper research, were analysed the evocations given by the participants of the Parades of the cities of Brasília and Goiânia, in the year 2007, about the theme “Parade”, by means of a instrument of evocation whose results were analyzed through the software Evoc (Vergès, 2000). The second research, realized at Brasília, in the year 2008, investigated perceptions of women participants and organizers of Parades, having as theoretical-empirical reference gender matters, having as objective understand the particularities of the women who organize or just participate of these events, and using half-structured interviews that were analyzed according to discourse analysis oriented by critical lecture proposed by Gill (2003), that articulates the speech of the subject with the living context, not with universal questions. The third research, whose objective was to deepen the themes found in the first and in the second research, was guided by half-structured interviews, realized during the LGBT Pride Parade of Sao Paulo, of 2009, which were analyzed through the software Alceste (Reinert, 1990, cited in Oliveira and cols., 2003; Reinert, 1983, 1990, 1993 and 1998, cited in Kronberger and Wagner, 2003). The empirical part of the Thesis, that details the methodology, explain more deeply the reasons for each study having being done at a different city, among them the fact of the data collection having occurred during the Parades, when it was possible to interview a significant number of participants. For that reason, occurred in different dates, getting use of the realization of the parades that occurred in different data in the different places. It was concluded that the perceptions of the participants and of the organizers of the LGBT Pride Parades not necessarily agree, although it is identified cohesion between the respondents in what refers to the comprehension of the Parade as a political act and, at the same time, a festive one beyond the notion that the possibility of them to demonstrate in these events who they are and how they would rather to live is, in itself, an act of political manifestation beyond the traditional mechanisms of political participation. A festive protest.

Key words: LGBT Pride Parades, Social Movements, Gender Identity, Perceptions, Carnavalization.

APRESENTAÇÃO

*“No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.*

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra”
Carlos Drummond de Andrade, “No Meio do Caminho”.

A idéia de estudar as Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) partiu, em primeiro lugar, de minha prática militante em direitos humanos, a qual me desenvolveu a vontade de conhecer mais cientificamente esse evento que tanto trabalho para organizar e tantas alegrias já me trouxe. Fui ensinada, nas ruas e no ativismo, que ocupar espaços públicos por meio das Paradas era um ato festivo e uma manifestação de civilidade.

Em um momento mais avançado dessa experiência de ir participando e depois organizando Paradas do Orgulho LGBT pude notar, então com olhos de psicóloga social interessada em movimentos sociais, que elas eram um fenômeno psicossocial.

Assim, estar nessas Paradas era entendido como um festivo ato de civismo, no sentido em que nesse tipo de manifestação as pessoas buscam, diretamente, o direito de exercer a sua cidadania e, indiretamente, o aprimoramento da democracia, por meio da concessão de maiores direitos aos cidadãos.

Será que os outros participantes pensavam o mesmo que eu? Isso daria um bom pontapé para muitas questões de pesquisa.

As Paradas se encontram imbricadas na vida de muitas pessoas que, nos demais dias, quando não acontecem paradas, aquelas pessoas têm seu espaço social e político reduzido. É, portanto, um momento de expressão de reivindicações e questionamentos da ordem estabelecida no que se refere aos direitos de uma minoria social.

O movimento social LGBT, porém, é pouco conhecido pela sociedade no aspecto de sua atuação política cotidiana, sendo que as paradas, enquanto manifestações festivas e, portanto, vistas como menos “carrancudas”, têm alcançado ampla visibilidade.

Podemos, a priori, definir essas Paradas como eventos de ordem política que visam massificar a visibilidade da população LGBT, dado que, historicamente, as práticas homossexuais e as de transgêneros (travestis e transexuais) são estigmatizadas, implicando em seu ocultamento. Essa é uma visão geral.

São movimentos da sociedade, organizados por grupos de defesa da cidadania LGBT, que se caracterizam por comportamentos de massa. Como tais, independentemente do tamanho, da organização, da qualidade da liderança ou da sofisticação dessa massa, espera-se que sejam vistas, por aquela coletividade que dela participa, como veículos para solução de problemas e expressão de sentimentos, ressentimentos, preocupações, temores, ânsias e esperanças.

Afiguram-se como manifestações que expressam, por um lado, ações políticas reivindicatórias de um lugar legítimo na ordem social e, por outro, mudanças sociais na construção das identidades de gênero, nas relações afetivo-sexuais.

Noto, com a minha experiência breve mas consistente de ativista — e esta é uma visão particular —, que a sociedade, em geral, mantém relações com as paradas LGBT que precisam ser melhor compreendidas, e não apenas constatadas. As autoridades públicas financiam os projetos das paradas, mas dificilmente regulamentam leis que garantam a liberdade de orientação sexual e de expressão da identidade de gênero; a população participa

maciçamente nos eventos, porém cerca a população LGBT, nos demais dias, de silêncios ou de falas preconceituosas, senão de ações discriminatórias.

As Paradas, originadas nos Estados Unidos durante a década de 70 do Século XX, eram marchas estritamente políticas de teor fúnebre ante a epidemia da AIDS e a criminalização de LGBT. As primeiras Paradas no Brasil foram realizadas a partir da década de 80, em número reduzido, com um foco estritamente reivindicatório. Em 2008, ocorreram quase duas centenas de paradas, dentre elas a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, maior mobilização por direitos civis do planeta, com estimados 3,5 milhões de pessoas. Já nesse transcurso temporal, foi notável que as manifestações assumiram um caráter reconhecidamente mais festivo, que se destaca ante à denúncia da homo/transfobia.

Paradoxalmente, de centenas de candidatos a cargos políticos no processo eletivo do mesmo ano, ligados ao movimento LGBT, tão-somente 5 vereadores foram eleitos. As paradas envolvem milhares, até milhões de pessoas, muito mais do que em outros países, o que sugere que pode haver um diferencial, a ser identificado, no comportamento coletivo de alguns brasileiros, o qual amplifica o alcance das paradas aqui realizadas. Entretanto, apesar de um número expressivo de pessoas que se mobilizam por direitos civis nas paradas, estas não necessariamente conseguem reverberar diretamente nas estruturas de poder.

Como aponta Ribeiro (2005), a visibilidade da população homossexual é cada vez maior, fruto da mobilização dos grupos organizados que desenvolvem estratégias de enfrentamento às adversas condições sociais a que LGBT são submetidos. O autor aprofunda a discussão quanto à percepção dos militantes frente às identidades dos sujeitos que buscam representar, mui apropriadamente, demonstrando que as estratégias de enfrentamento dos militantes partem da re-significação dos aspectos sociais e da oposição à estereotipia das identidades das pessoas homossexuais.

Observando-se criticamente a relação entre os participantes das paradas (aqueles que não apenas olham “do lado de fora”, mas se unem ao movimento da massa) e os militantes

que as organizam, infere-se daí uma dinâmica dialética, no sentido em que as concepções e os discursos desses dois grupos de atores sociais não, necessariamente, concordam entre si. Seria isso um fato ou apenas uma impressão?

A diversidade de opiniões presentes nas Paradas traduz-se na percepção de que há, entre esses atores sociais, uma vivência transitória que incorre em transformações pessoais e coletivas que dificilmente quaisquer deles conseguem explicar objetivamente.

Haveria nas paradas, que são a máxima expressão da estratégia dos movimentos LGBT de diálogo com a comunidade, uma confrontação entre a prática dos ativistas e a daqueles que se fazem presentes naqueles acontecimentos sociais, os quais denominamos participantes?

Como fenômenos sociais que demonstram adaptação e busca por inclusão na identidade social brasileira, essas Paradas são eventos ritualizados, que podem ser compreendidos como teatralizações entre o carnaval e a passeata política.

Definidas nesta Tese como manifestações públicas de movimentos sociais caracterizados por Gohn (1991) como “novos movimentos sociais”, por não estarem vinculados a governos ou partidos políticos, as Paradas do Orgulho LGBT podem, ainda, ser analisadas como ações de Minorias Ativas, segundo definição de Moscovici (1981). Nesse caso, tratar-se-iam de movimentos sociais que visam a inserção de grupos excluídos, sem pretender realizar mudanças estruturais radicais na ordem estabelecida.

Apesar do estereótipo de que a experiência militante não concorda com o trabalho científico, parto da concepção de que as experiências acumuladas na lide militante podem contribuir sobremaneira para a confecção do trabalho científico. Coadunando com o pensamento de Pollak (1992a), esta Tese de Doutorado adota um posicionamento político de adesão à idéia de inclusão das pautas de minorias no âmbito político, assim também se tornando um mecanismo de exposição pública das demandas de um grupo social que está em processo ininterrupto de visibilização e construção de sua identidade social.

A presente Tese de Doutorado tem por objetivo investigar as Paradas a partir das percepções dos seus participantes, tendo como referência a hipótese de haver uma dimensão psicossocial que estrutura a cultura particular das Paradas do Orgulho LGBT.

Percepção é aqui entendida, operacionalmente, como expressão da autoconsciência dos indivíduos, por meio da qual os sujeitos adquirem saberes (Martins, 1999). Sendo fenômeno individual, a percepção de algo apresenta diferentes graus de intensidade e de expressão para diferentes sujeitos, mas que podem ser partilhados por um grupo (Santos e Ramires, 2009).

Utilizou-se como método, em um primeiro momento, a associação livre de idéias, a partir da aplicação, em Brasília e em Goiânia, de um instrumento desenvolvido para a evocação do termo “parada” entre freqüentadores de paradas (participantes das mais diferentes caracterizações demográficas e ideológicas).

Em um segundo momento, foram entrevistadas mulheres em Brasília, com enfoque nas questões de gênero, e analisando-se os seus discursos.

No terceiro e último momento foi aplicado, em São Paulo, um questionário de investigação acerca da percepção dos participantes quanto aos aspectos de festa e de política da Parada do Orgulho LGBT.

REFLEXÕES TEÓRICAS

INTRODUÇÃO

A Diferença no Mundo Globalizado

“Como uma negra, lésbica, feminista, socialista, poeta, mãe de duas crianças incluindo um garoto e membro de um casal inter-racial, eu usualmente acho a mim mesma parte de algum grupo no qual a marjoritariedade define-me como desviante, difícil, inferior ou apenas sendo *‘errada’*”

Audre Lorde (2007), ativista, poeta e escritora.

As relações entre dominados e dominadores são repensadas e são pautadas, nos termos das relações contemporâneas, pelo consumo, mesmo que seja o consumo de pessoas transformadas em objetos, para satisfação dos desejos imediatos de quem tem o poder de consumir (Bauman, 1999), a exemplo das exposições das personalidades públicas, dos reality shows, dos outdoors sugestivos.

No processo de discriminação contra um determinado grupo social, as idéias, produtos, imagens do grupo opressor são valorizadas em detrimento dos similares do grupo oprimido; o grupo valorizado em detrimento do outro não se torna mais ele mesmo, é um espectro que depende do consumo excludente do grupo oprimido, um fantasma que se furta a viver no tempo presente porque é colocado/coloca-se no futuro, como futuro idealizado do humano, na idealização de si enquanto ideal do todo, metonímia.

O pensamento crítico com relação ao consumo parece concordar com o segundo paradigma de Thomas e Ely (2002), onde se vislumbra que o “consumo” de um grupo excluído pode ser pautado por um sentido de justiça social e de aprendizagem para o grupo incluído.

Para Derrida (1994), se o consumidor consome alguém, ele consome alguém que morreu, ou então consome algo carregado do espectro de um defunto, alguém que pode estar

morto, mesmo vivo, porque não é mais um sujeito, é, na sua subjetividade, uma representação, um deslocamento, tornando-se, na percepção do filósofo, a própria personificação de uma violência.

Essa breve reflexão sobre consumo busca formar um background para as relações no mundo contemporâneo, inserindo aqui uma reflexão quanto ao papel da sociedade civil organizada no enfrentamento às limitações da sociedade capitalista.

Autores como Schermerhorn (1967) utilizam em suas análises acerca das minorias políticas e sua relação com a sociedade o conceito de que essa é uma relação de poder que é afetada em períodos e situações de mudança social. Isto significa que a subordinação de um grupo social a outro tem diversas formas de se expressar, diversos graus de subordinação, e os membros do grupo dominado desenvolvem diferentes estratégias de enfrentamento às pressões por parte das coletividades que detém poder.

Como indicam Taylor e Moghaddam (1994) e Galinkin (2001), a forma como uma pessoa se identifica socialmente a um grupo, diferenciando-o dos demais, é uma experiência cognitiva e afetiva determinada pela comparação e contraposição entre os valores atribuídos ao grupo a que se adere (ingroup) e os valores atribuídos aos grupos limítrofes ao grupo ao qual se adere (outgroup). A formação dessa identidade social não se restringe a uma identificação estanque.

As atitudes com relação às diferenças entre os grupos podem ser negativas, como o medo/ódio/repulsa e a intolerância, podendo passar para a tolerância, a aceitação e a apreciação/valorização.

Os indivíduos tendem a favorecer os próprios grupos, e quando existem desigualdades na distribuição do poder social entre os grupos, os membros do grupo com maior poder exercem opressão sobre os membros do grupo com menos poder (Tajfel, 1982a, 1982b, 1982c).

Tanto o grupo “dominante” quanto o “dominado” constroem estereótipos e preconceitos em relação ao outro, podendo até mesmo concordar com a discriminação de membros do outro grupo, porém o poder dos membros do grupo dominante lhes permite oprimir os membros do outro grupo, não apenas de forma individual, mas também grupal, e até mesmo sistêmica, entendida como a falta de direitos ou o não-atendimento das necessidades de determinados grupos sociais por parte das instituições.

Como discute Hall (1997b), estereotipar faz parte do mecanismo de manutenção da ordem social e simbólica, por meio da naturalização das desigualdades e exclusões, estabelecendo uma fronteira entre o normal/aceitável e o desviante/patológico.

Um dos fenômenos observados nesse processo de opressão é a valorização de traços atribuídos ao grupo em vantagem e a desvalorização de traços atribuídos ao grupo em desvantagem (Tajfel e cols., 1971), algo que Elias e Scotson (2000) exploram ao investigar e conceber as concepções contrapostas de que as pessoas do grupo em vantagem se “estabelecem”, ao contrário dos do outro grupo considerado como de “forasteiros”. É uma metáfora espacial significativa.

Decerto as relações entre os grupos sociais na atualidade não são desconectadas de uma construção histórica extremamente contraditória. Como relata Buarque (1999), apesar de o lema da Revolução Francesa ter sido Liberdade, Igualdade e Fraternidade, “(...) a Europa, que ao longo dos séculos usou a escravidão, repudiava a discriminação e a segregação, mas sem abolir as desigualdades” (p. 12).

No ensinamento de Torres e Dessen (2002; 2008) acerca da cultura brasileira, a desigualdade, além de ser aceita, é um padrão da cultura nacional. Em quaisquer organizações nota-se claramente um continuum de dominação e discriminação relativo ao racismo, ao etnocentrismo, ao machismo, à homofobia, ao classismo et cetera.

O estabelecimento de uma sociedade que utiliza de forma intensa as tecnologias da informação e a comunicação subsidia a adaptação das antigas moralidades às práticas sociais

de hoje, visto que a troca de informações em rede se torna elemento central da atividade humana (Castells, 2008). Isso ocorre em um sentido de seleção, por equiparação, dos novos valores aos valores anteriores, e não por adequação dos novos valores aos valores anteriores, tamanha é a discrepância ideológico-pragmática entre eles.

É um fator da globalização que o mundo contemporâneo esteja marcado por um período de fortes transições na compreensão e na constituição subjetiva dos grupos sociais, especialmente os sócio-historicamente discriminados (Bhabha, 1998; Hall, 2006), que lutam para serem posicionados como interlocutores legítimos e em igual posição aos demais, e não mais como seres subalternos.

No arco-íris da diversidade humana há várias dimensões, e com as atuais condições de informação e comunicação, o espectro dos grupos dominantes — em geral: Brancos, ocidentais, machos, heterossexuais e de uma identidade de gênero cisgênera (pessoas cuja identidade de gênero está de acordo com o seu sexo biológico) — pode ser visto como apenas um dos espectros, o qual, porém, denunciam os grupos oprimidos, tende a ser sobreposto aos demais, preferido aos demais, sob a aparência de pólemos: mais belo, senão mais verdadeiro, senão mais justo.

Identidade de gênero é definida nesta Tese como a forma pela qual os sujeitos se identificam com um gênero, nos seus mais diversos aspectos e implicações pessoais e sociais.

Allport (1954) nos ensinou que o paradoxo fundamental da diversidade humana é o de que somos todos iguais, porém diferentes e únicos. Os estudos em Diversidade Cultural nas Organizações verificam que há muitas dimensões primárias constituintes do que se chama “Diversidade cultural”, dentre elas, destacam-se a idade; raça/etnia; gênero; orientação sexual e habilidade física (Loden & Rosener, 1991).

No tocante ao Brasil, a diversidade se torna uma questão fundamental para a constituição da sociedade brasileira, visto a enorme heterogeneidade cultural que forma a identidade dos brasileiros, que se estrutura enquanto melting pot, lugar onde as diferenças

culturas se imiscuíram para formar algo novo que, apesar de diferente do que antes havia, mantém sua relação com as origens. Entretanto, apesar do débito brasileiro aos benefícios do multiculturalismo que formaram o país, Torres (1999) afirma que a dimensão do coletivismo vertical é tipicamente brasileira, o que coaduna com o pensamento de DaMatta (1983) quanto à formação de nossa sociedade.

O Estado brasileiro conseguiu realizar as metas de desenvolvimento tecnológico, urbano e de investimento na mão-de-obra industrial dos anos 50, entretanto fracassou no projeto social: as metrópoles polarizadoras do poder continuaram a centralizar as atenções, inclusive o controle dos meios de comunicação de massa, ou seja, foram infundados os juízos das autoridades de que o êxito econômico se reverteria invariavelmente em ganhos sociais.

Quanto mais as sociedades se interpenetram na conjuntura da globalização, mais se pluralizam as diferenças individuais e grupais, ou, no mínimo, as diferenças já existentes se tornam evidentes, quando anteriormente não o eram. No Brasil, as relações de gênero, enquanto relações de papéis socioculturais, têm sido rediscutidas e contestadas, mesmo que a discriminação de gênero permaneça, indicada, por exemplo, pelas diferenças de rendimento salarial entre homens e mulheres, pelo maior risco de desemprego a que as mulheres são submetidas (Zauli-Fellows, 2006).

A luta dos oprimidos não é inócua, segundo Moscovici (1981). O poder das minorias ativas está em contestar as concepções hegemonicamente condicionadas, transformando-as para que se aproximem do ideal que almejam.

A ação coletiva, como defende o modelo de cinco estágios das relações intergrupais, desenvolvido por Taylor e McKirnan a fim de “incorporar tanto processos macro quanto micro na interpretação do comportamento intergrupar” (Taylor & Moghaddam, p. 139; 1994), é calcada no aumento da consciência do grupo em desvantagem acerca da injustiça de sua condição, leva os oprimidos a renovar as dimensões da comparação social, por meio de

estratégias de competição, de reavaliação e de originalidade social (Taylor e Moghaddam, 1994).

Os cinco estágios incluem:

1. Relações intergrupais claramente estratificadas;
2. Ideologia individualística;
3. Mobilidade social individual;
4. Aumento da consciência; e
5. Ação coletiva.

Taylor e McKirnan defendem que, inerente ao modelo, configura-se a idéia de que “raramente, ou nunca, o relacionamento entre dois grupos é perfeitamente igual. Logo, o modelo tenta explicar relações entre grupos onde um está em vantagem e o outro está em desvantagem” (Taylor & Moghaddam, 1994, p. 140).

A dinâmica das relações intergrupais, no modelo de cinco estágios das relações intergrupais, considera o tempo, para as transformações sociais, a longo prazo, afirma literalmente que “os cinco estágios podem levar séculos para ser completados” (p. 141), apesar de também poderem ocorrer em um período mais curto. Isso é deduzido amplamente como dependente de fatores históricos, sociais, econômicos, políticos e psicológicos: se o estado estratificado e diferencial da sociedade é “aceito como parte da realidade social” (p. 141).

O primeiro estágio do modelo se refere a sociedades altamente estratificadas, em que não há possibilidade de mudança entre as classes, o status de cada grupo é completamente rígido, e os membros de grupos em desvantagem atribuem sua posição desprivilegiada a si mesmos.

No segundo estágio, a estratificação não se baseia mais em características atribuídas aos grupos em desvantagem, sua base de critério passa a ser as conquistas, na conjuntura da modernização e do aumento da classe média, em que se valorizam mais as habilidades ocupacionais e a complexidade dos papéis; isso gradualmente leva à ideologia de mobilidade social do indivíduo. Ainda julgam que merecem estar em desvantagem.

No terceiro estágio, membros do grupo em desvantagem tentam ir para o grupo em vantagem; para tanto, adotam uma série de características desse grupo, apesar de reter fatores do grupo em desvantagem suficientes para manter sua própria identidade.

No quarto estágio, os indivíduos que passaram pelo terceiro estágio, mas não foram bem sucedidos em passarem a fazer parte do grupo em vantagem, retornam ao seu grupo de origem e instigam a ação coletiva. Os poucos bem sucedidos reafirmam sua crença na justiça do sistema, e se conformam às normas do grupo em vantagem.

Um ponto fundamental para incentivar a ação coletiva, na perspectiva desse modelo, é um número grande de membros do grupo em desvantagem notar que a ligação entre habilidade e esforço, e “subir na vida” é inválida, e se perceberem injustamente discriminados.

No quinto e último estágio ocorre a ação coletiva, calcada no aumento da consciência do grupo em desvantagem acerca da injustiça de sua condição. Nesse estágio, o grupo em desvantagem usa as estratégias de competição, de reavaliação e de originalidade social, a fim de criar “novas dimensões para comparação social” (Taylor & Moghaddan, 1994, p. 148).

A marcação das diferenças e, concomitantemente, das exclusões, relata Hall (2009), é produzida “em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (p. 109). Ora, segundo o autor, é dessa mesma conjuntura discursiva e de poder que emergem as identidades, ou seja, as identidades são “naturalmente” marcadas pela não-unicidade e pela diferenciação interna.

As Identidades na Modernidade

“Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são negros”.
Audre Lorde (2007), ativista, poeta e escritora.

Tajfel (1982c) mostra que o conceito de identidade social está intrinsicamente ligado ao de grupo, o qual se define por critérios internos e externos a si mesmo, e define essa identidade como a “parte do auto-conceito dos indivíduos que deriva do seu conhecimento de pertencimento a um grupo social, associado à significância emocional desse pertencimento” (p. 24). Essa concepção de identidade como um posicionamento dos sujeitos frente à idéia e ao sentimento de pertencer a um determinado grupo é reiterada por Hall (2006), Louro (1998, 2000) e Parker (2000).

Tajfel (1983) retoma a Teoria da Comparação Social de Festinger (1964), autor que também trata da Teoria da Dissonância Cognitiva, de 1975. Segundo Festinger (1964), a comparação social é uma decorrência da busca do indivíduo por informações mais completas acerca de si próprio, a partir das percepções de outros, para aprofundar aquele conceito de identidade, e conceber, em termos mais socialmente amplos, que existe uma correlação entre as categorias sociais e as identidades sociais efetivada pela comparação social.

Ora, entende-se, a partir do acima exposto, que a constituição da identidade social não se dá isoladamente, mas a partir de comparação com outras identidades e com outras categorias sociais. Assim, é esperado que, em um contexto de comparações que não precisam concordar com a realidade desse outro, os sujeitos tendam a conceber erros ou cheguem a falsas conclusões sobre a sua posição frente aos outros.

Doravante, entendendo que a identidade social não é única, porém realizável por meio de múltiplas identidades sociais, de sujeitos reais para além do conceito, entenda-se que a utilização do termo identidade social se refere às múltiplas identidades sociais, mesmo em um grupo como o LGBT, considerando sua diversidade interna.

Hogg (1954) descreve a identidade social como uma construção complexa. Afirma o autor que o conceito que o indivíduo tem de si próprio é relativo a múltiplas categorias sociais com as quais esse indivíduo se relaciona, o que possibilita um repertório de processos identificatórios ao qual nomeia identidade social.

A partir de uma análise sociológica funcionalista, Sumner (1906) criou o conceito de etnocentrismo, relativo à forma como certos grupos justificam sua superioridade sobre outros, e também cunhou os termos ingroup e outgroup para se referir ao grupo interno (o nosso grupo) e ao grupo externo (o grupo dos outros), respectivamente, para explicar como se dão os conflitos inerentes à permanência do etnocentrismo.

Billig (1976, citado em Miranda, 1998) consegue distinguir a identificação pessoal da identificação a um grupo, ao constatar que, em certos contextos, a identificação ao ingroup pode diminuir uma orientação mais individualista dos sujeitos, e Leyens (1985) vai reforçar que as concepções estereotipadas sobre o outro irão aumentar a percepção de diferenças.

Ou seja, o entendimento do outro a partir de estereótipos leva os sujeitos a notarem mais as diferenças entre eles do que as semelhanças. Relativamente aos estereótipos sobre o outro, Campbell (1967) afirma que os membros do grupo externo (outgroup) tratarão esses estereótipos como absolutamente verdadeiros, devido ao fato de não perceberem que seus julgamentos são subjetivos.

Imediatamente são evocadas as reflexões de Norbert Elias e Scotson (2000) quanto à não-estaticidade das identidades, no sentido em que a forma como os sujeitos se percebem pode mudar, uma vez que essas identidades são pautadas em relações e processos que dependem de forma crucial do modo como o outro enxerga o eu. Mudanças ocorrem, em

geral, dependendo das circunstâncias. Na conjuntura da globalização, os movimentos sociais agem coletivamente e demonstram a frágil subjetividade dessas percepções estereotipadas sobre os outros, demonstrando que há uma diversidade maior do que a normatizada, e reclamando espaços na sociedade.

Para Touraine (1997), a modernidade racionaliza e subjetiva os sujeitos por meio do mecanismo da formação de identidades coletivas cuja origem Melucci (1989, 1996) vai identificar nos movimentos sociais. Nesse sentido, o sujeito se identifica cada vez mais como “nós” politicamente situado, antagônico ao status quo.

A idéia de uma identidade grupal tem sido questionada por meio das discussões quanto à natureza da ação coletiva. Até que ponto os atos de uma coletividade correspondem a uma identidade de grupo coesa? Touraine (1997) distingue o conceito de ações coletivas do de movimentos sociais e considera que mesmo grupos não-organizados podem agir coletivamente, retomando implicitamente a idéia de “massa”.

Os atores sociais forjam os movimentos a partir dos conflitos sociais e dos seus projetos de vida voltados à mudança de condições subalternas. Surge a idéia de “autores” de identidades, mais do que apenas atores, porque tais sujeitos representam as identidades que se tornam objetos de seus projetos de transformação social.

Essa reflexão sobre formação de identidades é abordada por Bauman (2005) a partir da concepção de que, no mundo contemporâneo, marcado pela velocidade das mudanças sociais, o sujeito fica deslocado, as relações pessoais e interpessoais se tornam fluidas, de modo que a instabilidade nas identidades torna-se propícia à proliferação de possibilidades de o indivíduo vivenciar diferentes identidades sociais.

Conforme discutia Foucault (2001), ao afirmar que “não há sujeito absoluto” (p. 295), as relativizações possíveis desses novos sujeitos vão formando uma nova identidade social a partir das correlações entre os vários conceitos e projetos existentes, de modo que as

incontáveis ações coletivas possíveis são criadas por atores específicos, e reproduzidas por outros, tornando-se, no mundo contemporâneo, objeto de atenção dos meios de comunicação.

O debate público em pauta poderia remontar àquele da pólis grega, onde os cidadãos debatiam as ações a se tomar coletivamente, porém o conceito atual de democracia hoje abrange muito mais sujeitos considerados cidadãos do que outrora, e ao mesmo tempo, já passou pela deletéria experiência histórica do não-diálogo, da radical negação da identidade do outro representada pelos campos de concentração nazistas, pelos gulags da extinta União Soviética, de modo que, para preservar o ideal da ágora grega — aberta apenas para o restrito grupo de pessoas consideradas como “cidadãos” na época — deveríamos estar alertas a qualquer risco de resvalar para o autoritarismo.

Para Sennet (1988) o significado das relações políticas como relações civilizadas tem-se esvaziado no mundo contemporâneo, em função da contínua desconstrução da intimidade, da exposição das vivências privadas ao mundo público e, paradoxalmente, diminuindo a sociabilidade advinda da experiência de buscar conhecer o outro por meio de sua atuação no espaço público, e não da espionagem de sua vida privada. Isso abre espaço para a descoberta de mundos privados antes ignorados, ou desprezados, como o das sexualidades não-hegemônicas, tais como as de LGBT, e ao mesmo tempo reduz o interesse da sociedade ou dessa comunidade em ações políticas mais abrangentes e intervencionistas no contexto social do que apenas a mera exposição das intimidades.

Em suma, mudanças em nossa sociedade levam (e levaram) a mudanças identitárias, que repercutem também no campo da sexualidade, onde agora LGBT buscam, a exemplo da luta feminista, transformar assuntos tidos como privados em pautas de ordem pública. O grande desafio é preservar as intimidades mesmo que tornando as práticas nelas vividas em assunto de discussão e justificativa para a participação política.

Essa colocação alinha-se à concepção de Foucault (1988) acerca dos focos de saber-poder, em que a produção de saberes é concomitante às relações de poder. Isso incorre no

dispositivo da sexualidade, o qual institui o sexo como uma forma de verdade acerca dos indivíduos, forma de controlar os corpos e os prazeres.

A sexualidade, como diriam Giddens (1993) e Foucault (1988), é elemento central dessa discussão pública, identitária, onde as práticas sexuais se tornam elementos de identificação social na sociedade contemporânea e objeto de reflexão e visibilidade.

Nos novos movimentos sociais, Melucci (1989) vai identificar as dimensões subjetivas, afetivas e culturais como indissociáveis do contexto sócio-histórico, isso os distingue dos “velhos” movimentos sociais, no entendimento de Touraine (1992), que se concentravam no controle do poder, e na organização do trabalho. Evidencia-se que a dimensão afetivo-sexual é nuclear na rediscussão da sociedade contemporânea, o que é reforçado pela concepção de Boaventura de Souza Santos (2002), para quem discutir a identidade é discutir o lugar do eu no mundo e o lugar do outro nesse mundo.

Há uma desconstrução das opiniões tidas como verdades que não se restringe ao sentido lingüístico apresentado por Derrida (1971); há uma quebra do automatismo na forma como se lida com as coisas do cotidiano: não basta reconhecê-las distraidamente, faz-se mister vê-las e vivenciá-las, o que depende da atitude de estranhamento (Kothe, 1981) face àquilo que se tem como certo. Reforçamo-nos em Austin (1990), para quem há discursos que não consistem unicamente na descrição ou relato acerca de algo ou de um estado de coisas, há aqueles que produzem um estado de coisas, tornando-se performativos. Estão-se construindo novas identidades sociais.

Esse processo reitera a fragilidade da condição humana. Butler ilustra enfaticamente essa condição das identidades (Butler, 2009; Cavarero e Butler, 2007), ao entender que, contemporaneamente, é impossível reconciliar uma identidade mutável com o evitamento de que as identidades sejam vulneráveis a mudanças (Cavarero & Butler, 2007).

Como Butler, uma das pensadoras da Teoria Queer, demonstra em seu livro Problemas de Gênero (Butler, 2003), mesmo a diferença entre pessoas heterossexuais e homossexuais

não há uma fronteira conceitual-prática concretamente definida, e o desempenho (performance) de gênero coloca-se como um aspecto socialmente construído, cuja suposta fixidez é abalada pela existência de pessoas que vivem a ambigüidade de gêneros, como drag queens e drag kings, ou de pessoas que não se identificam com o sexo que lhes foi imposto ao nascer, como as/os transexuais.

Um exemplo dessa questão é a discussão sobre a luta pela despatologização da transexualidade, tida no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Diseases – DSM-IV) como um transtorno de identidade (APA, 1994) (na Classificação Internacional de Doenças – CID-10 o “transexualismo” abarca o código F-64) (OMS, 2008), mas que, a partir de demandas do movimento social, é rediscutida para que seja reconhecida como uma questão identitária onde o diagnóstico (o reconhecimento “oficial” da identidade) leva ao alívio do sofrimento da pessoa que vivencia o denominado “transtorno de identidade de gênero” ou “disforia de gênero” (Butler, 2009; Bento, 2006, 2008).

Homem transexual é definido como aquele “que reivindica o reconhecimento social e legal para o gênero masculino” (Bento, 2008, p. 143), e mulher transexual é definida como aquela “que reivindica o reconhecimento social e legal para o gênero feminino” (idem).

Como parêntesis, vale lembrar que essa é uma questão que vem sendo desconstruída, como demonstra Bento (2006, 2008), a partir de uma nova ótica, que entende a transexualidade como uma “expressão identitária (...) relacionada à capacidade dos sujeitos construírem novos sentidos para os masculinos e os femininos” (Bento, 2008, p.19). Recentemente o Ministério da Saúde francês suprimiu a transexualidade de um artigo da Previdência Social que a relacionava a psicopatologias, passando a considerá-la uma “condição de longa duração” (G1, 2010).

No Brasil, o espaço público, que antes era polarizado entre a casa grande e a senzala, hoje se divide entre o “asfalto” e as favelas, e assim as vozes das favelas retomam a denúncia

das senzalas, em um novo contexto social, onde novas identidades sociais lidam com problemas cuja causa remonta a séculos.

O fato de vivermos um período temporal de pós-colonialidade (Bhabha, 1998; Hall, 2006; Mignolo, 1999) e de busca pela valorização das diferenças não permite que o gozo dos direitos seja globalizado de forma equânime e imediata: a consolidação estrutural das transformações ora postas pela atualidade depende não apenas de desejos de valorizar e/ou ser valorizado(a) como diferente.

Considera Woodward (2009) que, dentre as novas “arenas de conflito social” (p. 29) inerentes às mudanças globais na estrutura das classes sociais, estão aquelas baseadas no gênero e na sexualidade, de modo que os indivíduos têm à sua disposição uma diversidade de posições que elas podem ou não ocupar.

As identidades sexuais tornam-se mutáveis, e fronteiras outrora tidas como certas, hoje são difíceis de se estabelecer, tornando as identidades sexuais ambíguas, gerando “tensões entre as expectativas e normas sociais” (Woodward, 2009. p. 32), que podem ser representadas pelos casos cada vez mais visíveis de filhos de pais homossexuais. Em geral se espera que os pais sejam heterossexuais.

Para além de ser apenas uma nova dimensão da individualidade, da vida privada das pessoas, a forma como se vive a própria sexualidade e a identidade de gênero é mediada por significados produzidos pela cultura, como defende Woodward (2009).

Os tidos como excluídos estão reconstruindo suas identidades — mesmo a idéia de “exclusão” passa por um novo paradigma em construção, caracterizado pela descartabilidade dos excluídos para os processos produtivos (Wanderley, 2002) —, e não nos furtamos a observar nesse contexto as reflexões de Judith Butler (Gallina, 2006; Prins e Meijer, 2002) acerca da continuidade entre a sexualidade e as práticas sociais, fenômeno contextual e mutável no qual convergem as configurações relacionais, culturais e históricas.

Para Butler (2003) o movimento LGBT será bem sucedido em sua identificação como sujeitos sexuais se adotar, como uma das estratégias, a contraposição a qualquer normalização político-identitária, mesmo que advinda do próprio movimento. Ora, essa teoria da pós-identidade não parece coadunar com a lógica de atuação do movimento LGBT, que, como indica a própria sigla, busca reforçar a fixidez de suas identidades sociais, e reivindica, na sociedade, espaços para a expressão dessa diversidade. Inclusive, pode-se notar, nas Paradas do Orgulho LGBT uma expressão dessa proposta identitária.

Um exemplo prático adotado pela autora é o da legalização das uniões entre pessoas do mesmo sexo, no qual, ao contrário do que defendem as correntes identitárias do movimento social, Butler (2003) advoga a não-fixação em uma constituição específica de parentesco, para que seja bem sucedido o questionamento quanto à heterossexualidade da instituição “parentesco”. Em outros termos, a autora defende “vínculos” baseados nas redes de afeto e não instituições determinadas pelo Estado.

Tais questões se colocam no âmago da discussão sobre as identidades e a diferença no mundo contemporâneo, e como aponta Silva (2009), essas identidades e diferenças são construídas linguisticamente de forma concomitante para diferenciar uma identidade de outras, e quando falamos de identidades nacionais isso também se coloca, como aponta o autor, ao comentar que, por exemplo, a identidade brasileira “é o resultado da criação de variados e complexos atos lingüísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais” (p. 77).

A possibilidade de pessoas com pontos de vista diferentes daquele tido como ortodoxo (naturalizado como correto, normal, direito, justo) terem suas opiniões e posições divulgadas aumenta, assim, o número de “autores”, de sujeitos com identidades grupais novas, multiplica-se, prolifera. O debate é cada vez mais público, é cada vez menos uma propriedade privada ou propriedade de uma crença hegemônica.

No contexto brasileiro, Gontijo (2009) é um autor que defende a idéia, adotada dos estudos de Roberto Da Matta e corroborada nesta investigação, de que, sendo o carnaval um momentum de reforçamento da identidade nacional por meio de ritualizações expressas, é em tal contexto que as pessoas com desejos homossexuais irão encontrar brechas para construir identidades homossexuais e sociabilidades homossexuais, ou mesmo identidades “homossociais”, que se forçam a acontecer “em espaços não forçosamente ‘gays’” (p. 181). E é do confronto no espaço público entre os não-homossexuais e “os outros” que são construídas as diferenciações e, logicamente, as identidades.

Questiona-se, em particular, se, a partir das ações reivindicatórias e dos questionamentos suscitados pelo movimento LGBT acerca da sexualidade e da identidade de gênero, surgem padrões do que é o “novo homem”, o homossexual, a mulher, o negro, novas concepções do que é exercer tais papéis sociais as quais superam a antiga estereotipação e, ao mesmo tempo, limitam a proliferação de significações resultante da quebra da percepção de normalidade/naturalidade da concepção anterior.

Se das avenidas a “massa” advoga novas identidades, as Paradas do Orgulho LGBT se afiguram como o instrumento mais socialmente visível para essa reivindicação que é também negociação.

Em um trabalho ensaístico, diz Baudrillard (1985) que a “massa” tem uma “energia potencial” que se movimenta entre a passividade e a espontaneidade. Considerada pelo autor como selvagens, as massas não teriam História, porque sua força é sempre atual. Quando passivas, são “maiorias silenciosas”, quando explodem, tornam-se protagonistas da História.

Essa visão, por mais elaborada que seja sua fundamentação lingüística, é firmemente calcada em conceitos sobre o que é “massa”, que se formaram, mudam ou permanecem ao longo dos tempos modernos. Se para Baudrillard massa não é um conceito, mas noção viscosa, é interessante pontuar que o autor atribui características a essa massa, tais como a de

que ela não gera sentidos, a saber: a massa tem uma imagem de Deus, não uma idéia de Deus, ressalte-se, a qual é pauta de uma minoria privilegiada que se ocupa do sentido das coisas.

Essa pode não ser uma posição argumentativa do autor, porém serve como reflexão inicial quanto às imagens clássicas acerca das massas.

Para autores como Tarde (1976) e Cooley (2003), quanto maior a densidade populacional, maior a competição pelos recursos que as cidades podem oferecer. Na conjuntura contemporânea dos movimentos sociais, a luta pela igualdade de oportunidades se subscreve nessa complexa rede de competição ao demandar melhores condições de competição aos grupos sócio-historicamente discriminados. É nesse sentido que se inscrevem ações coletivas como as manifestações de massa.

Psicologia das Massas

“E aquelas crianças precisam aprender que elas não têm que se tornarem iguais umas as outras para trabalhar juntas por um futuro que elas irão compartilhar”
Audre Lorde (2007), ativista, poeta e escritora.

Considerando-se que as manifestações coletivas constituem a estrutura do fenômeno em questão, a presente Tese objetiva abordar sucintamente um panorama da Psicologia das Massas, a qual, como área do conhecimento psicológico, está atenta às especificidades no funcionamento das massas enquanto um ente que age diferentemente dos sujeitos particulares que a compõem.

Etimologicamente, o conceito psicossocial de “massa” refere-se à totalidade ou grande maioria, a um número considerável de pessoas que mantêm entre si uma certa coesão de caráter social, cultural, econômico, a uma turba, a uma multidão (Ferreira, 1986). Apropriações terminológicas têm sido feitas ao longo do tempo acerca do termo massa, e no que concerne aos pesquisadores, essas aquisições e transformações dos conceitos, senão lingüisticamente, estão patentes no campo da terminologia científica. Desde o francês “foule”, usado por Le Bon (1855) em “Psychologie des Foules”; o alemão “masse”, apropriado por Freud (1921) em “Massenpsychologie und Ich-Analyse”; e o inglês “group”, utilizado por McDougall (1920) em “The Group Mind”.

O interesse em se compreender os fenômenos de massa decerto é antigo, porém, sua pesquisa científica remonta a meados do Século XIX, formando conceitos que se preservaram ao longo dos séculos. Esse investimento na investigação e compreensão da massa principia em um contexto europeu tomado pelos tumultos urbanos característicos do período em questão, circunstância histórica que se tornou terreno propício para que pesquisadores

refletissem acerca dos comportamentos de massa a partir de uma ótica preconceituosa, em que estes eram vistos como irracionais, desordenados e instáveis.

Autores representativos desse período são Mackay (1841), Brown (1954), que desenvolveu uma taxionomia dos tipos de comportamentos coletivos, destacando o de “tumultos urbanos”, e Gustave Le Bon (1895).

Le Bon era um autor prolífico, que estava envolvido por idéias variadas, e algumas evidentemente associadas à lógica eugenista da época, como a de superioridade racial, comportamento de “manada” e Psicologia das Massas. Sua contribuição principal no campo da Psicologia das Massas, que fortaleceu o campo, foi a idéia de que a massa é uma entidade psicológica independente, apesar da concepção negativa que ele atribui a essa entidade, pois para ele as decisões dos indivíduos podem ser racionais, mas dificilmente as de uma massa também o serão.

Essa concepção preservou-se durante décadas, tanto no espectro científico quanto no popular, o que foi contestado por autores de meados do Século XX, como McDougall (1920), que começaram a considerar que existem condições para a “elevação da vida mental coletiva”, de acordo com a expressão do pesquisador, as quais ele descreve como: (1) a persistência no grupo; (2) a idealização da natureza, composição, funções e capacidades do grupo; (3) interação com outros grupos semelhantes, com diferenças pontuais; (4) tradições, costumes e hábitos, em especial na relação entre membros; e (5) estrutura definida.

Esse delineamento decerto se confunde com o de grupos, e remonta ao conceito maior de que a massa é racional, que existe uma “sabedoria” das massas. É central para a Psicologia das Massas a discussão sobre se as multidões são racionais ou irracionais. E como se observa, cada vez mais os autores modernos como Canetti (1995) e Surowiecki (2004) têm considerado a natureza racional das multidões, caracterizada, apesar de constituída por um número elevado de indivíduos, por qualidades como regularidade, cooperação, inibição de conflito e adaptação.

As articulações sociais representativas da racionalidade das manifestações de massa apregoadas por Surowiecki (2004) se constituem como movimentos sociais relativamente estáveis e coesos.

Essa idéia remete à discussão acerca da percepção de homogeneidade do outgroup (o grupo do outro) e de heterogeneidade do ingroup (o nosso grupo), o que leva tanto à despersonalização do “outro” grupo como ao fortalecimento da percepção de uma identidade em comum no “nosso” grupo (Sumner, 1906; Leyens, 1985; e Billig, 1976, citado em Miranda, 1998).

Para os novos autores, a massa é um sistema social organizado, estruturador de comportamento coletivo, de modo que mesmo a mais simples observação do cotidiano, desde que prevenida ante a estereótipos, atesta que decisões tomadas em grupo são melhores que as individuais, porque a massa toma decisões mais rapidamente, é menos sujeita à influência de agentes externos e é auto-organizada.

Porém, na perspectiva de Surowiecki (2004), nem toda massa é sábia, intrinsecamente. Falhas de julgamento decorrentes de defeitos sistemáticos no sistema de tomada de decisões podem levar a massa a tomar decisões irracionais, incoerentes, erradas porque interferentes no sucesso de suas decisões. Tais erros de juízo se constituem pela:

- (1) Consciência excessiva da opinião alheia, que leva a imitação; e pela
- (2) Perda de informações e juízos pessoais.

Nessa perspectiva, as conseqüências do mau desempenho da massa quando da imitação e da perda dos juízos pessoais são o excesso de centralização, a fragmentação no acesso às informações e a imitação irrefletida dos comportamentos e decisões da maioria.

Para que se possam desenvolver massas ditas sábias, que apresentam bom desempenho na tomada de decisões, os autores consideram como importante a descentralização no uso das

informações, a liberdade no acesso individual às informações, a independência para formação de opiniões individuais e a habilidade em traduzir os juízos individuais em decisões coletivas.

É interessante apresentar a idéia de Canetti (1995), para quem a massa é um recurso dos indivíduos para se libertarem do temor de ter contato com o desconhecido, pois a massa iguala os sujeitos, trazendo-lhes segurança, e para o autor, ela tem como características (1) a busca por crescimento contínuo, incluindo-se aí a necessidade de ser cada vez mais densa; (2) a prevalência da igualdade no seu interior, o que fortalece as teorias igualitárias em seu âmago; e (3) a necessidade de uma direção, uma meta comum que fortalece o sentimento de igualdade. Canetti defende que as massas se originam na unidade primitiva conhecida como “malta”, na qual pequenos grupos humanos se deslocavam sem a possibilidade de crescerem.

Milgram e Toch (1969) advogam a idéia de que movimentos sociais caracterizam um comportamento de massa, e de que, logo, o sucesso de um movimento social não depende de tamanho, de organização, de qualidade da liderança ou de sofisticação dessa massa, mas da sua capacidade de expressar sentimentos, ressentimentos, preocupações, temores, ânsias e esperanças de uma coletividade; e do quanto pode ser visto como veículo para solução de problemas generalizados.

Smelser (1962) defende que os movimentos sociais, como movimentos de massas, podem ser definidos como movimentos gerais, sem uma meta em particular, ou orientados por normas ou valores. As massas organizadas orientadas por normas dependem de condições estruturais para implementação das normas, como no caso do movimento abolicionista, que dependia de mudanças na estrutura econômica para concretizar os ideais de liberdade e igualdade que se chocavam com a prática escravocrata. Os movimentos orientados por valores, ou seja, pautam-se pela mudança de valores vigentes, e podem resultar em (1) revolução política, (2) uma coletividade em princípio revolucionária, mas contida no sistema político, ou (3) desaparecimento do próprio movimento.

Park (1955) busca ver comportamentos de massa nas denominadas seitas, e observa que não parece haver diferenças fundamentais entre os membros de uma seita religiosa ou política. Quaisquer seitas, no seu ponto de vista, têm uma vida subjetiva com tensões internas, conflitos, repressões e sublimações incidentes ao esforço de manter integridade e coerência. Hoffer (1968) generaliza a idéia ao considerar que todos os movimentos de massa são basicamente doutrinários, tendendo ao fanatismo, apesar das diferenças entre os grupos religiosos e os demais.

Já Hofstätter (1971) apresenta uma crítica à lógica e às conclusões dos autores clássicos da Psicologia da Massa, ao alertar que o sucesso de Le Bon junto aos acadêmicos representa uma arte demagógica de primeiro grau, uma absolvição secularizada, frente à representação social da massa como um correlativo de “manada”, em um sentido valorativo negativo. Em outras palavras: “eu não sou massa pois percebo a massificação alheia”.

Nessa conjuntura, a ideologia da Psicologia das Massas tenta proporcionar consolo para problemas vistos não como “nossos”, mas como “do nosso tempo”, cuja culpa é da “massificação”. Como foi exposto acima, tem-se investido na mudança real desse paradigma, defendendo o ideário de racionalidade das massas e pesquisando a partir desse horizonte. No entanto, faltam bibliografias mais recentes, e no Brasil, em particular, apesar de iniciativas esparsas, entretanto competentes, é muito reduzida a práxis e a produção de conhecimento em Psicologia das Massas.

Ante ao exposto neste capítulo, considera-se que a reflexão acerca da natureza e do funcionamento das massas possa contribuir para compreender um evento de participação massiva de pessoas como as Paradas do Orgulho LGBT, organizado por um movimento social relacionado a um grupo sócio-historicamente discriminado: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Movimentos Sociais e Psicologia das Minorias Ativas

“E eu não posso escolher entre as frentes em que eu devo batalhar essas forças da discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não durará muito para que depois eles apareçam para destruir você”
Audre Lorde (2007), ativista, poeta e escritora.

Um movimento social pode ser caracterizado como uma forma de ação coletiva na qual as dimensões da solidariedade, do conflito e da ruptura com a lógica do sistema social em questão se inter-relacionam para que a atuação de uma determinada coletividade não se confunda com outros fenômenos sociais (Melucci, 1999). A simples ação de uma massa não pode se configurar como movimento social sem que as dimensões supracitadas sejam atendidas.

Se nem toda ação coletiva é uma ação de movimento social, temos uma grande variedade de atuações sociais a compreender. A teoria das minorias ativas de Moscovici (1981) nos interessa sobretudo ao discutir uma determinada coletividade cuja atuação, apesar de não necessariamente mudar as estruturas de poder, influencia e muda a sociedade. Notamos tais características no movimento social LGBT, ao constatar que, apesar do número expressivo de paradas realizadas, e da quantidade de pessoas que delas participam, durante as eleições municipais de 2008, apenas cinco das centenas de candidatos LGBT foram eleitos (Revista Veja, 2008); em Goiânia, onde a parada da cidade congregou dezenas de milhares de participantes, o organizador do evento, que concorria a um cargo de vereador, não foi eleito, pois de acordo com os resultados do Tribunal Superior Eleitoral (2008) recebeu poucas centenas de votos.

Outro exemplo dessa disparidade entre mudança de comportamentos sociais e pouca expressividade política é a dificuldade em aprovar projetos de interesse da população LGBT, como a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, cujo processo de negociações é, algumas

vezes, pautado pela discordância teórica e prática. Câmara e Paula (2002) demonstram o quanto ideologicamente fragmentado é o movimento social LGBT, ou, nas palavras do escritor, jornalista e ativista João Silvério Trevisan, “o movimento homossexual brasileiro é antes de tudo um saco-de-gatos, cada vez mais complicado” (Instituto Humanitas Unisinos On-Line, 2009).

Ao tratar das minorias ativas, Moscovici (1981) lida com os fenômenos da influência social e da mudança social, tendo como premissa que a influência social pode ser um fator de mudança social, o que decorre na constatação de que as ditas minorias não são dicotomicamente apenas influentes e poderosas ou apenas influenciadas e impotentes, há um terceiro tipo, o de minorias ativas, que são aquelas minorias que induzem mudanças nas maiorias tão-somente por sua influência, não necessariamente detendo poder.

Como detalha Del Prette (1995), Moscovici, ao apresentar a teoria das minorias ativas, está criticando o modelo funcionalista de compreensão da influência social, modelo clássico, no qual o controle social tem a função de gerar influência social por meio de consenso entre os grupos, controle por parte do grupo majoritário e conformidade do grupo minoritário, de modo que a influência social é dividida desigualmente em um grupo, e se exerce unilateralmente, pois tem por função manter e reforçar o controle social, em um contexto onde as relações de dependência determinam o sentido e a importância da influência social exercida em um grupo. A pressão social leva ao conformismo e, portanto, ao consenso e ao controle.

Em uma resposta crítica a esse movimento teórico funcionalista, Moscovici (1981) parte de um novo paradigma para a idéia de mudança social, e adota um modelo que denomina genético, porque considera que a influência é uma característica da natureza conflitiva das relações entre as maiorias e as minorias, no qual todo indivíduo em um grupo e todo grupo em uma sociedade é fonte potencial e receptor potencial de influência, a quem a quantidade de poder que o sistema social lhe atribua.

No modelo genético, todo sistema social é sujeito a tensões e conflitos calcados na inadequação entre a ordem institucional e o subsistema de produção, essa contradição facilita o desenvolvimento de novas relações, de novas instituições, que originam novas contradições e pressões.

O desenvolvimento de novas relações depende do êxito dos grupos de poder em afrontar as tendências disfuncionais do sistema. Acentuadas essas disfunções, começa o processo de mudança social e, em certas circunstâncias, de conflito. Sendo eficazes as medidas compensatórias, a consequência esperada é que: ou o sistema se reajusta com mudanças; ou mantém-se, com as medidas tomadas evitando que os desequilíbrios pendentes influam na integração social.

As minorias, os indivíduos e os subgrupos devem ser considerados em função do impacto que podem ter na opinião do grupo. O “marginal” pode abandonar o grupo, debilitando o poder do consenso e da unanimidade. Quando um indivíduo ou subgrupo influi em um grupo, o principal fator de sucesso é o estilo de comportamento, descrito por Moscovici (1981) em termos de esforço, autonomia, consistência (provavelmente o estilo mais importante), rigidez e equidade.

O processo de influência social é determinado por normas sociais de objetividade, de preferência e de originalidade: objetividade é a necessidade de opinar e julgar segundo um critério de exatidão; preferência é a suposição da existência de opiniões mais ou menos desejáveis; e originalidade é a seleção das opiniões e juízos em função do grau de novidade que apresentam.

Em tal aspecto, a inovação de idéias trazida pelas minorias ativas, configurada como a mudança de atitudes e juízos vigentes, pode gerar mudança social, visto que as maiorias, que possuem normas ou idéias com um consenso implícito, não possuem normas ou idéias bem definidas a priori sobre um problema específico, sua mobilização envolve demandas em geral

amplas, devido à variedade de desafios que enfrentam. Nessa conjuntura, a inovação criará novas atitudes que responderão aos novos problemas.

Como população afetada por preconceitos e discriminações históricas, LGBTs compõem um grupo que cria importantes espaços de ação dos indivíduos para sua plena realização pessoal.

Ante ao exposto, considera-se que o tema da mobilização de massa de populações discriminadas é uma questão de alta relevância social, destarte, um problema igualmente relevante para estudo.

No mundo em desconstrução no qual nos encontramos, conforme a concepção de Derrida (2005) de que a busca por desfazer o estabelecido para vislumbrar seu real funcionamento estimula que os discursos proliferem, os desafios essenciais para os pesquisadores que perscrutam os significados ocultos das relações sociais são aqueles ligados à forma como essa sociedade está se relacionando com os grupos sociais.

Vale esclarecer que a teoria da desconstrução de Derrida consiste em desfazer o texto a partir do modo como este foi organizado originalmente para que, assim, sejam revelados seus significados ocultos. Para alguns, a desconstrução pode sugerir uma destruição, mas trata-se do oposto, pois ela busca encorajar a pluralidade de discursos. O momento é crucial para se colher dados que permitam, futuramente, compreender as raízes da realidade que então se formará.

No que tange à Psicologia Social, também em transformação, o entendimento das representações sociais quanto a essa conjuntura caracteriza-se como necessário porque, creditando-se o posicionamento de Moscovici (1978, 2003), as representações sociais do futuro estão em um momento de gênese, visto que uns saberes estão se transformando em outros. Este é um momento em que os sujeitos buscam transformar o estranhamento da atualidade em algo familiar, e isto é, um fenômeno de construção de novas representações

sociais. É por isso que, neste projeto, compreendem-se os movimentos sociais LGBT como movimentos de massa que se caracterizam no modelo de ação das minorias ativas.

Assim, perguntamo-nos, no que tange à Parada do Orgulho LGBT e à teoria das minorias ativas: de que modo os participantes das Paradas se colocam frente ao modelo de mobilização dos movimentos sociais LGBT? De que modo os participantes se colocam frente às demandas do movimento e/ou da própria população LGBT?

Antigos e Novos Atores Sociais nos Movimentos Sociais

“Chega! vou mudar a minha vida!
Deixar o corpo encher até a borda
Que eu quero um dia de sol num copo d'água”
Renato Russo, “A Montanha Mágica”.

De forma geral, os movimentos sociais são definidos por Scherer-Warren (1989) como sendo “uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (p. 20). Essa é uma concepção que concorda com a de Melucci (1999), salientada no capítulo anterior, e também remete a Gohn (1991, 2003, 2005), autora que entende que os movimentos sociais são “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2003, p. 13).

Ainda segundo a autora, acerca dessas ações coletivas que se tipificam como movimentos sociais, “o processo de democratização ocorreu e ocorre pelo desempenho dos movimentos sociais, posto que a própria redefinição da democracia emergiu de tal luta” (Gohn, 2003, p.18). Os movimentos sociais participam de um projeto macro de construção de uma sociedade efetivamente democrática.

No contexto da democracia participativa do início do Século XXI, os movimentos sociais apresentam características que os diferenciam e identificam frente aos movimentos sociais ditos “antigos”. De forma geral, qualquer um desses movimentos sociais, “novos” ou “antigos”, configuram-se como espaços de educação não-formal da sociedade civil minoritária, onde pessoas geralmente excluídas conseguem conhecer experiências como as suas, trocar idéias novas e/ou preservar sua cultura particular frente à marginalização que sofrem da maioria que não partilha de suas experiências, idéias e/ou cultura.

Um exemplo pouco reconhecido porém crucial dessa consideração são os ilês, conhecidos popularmente como terreiros de macumba ou de candomblé, territórios sacralizados que durante séculos protegeram pessoas perseguidas institucionalmente, enquanto preservavam e re-elaboravam a cultura afrobrasileira, desde a época do Brasil escravocrata. A meu ver, isto é um exemplo vivo de movimento social, apesar do viés religioso.

Coincidindo com a abertura política pós-ditadura militar de 1960, desde a década de 80 do Século XX o Brasil tem testemunhado o surgimento e o crescimento de novas formas de lidar com os problemas sociais e, conseqüentemente, tem-se percebido que os movimentos sociais se consolidam enquanto espaços alternativos de reivindicação popular. Cidadãos de diferentes classes sócio-econômicas, origens geográficas, cores, etnias, sexos, idades, orientações sexuais, identidades de gênero, habilidades físicas, religiões, entre outras dimensões da diversidade, têm reconhecido e demandado efetivamente o seu direito a se expressar e a participar politicamente em prol da garantia de seus direitos fundamentais.

Mas, para além dos interesses particulares, o que se coloca nesse campo é um quadro de constituição coletivas de direitos, os quais não são apenas de uma pessoa, mas de um grupo social que abriga essas necessidades particulares, que então se tornam plurais. Por isso, no dizer de Gohn (2005), “um projeto político é democrático quando não se reduz a um conjunto de interesses particulares de um grupo, organização ou movimento” (p. 36-37). E movimentos sociais como o LGBT podem ser vistos como “novos” porque rompem com a lógica de comando de cima para baixo, e constroem relações democráticas de estruturação do poder.

Assim, a idéia de que todo o poder emana do povo não mais é entendida como uma conquista abstrata porque restrita a princípios universalistas, mas como uma justificativa para a busca por novas formas de participação, para além do voto em representantes. É por meio dos novos movimentos sociais que as pessoas viabilizam, cada vez mais, uma democracia direta pautada pelo conceito de integração social.

Participação Política de Grupos Minoritários

“Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria,
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva hipocrisia”.
Noel Rosa e André Filho, “Filosofia”.

Um conceito preciso, funcional de “participação política” poderá não ser ótimo, mas será operacional para os propósitos desta discussão, vista a complexidade e a abrangência de sentidos que domina o conceito de “política”, e daí o de participação política.

Dallari (2004) adota o conceito de que política é “a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum” (p. 10). Destarte, para falar de participação política, compreende o autor que problemas de natureza política são problemas comuns em uma determinada comunidade ou grupo, de modo que os participantes desse coletivo sofrem as conseqüências de suas decisões e repercutem na sociedade, quando são negados direitos a membros de um determinado grupo.

Uma tomada de decisões é inescapável, eis a natureza da participação política, frente à miríade de restrições que se coloca ante a sua efetivação.

A participação política dos indivíduos se faz, na maioria dos casos, não na administração pública direta, mas em espaços alternativos, facilitando às pessoas envolvidas uma melhor compreensão das interações entre as esferas públicas e privadas do poder, capacitando-os sobremaneira a “intervir no desempenho dos representantes em nível nacional” (Pateman, 1992; p. 146).

No que tange a este estudo, o empecilho que determina a espécie de participação política dos LGBT é o conjunto dos estereótipos, preconceitos e atos discriminatórios que resistem neste país contra expressões, no dizer de Gontijo (2009), “homossociais”. Nesta

conjuntura de opressão, as paradas se apresentam a muitas pessoas como a maior, senão a única oportunidade de exercerem seu direito de participação política para além das urnas, que apesar de garantirem o sufrágio universal, não há como deixar de ver que suas decisões “soberanas” são influenciadas pelos poderes econômicos e políticos em vigor, os quais não costumam “ter pena” dos humilhados e ofendidos.

Parafraseando o termo utilizado por Baudrillard (1985), dir-se-ia que os grupos ditos homossociais estão em um processo de rompimento de sua guetificação como “maioria silenciosa” dentro de seu micro-universo de estigmatizados, para se tornarem protagonistas do tempo da sociedade envolvente, do espaço que ocupam para além das margens, e anseiam ser reconhecidos como elementos humanos significativos na composição da diversidade humana.

A diversidade cultural não é um fenômeno exclusivamente urbano, de modo que participa da História e da Pré-história das civilizações, em especial no que se refere à sexualidade, jamais tendo faltado, entre os seres humanos e várias espécies animais superiores, principalmente mamíferas, expressões de homoafetividade.

Essa característica é considerada, desde os estudos freudianos sobre sexualidade, importante na formação da personalidade de todas as pessoas: nos primórdios da teoria psicanalítica, Freud entendia que a sexualidade tinha uma natureza traumática — trazendo à luz a continuidade entre o considerado normal e o considerado patológico (Freud, 1990) —, essa concepção foi reposta, em Ferenczi, pela de que esse traumatismo, ou seja, a diferenciação entre o dito normal e o dito patológico, teria em si uma natureza violenta (Costa, 1986; p. 21).

A percepção das sociedades acerca da atração amorosa/sexual entre pessoas do mesmo sexo dependeu historicamente dos sistemas econômicos vigentes, como afirmava Engels (1980), e dos estatutos morais das religiões dominantes, constatação de autores como Ribondi (2000), segundo o qual foi durante a Idade Média Européia, ápice do pensamento católico fundamentalista, que culturalmente se estabeleceu o repúdio ao sexo.

A inquisição, o celibato dos padres e o caráter obrigatório do casamento antes de qualquer relação sexual, entre outras instituições moral-sexuais, datam precisamente dessa época.

A documentação da diversidade como propriedade específica dos seres humanos é, obviamente, própria da História, e das cidades, no afã de seus gestores em organizar, senão classificar a complexa trama de condições humanas, a fim de controlá-las de acordo com os interesses circunstanciais: a diversidade cultural não é um fato meramente privado, ela é capaz de interferir diretamente em ideologias do âmbito público.

Em face às comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo, o antropólogo Luiz Mott começou a organizar documentos para um detalhamento pioneiro da História da homossexualidade paulistana, nos mais variados campos: artes, moda, literatura, política, mídias, internet e outros. A constatação, no relato do pesquisador, é a de que, apesar de, comparativamente, contar com muito menos registros do que a cidade do Rio de Janeiro, São Paulo coleciona um rol surpreendente de fatos e relatos da vida de seus homossexuais, composto especialmente por migrantes.

Não se pode julgar que tal configuração das vivências homossexuais seja específica de São Paulo, e propõe-se a articulação de dados acerca da história da experiência homoafetiva no espaço urbano com conceitos da participação política, formulando, desse modo, perspectivas quanto à transformação de configurações “homossociais” urbanas — neste caso de estudo as paradas do orgulho LGBT — sobre os Homossexuais, em função dos investimentos contemporâneos dos gestores das cidades e dos ativistas sociais na transformação do espaço urbano naquilo que Bourdin (1998) chama de “cidade-ator”.

Como fenômenos decorrentes da atual mundialização, as cidades que agem como “cidades-atores” se caracterizam pela forte articulação de projetos unificadores de suas ações, definindo-se, e aos seus cidadãos, através de interesses comuns. Isso ocorre em um contexto particularmente moderno em que as relações das cidades com o Estado se enfraquecem, frente

à globalização econômica e informacional, aumentando o número de pessoas ricas oriundas de espaços urbanos, ao mesmo tempo em que são propiciadas oportunidades outrora desaproveitadas, apesar do aumento da desigualdade sócio-econômica.

Temos como um exemplo do paradigma acima exposto a série de eventos em nível internacional que ocorrem nas cidades como São Paulo, com a finalidade explícita de divulgar a cidade, para além dos canais oficiais, apesar do apoio explícito dos órgãos governamentais locais e nacionais (Campeonato Internacional de Automobilismo, Fórmula Indy, Parada do Orgulho LGBT).

Na conjuntura brasileira, infere-se que, geralmente, as cidades que despontam como cidades-ator abrigam também alguma parada do orgulho LGBT, não por determinação de suas macroestruturas administrativo-autoritárias, mas por vinculação ideológico-participativa dos mobilizadores sociais que se engajam no “espírito do tempo” (no sentido hegeliano): os gestores negociam e vendem a imagem da cidade, enquanto os cidadãos, em geral, reconhecem a si mesmos nessa imagem.

Somente nos últimos anos os gestores de cidades como São Paulo e mesmo Brasília têm demonstrado interesse em transformar suas capitais no que denominamos como cidade-ator, ao contrário da prática carioca, por meio de medidas de urbanização e divulgação, a nível nacional, de imagens locais. O conjunto desses atos, de cunho governamental e não-governamental, caso sejam estrategicamente orientados no sentido de potencializar o reconhecimento dos populares quanto a sua singularidade, não no campo local, mas global, incorre na transformação das cidades em cidades-ator.

O transcurso temporal dessa construção urbano-personológica, da metrópole em cidade-ator, incorre, igualmente, na mudança do paradigma do homossexual, que passa a ser, de elemento marginalizado nesse núcleo que o atrai, ao misturá-lo na massa silenciosa, a sujeito importante para a formação da nova imagem desse projeto de cidade-ator, que se

define pelo que detém de particular, diferenciando esse núcleo de outros núcleos e, em decorrência disso, identificando a cidade como realmente moderna.

No âmbito mundial, várias metrópoles lutaram para se tornar cidades-ator, tais como Nova Iorque, Berlim e Paris. No caso nacional de São Paulo e Brasília, estas poderão encontrar seu modelo, ou homônimo urbano, no que concerne à homossexualidade como fator de identificação, em San Francisco (EUA).

Essa cidade que potencializou o lema novaiorquino, representado pela Estátua da Liberdade, de acolhimento aos excluídos, e adotou hippies, homossexuais e excêntricos de toda espécie como seus cidadãos, os quais renovaram a imagem de San Francisco de maneira tão radical que, atualmente, não se consegue referir-se à cidade sem lembrar do Castro, bairro eminentemente gay, recentemente divulgado por meio do filme “Milk – a voz da igualdade” (Gus Van Sant, 2008), que trata da história de luta de Harvey Milk, político e militante dos direitos LGBT.

Nova Iorque, porém, antecipara-se a San Francisco, visto que a revolta homossexual inauguradora da moderna militância pós-Segunda Guerra Mundial ocorreu no bar novaiorquino Stonewall (Skillings, 2010). A cidade-ator norte-americana por excelência, Nova Iorque, despontou no questionamento da repressão homofóbica, mas podemos supor que, como sua imagem já estava estruturada sem os homossexuais — sua base eram os imigrantes —, coube a San Francisco adotá-los como parte de sua personalidade de cidade-ator.

O exemplo estadunidense, com as devidas correções, é adequado à realidade brasileira: do Rio de Janeiro avolumam relatos da vivência homossexual, tais como o da fundação do primeiro grupo de Homossexuais – grupo de relacionamento –, o Turma OK, que data dos anos 60, com encontros iniciados em 13 de janeiro de 1961, na cidade do Rio de Janeiro (Arquivo Anarquista Edgard Leuenroth, 1995).

São Paulo, apesar da força de sua economia, manteve-se satélite à cidade-ator carioca enquanto ela era a capital da República. Questiona-se se a mudança da capital, do Rio para Brasília, não participaria de um processo lento, porém constante, de auto-affirmação paulistana como cidade-ator, dado o brusco afastamento do núcleo político da nação.

Reconhece-se em São Paulo, no bojo de tais transformações, durante os anos 70, a fundação do SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual, primeiro grupo organizado de defesa dos direitos de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (Taques, 2004).

É importante alertar para o fato de que a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é um evento que equipara a metrópole paulistana a cidades-ator como Berlim, Nova Iorque e San Francisco, não por sua mera existência, reproduzida em dezenas de outras cidades brasileiras, mas pelo estrondoso contingente humano que se mobiliza em direção a São Paulo, de todos os cantos do Brasil e do planeta.

A Parada do Orgulho LGBT é um evento paulistano de atração global, e nesse aspecto fica patente que o papel de LGBT na trama da “Terra da Garoa” mudou, tornando-se central na mentalidade dos gestores urbanos e, mesmo que intuitivamente, para a formação da cidade-ator São Paulo. Configura-se como um dos fatores essenciais de semelhante projeto de gestão urbana e unificação de interesses das inúmeras personalidades paulistanas, pois a Parada movimenta não apenas a economia, mas igualmente olhares do mundo inteiro, que se voltam para São Paulo; isso é primordial para a gestão das cidades-ator.

Essa dimensão para além da economia pode ser vista como uma das pedagogias da sexualidade de que fala Louro (2000), referindo-se aos vários mecanismos que “ensinam” novos valores, comportamentos e modos de viver a sexualidade. Parafraseando a autora, ousa afirmar que as Paradas do Orgulho LGBT tornaram-se instâncias formativas nas quais as são reiteradas, legitimadas ou marginalizadas as representações de gênero e sexuais.

O que se pretende demonstrar, neste parêntesis, é que eventos de caráter descomunal não são frutos do acaso ou da organização de alguns grupos, mas da mobilização dos gestores

urbanos em prol de projetos sócio-mobilizadores, geralmente envolvendo minorias ativas, a fim de modificar a mentalidade coletiva.

Toda essa articulação se coloca no contexto da chamada “economia cor-de-rosa” ou Pink Money, teoria desenvolvida no bojo do movimento social LGBT anglo-saxão, segundo o qual a conquista da cidadania pelos LGBT pode se dar pela valorização dos produtos e da cultura LGBT enquanto objetos de consumo, ao mesmo tempo em que subteende que a identificação da população LGBT como nicho de consumo lhe traria maior reconhecimento social (Pupo, 2010; Smith, 2008).

As paradas do orgulho LGBT, nesse lócus, parecem se identificar com o processo mobilizador/civilizador de participação política, o que a aproxima da conceituação de Dallari (2004) para participação política, a qual conjuga as ações de indivíduos e grupos em torno de uma finalidade em comum.

Como destaca Moscovici (1983), as minorias ativas, entendidas como grupos socialmente discriminados organizados, são fundamentais para a transmutação das representações sociais, tanto no referente à visão que a sociedade tem de tais minorias como em outros valores e conceitos antes inquestionáveis, ou que não seriam questionados pela maioria satisfeita, sem a intervenção dos marginalizados, como aqueles que vivem ou são postos à margem.

Considerando, a partir das reflexões desenvolvidas ao longo deste capítulo, que há uma participação política da população LGBT nas Paradas, surge uma questão de cunho prático: Ela é consciente? Como essa participação política é trabalhada pelos participantes das Paradas, que muitas vezes não participam cotidianamente das ações do movimento LGBT?

As Paradas do Orgulho LGBT

“E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama protesta,
e agora, José?
(...)
Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!”

Carlos Drummond de Andrade, “José”.

As paradas do Orgulho LGBT são eventos organizados pelo movimento social com a finalidade de tornar massiva a visibilidade da população Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti e Transexual. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT fez uma estimativa de que, no ano de 2008, ocorreram no Brasil mais de 195 (cento e noventa e cinco) paradas do orgulho LGBT, do dia 8 de fevereiro até o dia 31 de dezembro, em todas as Unidades da Federação.

De acordo com a Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais de São Paulo – APOGLBT (2008), a parada do orgulho LGBT de São Paulo, realizada em 28 de maio do referido ano, com o tema “Homofobia mata! Por um Estado laico de fato!”, reuniu 3,4 milhões de pessoas (Figura 1).



Figura 1: Detalhe da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (Folha Online, 2008).

O número considerável de paradas e a sua dispersão temporal, considerando as características originais do evento, demonstram que elas foram absorvidas e adaptadas à cultura brasileira, desvinculando-se das tradições de seu surgimento. A cultura brasileira, como apontam Fry e MacRae (1985), Green (2000a, 2000b), MacRae (1990), Trevisan (2000) sempre possibilitou espaços marginais para a expressão estereotipada das identidades sexuais não-hegemônicas, tais como o Carnaval. Fry (1982) ainda reforça que a relação sexual homossexual, em tal conjuntura, só é possível enquanto relação entre não-iguais, hierarquizada, onde quem penetra é tido como dominador, e portanto não é inferiorizado como uma “bicha”.

Essa lógica de subordinação submete os homossexuais ao espaço da não-identidade, onde pessoas com uma forma não-hegemônica de sentir e de viver seus desejos são prejudicadas em seu direito de serem quem são, de vivenciarem suas sexualidades ou mesmo suas identidades.

No Brasil, o surgimento da contracultura em uma sociedade em pleno período de abertura política foi tido como momento crítico para a visibilidade política dos LGBT, visto que conceitos e práticas diferentes, dos até então estereotipados, agora “estavam na moda”. É nessa realidade onde o tema da liberdade se coloca que os LGBT encontram oportunidades de expressão.

Iniciadas em 28 de junho de 1970 nas cidades norte-americanas de Nova Iorque (Figura 2) e São Francisco enquanto marchas de teor estritamente político, como denúncias à violência contra os homossexuais, a sua criminalização e a patologização frente à epidemia da AIDS, essas paradas se remetiam a um fato histórico: a revolta do bar nova-iorquino Stonewall Inn, ocorrida em 28 de junho de 1969, onde centenas de freqüentadores enfrentaram a repressão policial no estabelecimento (Skillings, 2010; Dunlap, 1999), ação noticiada pelo jornal The New York Times (1969), conforme a Figura 3, e pelo jornal New York Post (1969), cuja nota foi reproduzida na Figura 4.

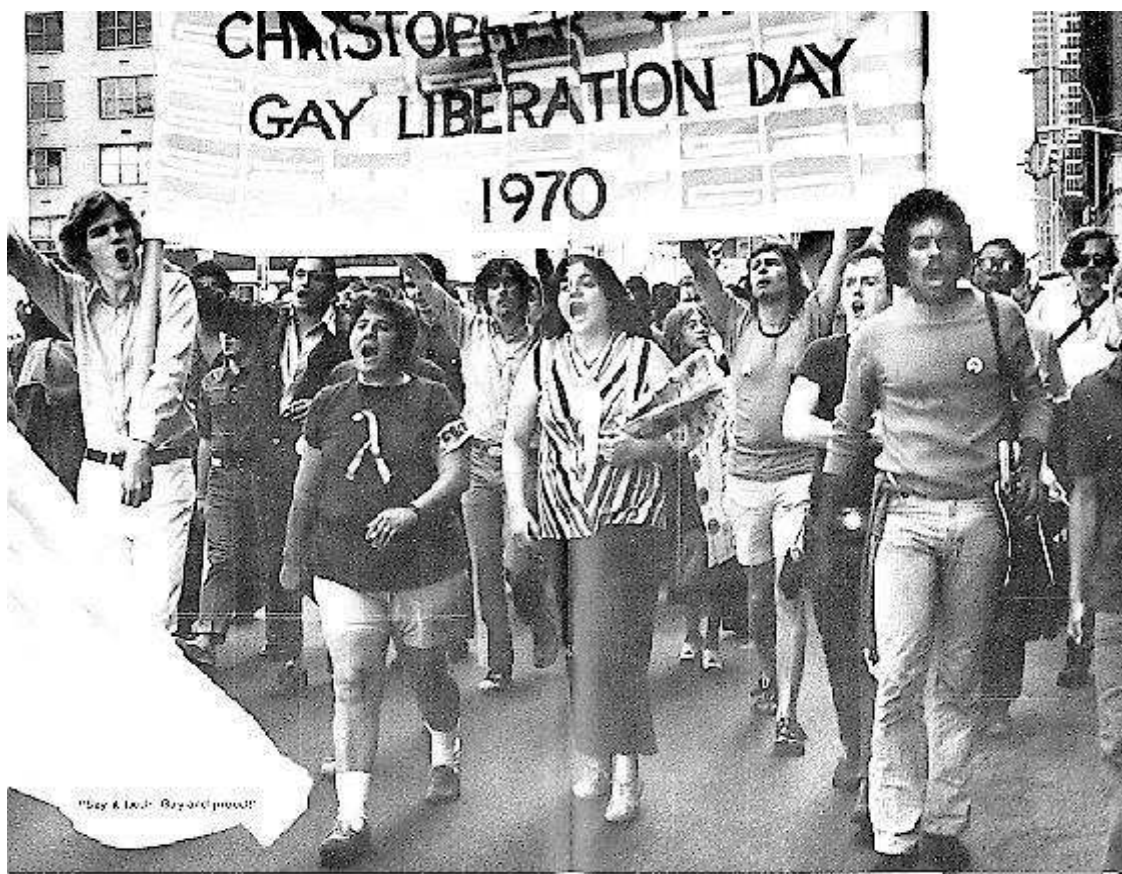


Figura 2: Fotografia da primeira parada do orgulho (QQ Magazine, 2004).

4 POLICEMEN HURT IN 'VILLAGE' RAID

Melee Near Sheridan Square
Follows Action at Bar

Hundreds of young men went on a rampage in Greenwich Village shortly after 3 A.M. yesterday after a force of plainclothes men raided a bar that the police said was wellknown for its homosexual clientele. Thirteen persons were arrested and four policemen injured.

The young men threw bricks, bottles, garbage, pennies and a parking meter at the policemen, who had a search warrant authorizing them to investigate reports that liquor was sold illegally at the bar, the Stonewall Inn, 53 Christopher Street, just off Sheridan Square.

Deputy Inspector Seymour Pine said that a large crowd formed in the square after being evicted from the bar. Police reinforcements were sent to the area to hold off the crowd.

Plainclothes men and detectives confiscated cases of liquor from the bar, which Inspector Pine said was operating without a liquor license.

The police estimated that 200 young men had been expelled from the bar. The crowd grew to close to 400 during the melee, which lasted about 45 minutes, they said.

Arrested in the melee, was Dave Van Ronk, 33 years old, of 15 Sheridan Square, a well-known folk singer. He was accused of having thrown a heavy object at a patrolman and later paroled in his own recognizance.

The raid was one of three held on Village bars in the last two weeks, Inspector Pine said.

Charges against the 13 who were arrested ranged from harassment and resisting arrest to disorderly conduct. A patrolman suffered a broken wrist, the police said.

Throngs of young men congregated outside the inn last night, reading aloud condemnations of the police.

A sign on the door said, "This is a private club. Members only." Only soft drinks were being served.

Figura 3: Nota do jornal The New York Times sobre a revolta de Stonewall.

Village Raid Stirs Melee

A police raid on the Stonewall Inn, a tavern frequented by homosexuals at 53 Christopher St., just east of Sheridan Square in Greenwich Village, triggered a near-riot early today.

As persons seized in the raid were driven away by police, hundreds of passersby shouting "Gay Power" and "We Want Freedom" laid siege to the tavern with an improvised battering ram, garbage cans, bottles and beer cans in a protest demonstration.

Police reinforcements were rushed to the tavern to deal

with the disturbances, which continued for more than two hours. By the time calm returned to the area, at least 12 persons had been arrested on charges ranging from assault to disorderly conduct.

Among those arrested was folk singer Dave Van Ronk, 33, of 15 Sheridan Sq., who was charged with felonious assault on a police officer. Van Ronk was not in the tavern, but got into the fight when it spilled out onto the street, police said.

Police said the raid was staged because of unlicensed sale of liquor on the premises.

Figura 4: Nota do jornal New York Post sobre a revolta de Stonewall.

A primeira manifestação pública realizada no Brasil pelos direitos de homossexuais ocorreu em 13 de junho de 1980, uma passeata contra a homofobia policial em São Paulo (Trevisan, 2006). Como indica Parker (1992), desde a década de 70 do Século XX estava em desenvolvimento no Brasil uma organização da comunidade LGBT em torno do fortalecimento de sua identidade sexual e da inclusão junto à sociedade em geral, por meio de experiências coletivas de busca pela garantia de direitos. Essa consideração é reiterada por MacRae (1990), que relaciona o fortalecimento político das identidades sexuais não-hegemônicas ao processo brasileiro de abertura relacionado à ditadura militar iniciada em 1964.

Também Ferrari (2004) aponta o começo da organização do movimento LGBT para o final da década de 70 e início dos anos 80, considerando que a abertura política pós-ditadura foi estímulo muito importante para a mobilização dos vários grupos sociais que, até então, sofriam sérias restrições sociais e políticas. Pollak (1992b) fala, ainda, do impacto da epidemia da AIDS para a visibilidade da condição homossexual e dos anseios de LGBT.

As paradas são articulações sociais representativas da racionalidade das manifestações de massa, conforme apregoadado por Surowiecki (2004), dado serem frutos da organização de longo prazo efetuada por grupos de defesa dos direitos humanos de LGBT. Tais grupos se constituem como um movimento social relativamente estável e coeso, face à variedade de instituições e identidades de grupo que o compõem. O movimento social LGBT se inscreve no modelo que Gohn (1991) define como o dos novos movimentos sociais.

A ação das paradas vem ao encontro do que é defendido na teoria das minorias ativas, elaborada por Moscovici (1981), que reflete acerca da relação entre os grupos excluídos e a sociedade que os oprime, propondo que o sistema social está em processo de constante mudança devido ao conflito de forças entre os grupos majoritários (conformados) e os minoritários (inovadores).

Os excluídos, por estarem à margem desse microcontexto comunitário, mantêm um contato com o “mundo” exterior, ou seja, com outras formas de viver a comunidade, que é maior do que os membros dos grupos opressores podem manter, porque são dominantes e estão conformados com essa posição de poder, percebem coisas que estes últimos não conseguem, e portanto se tornam potenciais influenciadores na sociedade porque não estão em equilíbrio com ela. O poder das minorias ativas está em contestar as concepções hegemonicamente estabelecidas.

Considerando-se que em uma sociedade como a brasileira, historicamente homofóbica, a homo/bissexualidade é comumente estigmatizada, isto é, a homossexualidade torna-se, como postula Goffman (1988) quanto aos estigmas, um atributo profundamente

depreciativo, em outros termos, é transformada, dentro das categorizações sociais, em uma forma desqualificação de pessoas ou grupos, a qual tende a desabilitar essas mesmas pessoas ou grupos de um convívio social pleno.

Nesse contexto, ser LGBT é estar invisibilizado, no sentido em que a população não reconhece a normalidade da vivência sexual-afetiva não-hegemônica, e a estereotipa dentro de categorias extremamente limitantes; assim, o movimento social, por meio das paradas do orgulho LGBT, objetiva reclamar das autoridades públicas garantias para a igualdade de oportunidades e de direitos, e mostrar à população em geral a pluralidade de LGBT como parte de um cotidiano e de uma normalidade que ainda não é reconhecida como tal. Buscam-se legalidade (caracterizada pela aprovação de leis favoráveis à livre expressão da orientação sexual) e legitimidade (resultante de maior aceitação social).

Ao estudar os fenômenos sociais constituintes da identidade brasileira, Da Matta (1991) questiona porque o carnaval, festa da inversão, é exportado a outros países como importante fator da nacionalidade brasileira, e defende que os brasileiros valorizam mais a comunidade (*communitas*) do que a estrutura. Retomando o conceito bakhtiniano da carnavalização (Bakhtin, 1987), o autor aponta o carnaval brasileiro como um momento de catástrofe controlada, em que, por um tempo determinado, há uma inversão dos papéis sociais, raciais e sexuais estabelecidos.

Ao expor, por meio de fantasias, os tipos sociais de dentro do sistema (“caxias”, membros da aristocracia), os marginais (malandros) e os párias (mendigos, presidiários), os carnavalescos não necessariamente reclamam mudanças sociais, assim como o fazem as minorias ativas. O carnaval participa da normalidade no sentido em que possibilita uma mudança temporária de papéis que reforça, no resto do ano, a permanência dos papéis estabelecidos (Da Matta, 1986).

Aprofundando o conceito de carnavalização, Da Matta (1983) encontra semelhanças e diferenças entre o carnaval e a parada militar, ao postular que o carnaval é uma festa popular

consagradora da desordem, enquanto as paradas militares são festas controladas por instituições que comemoram a ordem. Todas se constituem como teatralizações, e podem ser definidos como festas porque são “momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos” (p. 40). O carnaval, as paradas militares e procissões são rituais, momentos substantivamente diferentes da rotina que são construídos, controlados e programados pelo sistema social. O carnaval é um período entre o nascimento e a morte do Cristo, tornando-se um rito preparatório para a Quaresma. Os desfiles militares e procissões religiosas reforçam a idéia de hierarquia e de certos ideais que se superpõem a outros, relacionando valores locais e universais.

Geralmente, não se costuma considerar como possível a presença de carnavalização, tida como “não-séria”, em eventos políticos de caráter reivindicatório, ditos “sérios”. As Paradas do Orgulho LGBT quebram esse paradigma.

Elas se definem como passeatas reivindicatórias por direitos iguais, questionando a ordem vigente, na medida em que esta exclui as pessoas com sexualidades não-hegemônicas. Entretanto, reforçam a ordem, visto que buscam nela se integrar, mas dessa forma colocando-se como exceções que confirmam a regra do conflito entre os grupos sociais (Tajfel & Turner, 1979).

As Paradas assim, visibilizam a sua participação social, em um contexto não de concordância com a atual organização da sociedade, mas de crença em sua mudança.

Enquanto passeatas, as Paradas têm um caráter político reivindicatório, e enquanto desfiles “carnavalescos”, dramatizam e exacerbam as diferenças internas entre LGBT, e em relação à população em geral. Essa proposição é reiterada pelo antropólogo Ronaldo Trindade (Folha de São Paulo, 2005), para quem as Paradas brasileiras combinam elementos de festa e de política, diferenciando-se das congêneres norte-americanas porque, nessas, somente membros de grupos organizados podem participar.

As paradas definem-se, ainda, como ritos, eu diria, de identificação das diferenças e de valorização da diversidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Seriam esse tipo de rito ao romperem temporariamente com a rotina e realizarem performances de identidades e papéis sociais não-hegemônicos.

Os ritos sociais, comenta Galinkin (2001), lembrando Leach (1966, 1978) e Tambiah (1985), são uma forma de comunicação simbólica, contém mensagens metafóricas que “informam sobre os sistemas cosmológicos daqueles que os realizam [...]. Servem como indícios sobre os pensamentos e sentimentos dos atores” (p.28). Complementa a autora que a performance ritual dá distintividade a seus realizadores, tornando público quem são eles. Nesse caso, as identidades são explícitas de forma ritualizada, e, a repetição do ritual tem, ainda, um papel pedagógico, transmitindo as idéias crenças e representações do grupo que o realiza para os iniciantes e os grupos externos (Galinkin, 2001).

Fundamental ressaltar que, para Peirano (2003), tanto o carnaval como a marcha política constituem-se como rituais, na acepção de que, no ritual carnavalesco, prevalece “a sugestão de que o momento extraordinário pode se transformar em rotina” (p. 44), enquanto na marcha política, a natureza ritualística está em seu caráter sacrificial, remontando, como evento único e especial, às procissões, mas partindo dessa estrutura para dispor de seu caráter questionador. Pensando-se nas paradas do orgulho LGBT, advém a sugestão de que estas se encontram entre essas duas dimensões, possuindo características de ambos: a do carnaval, que tenta realizar utopias, e a da marcha política, que questiona o status quo. As paradas LGBT, entretanto, recusaram-se a ter o caráter de unicidade das marchas militares e adotaram o perfil de calendário dos carnavais.

Camargos (2004, citado em Silva, 2006) aponta que esse caráter ritualístico das paradas LGBT incorre na possibilidade momentânea de expressão do desejo, algo que em outros contextos e nos demais dias do ano não seria possível em público. Para Camargos, o elemento central dessa libertação é a catarse propiciada pela expectativa de uma nova

condição de vida, mais alegre. Essa alegria, na compreensão do autor, é o elemento em comum com o carnaval.

É notável, para qualquer pessoa que tenha assistido a alguma parada do orgulho LGBT brasileira¹, que elas se caracterizam pela movimentação em desfile, animada por personagens variados, fantasiados ou não, e fundo musical, preferencialmente o estilo techno. Assume um caráter carnavalesco e um discurso voltado para o reconhecimento da pluralidade humana marginalizada dentro da ordem social.

No Brasil, tais eventos têm encontrado forte ressonância e estimulado a participação dos vários segmentos sociais. Desde o ano de 2004 a parada realizada na cidade de São Paulo é considerada a maior do mundo e uma das maiores mobilizações populares brasileiras, atraindo milhões de pessoas. Segundo o instituto Datafolha (Folha de São Paulo, 2005), 46% dos presentes na parada de São Paulo em 2005 se declararam heterossexuais (66% entre as mulheres e 32% entre os homens, o que indica diferenças comportamentais devidas a fatores de gênero relacionados à disposição pessoal em estar presente nesses eventos, caracterizado na maior disponibilidade das mulheres em participar de eventos onde se expressam os LGBT), e 11% explicitaram ser bissexuais.

Em estudo de 2008, a Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais de São Paulo (APOGLBT) aponta que o público estimado dessa parada foi de 3,4 milhões de pessoas.

Quando Goffman (1988) trata do estigma, usa o termo “informados” (p. 37) para se referir às pessoas não-homossexuais que partilham experiências de sociabilidade com homossexuais estigmatizados pela sociedade. As paradas do orgulho podem se configurar, de certo modo, como um rito de aceitação para muitos simpatizantes da população LGBT, que partilham dessa “informação”.

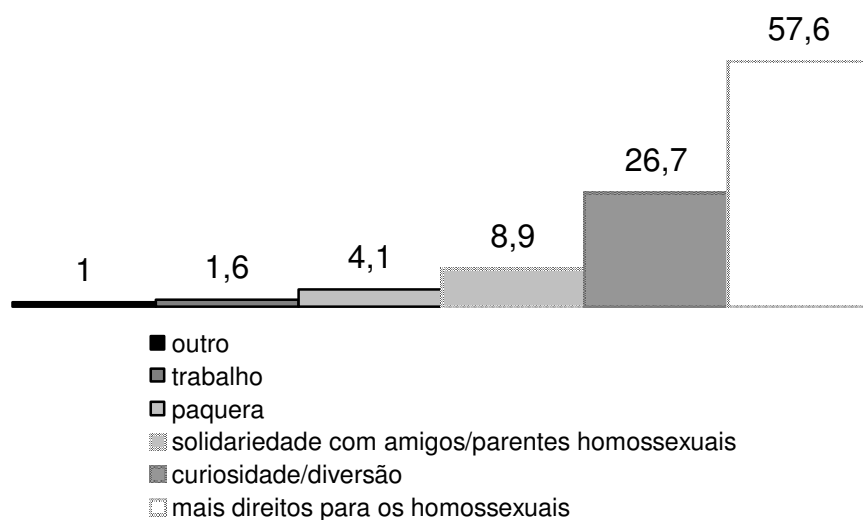
¹ Pude observar pessoalmente, ao longo de uma década, várias paradas brasileiras, em diferentes épocas, como as de Aracaju (SE), Brasília (DF), Goiânia (GO), Macapá (AP), Salvador (BA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), entre outras, o que me leva a considerar que a organização básica é semelhante nas diferentes regiões do país.

Ainda com relação à parada de São Paulo no ano de 2005, Carrara, Ramos, Simões e Facchini (2006) identificaram que 38,7% dos homens se consideram homossexuais, e 3,9% bissexuais; entre as mulheres, 17,8% se considerou homossexual, e 4,9% bissexual. Quanto aos motivos relatados para comparecimento, 57,6% informaram que lá estavam “para que os homossexuais tenham mais direitos” (Carrara e cols., 2006, p. 21).

Em relação às razões para comparecimento com a sexualidade auto-atribuída pelos participantes, em termos majoritários Carrara e cols. (2006) observaram que 78,5% das mulheres homossexuais e 72,8% dos homens homossexuais lá estavam para que “homossexuais tenham mais direitos”, enquanto 54,3% das mulheres heterossexuais e 46,35% dos homens heterossexuais participavam da parada por “curiosidade/diversão”.

Esse dado é significativo para demonstrar a diversidade de motivações que estimulam a participação no evento, fato que repercute na percepção sobre as paradas, visto que 57,6% dos entrevistados heterossexuais e homossexuais relataram ter algum engajamento social pelos direitos dos LGBT (Tabela 1), porém, a motivação básica de garantir direitos, direitos de manifestar desejos, não necessariamente pode ser traduzida em mobilização política efetiva e produtiva.

Tabela 1: Motivação na Parada (Adaptado de Carrara, Ramos, Simões e Facchini, 2006).



Tal percepção se aprofunda com os dados apresentados por Facchini, França e Venturi (2007), que demonstram, quanto à participação política, a existência de um hiato entre opiniões progressivas e conhecimento de instrumentos legais com relação às demandas da população LGBT: dentre os participantes da parada em 2006, na cidade de São Paulo, vítimas de alguma agressão homofóbica, apenas 1% a denunciou a grupos de defesa dos direitos dos LGBT. Isso vem se somar aos dados quanto à violência homofóbica no DF e entorno (Jaques-Jesus, 2003), na qual se constata que apenas 3% dos casos de homofobia são registrados em delegacias.

Salienta Da Matta (1986) que as aberturas carnavalescas expõem situações que cotidianamente não são visíveis, como a homossexualidade. A festa apresenta questões comunitárias, fala de relações pessoais, e não estruturais. Historicamente, o carnaval tem sido, para a população LGBT, um espaço transitório de afirmação de sua identidade, uma vez que ser homossexual não é de todo aceito pela sociedade, sequer completamente assumido pelos LGBT, porém tolerado dentro de certos parâmetros carnavalescos (Green, 2000).

Silva (2006) desenvolve essa idéia ao criticar uma visão simplista acerca da presença de elementos carnavalescos nas paradas, aponta que o que a fixação imagética de conceitos sobre esse outro, para além de ser tachado apenas como símbolo da festa, retoma a estereotipização dos papéis que no carnaval se invertem e são reformulados. Como espaço de “ruptura com o rigor da vida cotidiana” (Silva, 2006, p. 288), as paradas LGBT se aproximam do carnaval — visto que o caráter carnavalesco, no Brasil, possibilita visibilizar os socialmente invisibilizados na comunidade — e dos movimentos políticos realizados no período de ditadura militar, em função de seu caráter político.

Tais características parecem inerentes às Paradas do Orgulho LGBT, mas de fato o serão, para além da revisão bibliográfica? Esta é uma das questões a ser exploradas no estudo empírico desta Tese.

Territorialidade e Identidade nas Paradas do Orgulho LGBT

“O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar”
Arlindo Cruz e Mauro Diniz, “O Meu Lugar”.

A questão da territorialidade é crucial para se compreender a lógica social e identitária das paradas, seus participantes e observadores. Milton Santos (2007) ensina que, no mundo globalizado, a localização das ações está diretamente relacionada com a eficácia das ações. Não é à toa que os atores com poder se colocam nos melhores territórios, em detrimento dos demais, porque “os lugares repercutem os embates entre os diversos atores e o território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade” (Santos, 2007, p. 79). O dinheiro, por exemplo, é um elemento que conforma a fluidez do território aos interesses das elites conformadas.

A concepção de Milton Santos reitera as observações de Elias e Scotson (2000) acerca da correlação entre território e ocupação de espaços de poder, pois segundo esses autores, o território ocupado por um sujeito é indicativo do estigma que ele sofre ou não por estar ali, pois o território pode ser estigmatizado como aquele ocupado por tais pessoas (p. 36).

O trajeto de cada parada é um indicativo da visão e objetivos dos organizadores. Na parada mais conhecida do Brasil, a de São Paulo, ela é tradicionalmente realizada ao longo da Avenida Paulista, descendo a Consolação e terminando na Praça da República, local que identifica a cidade de São Paulo. Há, além disso, um caráter econômico implícito na realização, que faz parte da programação turística oficial da cidade, o que é reforçado pelos eventos paralelos, em grande parte pagos, realizados em parques temáticos e em feiras ao ar

livre; em todos esses momentos são vendidos produtos com símbolos da população e da militância LGBT.

Em Brasília (aqui entendida como especificamente o Plano Piloto de Brasília), nos últimos anos, a parada tem saído do Eixo Rodoviário Sul e terminado na Rodoviária do Plano Piloto, o que sugere a idéia de que os LGBT buscam visibilidade junto à população em geral, ante à dificuldade de se encontrar um local “central”, a Rodoviária se torna o ápice do evento.

Pode-se associar essa lógica de ocupação de território às características próprias do lugar-Brasília, arquétipo do urbanismo moderno que busca racionalizar os elementos da natureza (Romero, 2003), com isso levando “os espaços urbanos a uma impessoalidade, um total esvaziamento do espaço público, ou melhor, uma neutralização desses espaços” (p. 36). Brasília, capital de urbanização recente e contraditória em relação à cidade idealizada, calcada no mito esperançoso da fundação, e a cidade real, administrativa, com terrenos públicos apropriados para interesses privados (Peluso, 2003).

Em Goiânia, a marcha se inicia em um bosque muito freqüentado para encontros sexual-afetivos entre homens, segue em direção à Praça Cívica, palco histórico de manifestações políticas goianas, e retorna ao bosque, conforme a Figura 5, com uma imagem do trajeto disponibilizada pela Associação Goiana de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais — AGLT.



Figura 5: Trajeto da X Parada do Orgulho LGBT de Goiânia (AGLT, 2006).

Indica-se, dessa forma, que o movimento local assume as particularidades de sua identidade marginalizada, isto é, reconhece um gueto da expressão homoafetiva, o bosque, apropria-se desse território e fala à sociedade organizada, a partir de um espaço público que é tomado provisoriamente pela determinada minoria ativa, que se alça para além desse lugar, para ocupar ruas e a “ágora” local.

Percebem-se aí diferentes paradigmas quanto à delimitação da identidade e do território homo/bissexual e à inserção do grupo na sociedade. Diferentes cidades proporcionam trajetos diversos, e diferentes formas de ver a vivência homossexual nas cidades também propiciam trajetos diversos.

São ocupações diferentes de um território que, para além da “ideotipificação”, é na prática “um campo de forças sociais em contato e em oposição, onde emergem alteridades e

são estabelecidas relações sociais internas entre os ocupantes e entre estes e a sociedade circundante” (...), “um espaço vital onde as pessoas desenvolvem um estilo de vida e idéias sobre sua apropriação, transformando-o em um campo de representações simbólicas onde são realizados projetos individuais e coletivos” (Galinkin, 2003, citando Souza, 1995).

Observa Galinkin (2003) que os espaços ocupados adquirem a identidade de seus ocupantes, e, quando esta identidade é estigmatizada, ela confere o mesmo estigma ao lugar e, este, por sua vez, estigmatiza outros sujeitos que, por ventura, passem a ocupá-lo. O que há em comum, tanto nos exemplos de São Paulo quanto nos de Brasília e Goiânia, é a busca de integração dos LGBT ao território social mais amplo, procurando dialogar com os outros territórios/forças sociais. Com esse diálogo procuram não só visibilidade, buscam, também, a diluição de seu estigma através do reconhecimento de suas identidades.

As Paradas do Orgulho LGBT são o exemplo de que a ocupação de territórios – barulhenta, ruidosa, como queiram alguns – ultrapassa a barreira da mera visibilidade, pode representar a conquista de direitos fundamentais para a minoria ativa, e a transformação dos horizontes ideológicos da maioria silenciosa acerca dos temas que nessas Paradas se abordam.

A exemplo da ação de outras organizações sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), as Paradas se tornam o instrumento para mudar as cabeças, mesmo que a opinião pública, favorável à liberdade de expressão, pouco se mobilize para realizá-la. Poder-se-ia refletir, conforme comenta Comparato (2001), sobre o MST, que “a maior revolução é dentro da nossa cabeça” (p. 117), independente de obstáculos práticos ou de uma opinião pública favorável à justiça social, porém pouco afeita a agir no sentido de concretizá-la.

Tais colocações, entretanto, não parecem suficientes para se compreender esse evento, em especial no que ele significa para aqueles que participam, e não necessariamente o organizam. Esta é uma questão de pesquisa.

OBJETIVOS

O objeto de estudo desta Tese de Doutorado é a Parada do Orgulho LGBT, manifestação definida como instrumento político do movimento social de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

São muitas as questões colocadas por um fenômeno complexo como o das Paradas do Orgulho LGBT, muitas dimensões podem ser investigadas, devendo-se, para fins de aprofundamento, selecionarem-se algumas delas.

No decorrer da reflexão acerca das Paradas, elencou-se abordar os aspectos abaixo expostos, para fins práticos deste estudo, na forma de 3 (três) objetivos da Tese.

Na presente Tese se objetiva investigar:

OBJETIVO 1 – As percepções dos participantes a respeito das Paradas do Orgulho LGBT

Quais são as percepções dos participantes a respeito das Paradas do Orgulho LGBT, considerando-se os aportes teóricos em capítulos anteriores sobre movimentos sociais de caráter político, sobre ritos e carnavalizações, e pela forma como o movimento LGBT se expressa publicamente? Em outras palavras, como os participantes percebem, definem e explicam essas manifestações de massa que são as Paradas do Orgulho LGBT?

OBJETIVO 2 – A compreensão de mulheres participantes e organizadoras acerca das Paradas

Como mulheres participantes e organizadoras se percebem nesse contexto de mobilização do grupo minoritário LGBT? Este objetivo surgiu no decorrer do processo de investigação.

OBJETIVO 3 – As reflexões e a compreensão dos participantes das Paradas do orgulho LGBT acerca da natureza das Paradas

Quais são as reflexões e a compreensão dos participantes das Paradas do orgulho LGBT acerca da natureza das Paradas, no âmbito de uma auto-avaliação acerca de sua própria participação: festividade, ação política, carnavalização?

As questões sobre as Paradas do Orgulho LGBT, manifestações públicas do movimento social LGBT fornecem, ainda, elementos para se compreender como os participantes se inserem nesse movimento social, como se percebem enquanto atores sociais e quais as suas metas e suas pretensões. Para respondê-las foram realizados três estudos que se complementam, como se verá nos capítulos seguintes.

Pressupostos

Ante às questões de pesquisa apresentadas no capítulo anterior, ressalta-se que a presente pesquisa se desenvolveu partindo de 3 pressupostos:

1. A população LGBT ainda está marcada, nos dias atuais, pelo estigma da vivência de sexualidades não-hegemônicas.
2. O movimento social LGBT se configura dentro do modelo dos novos movimentos sociais.
3. A teoria das minorias ativas auxilia na compreensão da influência exercida por esses eventos ritualizados de participação massiva, com forte papel na mudança de percepções, porém pouco poder político.

Tais pressupostos permearão as reflexões nas análises finais desta tese e discussões e estudos futuros.

Os dados obtidos por meio da aplicação dos instrumentos utilizados permitirão, ainda, observar se as ações dos movimentos sociais LGBT, representadas pelas paradas do orgulho, estão sendo assimiladas pelos participantes e transformadas em práticas sociais de valorização da diversidade sexual na esfera pública e transformação do status desprivilegiado de LGBT a partir do reconhecimento de cada participante quanto à importância de seu envolvimento com a questão.

MÉTODO

Esta Tese se apresenta em forma de três estudos.

Estudo 1

O primeiro estudo se deu a partir de uma pesquisa, baseada em um questionário no qual os respondentes eram convidados a verbalizar as idéias que lhes vinham à mente (associação livre de idéias) quanto ao tema “Parada”. Este estudo foi realizado com participantes das Paradas de Brasília e de Goiânia, em função da proximidade relativa da ocorrência dos dois eventos. Trata-se de uma pesquisa exploratória, que trouxe elementos para reflexão e melhor delineamento dos passos seguintes que complementaram esta tese.

Estudo 2

A segunda pesquisa focalizou questões relacionadas a gênero, particularmente, de mulheres, participantes do movimento e da Parada. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com foco nas percepções de mulheres participantes e/ou organizadoras de paradas, trazendo uma reflexão que poderá contribuir para futuras análises das questões de gênero no interior do movimento LGBT.

Estudo 3

O terceiro estudo abrangeu a análise de conteúdos manifestos em entrevistas semi-estruturadas com participantes da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, no contexto de um estudo de caso.

A cidade foi escolhida em função de sua representatividade, como maior evento do gênero no Brasil e no mundo, o que auxiliou na coleta de informações mais diversificadas, e

menos restrita a questões locais, visto que essa Parada é freqüentada por pessoas de todo o Brasil e de várias partes do globo.

Os dados da primeira e da segunda pesquisa contribuíram para a formulação de perguntas para essas entrevistas.

Ressalte-se que cada estudo foi realizado com um instrumento específico, que permitiu responder aos objetivos de cada um deles. Os objetivos, métodos, resultados e discussão das pesquisas 1, 2 e 3 serão detalhados nos capítulos correspondentes a cada estudo.

Participantes dos três estudos

Os sujeitos dos três estudos eram frequentadores das Paradas do Orgulho LGBT, de ambos os sexos, e de diferentes orientações sexuais, em Brasília, Goiânia e São Paulo, entre eles, mulheres participantes e organizadoras de Paradas em Brasília.

O total de participantes das pesquisas foi de 214, o que dependeu da disponibilidade de sujeitos, considerando-se o número de participantes interessados e em condições de falarem à pesquisadora durante a realização das Paradas. Uma amostra de conveniência.

Na Pesquisa 1, 123 respondentes eram de Brasília, 60 de Goiânia (Pesquisa 1), havendo 55 mulheres e 68 homens de Brasília, e 33 mulheres e 27 homens de Goiânia; 5 mulheres participaram especificamente da Pesquisa 2; e foram 26 respondentes de São Paulo (Pesquisa 3), considerando que 2 entrevistas feitas em São Paulo não foram aí contabilizadas porque estavam inaudíveis para transcrição, devido ao nível elevado de ruído causado pelos trios elétricos já em funcionamento. Assim, foram efetivamente analisadas 14 entrevistas com homens e 12 entrevistas com mulheres em São Paulo.

A escolha, primeiramente, por Brasília e Goiânia, deve-se à proximidade geográfica, a qual permitia melhor deslocamento entre as cidades. O estudo especificamente com mulheres organizadoras e participantes foi feito em Brasília em função da facilidade em entrevistar mais extensamente mulheres na Capital do Brasil. Já São Paulo foi o lócus de estudo do terceiro estudo em função da representatividade demográfica e das possibilidades de investigação que disponibiliza.

Os três estudos se relacionam no sentido em que os elementos básicos apresentados pelo primeiro estudo orientaram as questões do segundo e do terceiro, além de que o posicionamento das mulheres no segundo estudo possibilitou aprofundar o olhar sobre gênero no terceiro estudo.

Procedimentos e instrumentos de coleta de dados dos três estudos

Para o estudo realizado em Brasília e em Goiânia (Pesquisa 1), foi utilizado um instrumento de coleta de dados, um questionário baseado em evocação.

Considerou-se viável utilizar o termo “parada” nesse instrumento, e não a denominação oficial “Parada do Orgulho LGBT” ou seus derivados, pelo fato de que aquele termo é tanto popularmente conhecido como mencionado cotidianamente nos meios de comunicação para se referir ao evento, representando um referencial “constituído por elementos afetivos, mentais e sociais particulares, e sendo esse fenômeno um determinante forte da realidade material, cognitiva e social dos atores envolvidos” (Jesus, 2005, p. 73).

Dessa forma, o fenômeno a que se refere o termo indutor é caracterizado por “modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana e têm como objetivo compreender” (Oliveira e Werba, 2002, p. 105).

A segunda pesquisa foi realizada em Brasília com mulheres que já tiveram algum nível de envolvimento com alguma Parada do Orgulho LGBT, entrevistadas individualmente, de modo semi-estruturado, em termos de seu envolvimento como organizadoras ou participantes, com foco em suas identidades femininas.

A terceira pesquisa foi realizada durante a parada do orgulho LGBT de São Paulo, com foco nos temas “festa” e “política”, constituindo-se de uma amostra de conveniência (pessoas eram escolhidas ao acaso no meio da rua enquanto caminhavam em direção aos trios elétricos).

Análise dos dados dos três estudos

Os dados coletados na Pesquisa 1 foram processados no software EVOC (Vergès, 2000), o qual correlaciona a frequência das palavras (F) e a ordem em que são evocadas (conhecida pelo termo técnico de “Ranking Médio” – RM). Considerou-se que as palavras mais importantes para o grupo pesquisado, enquanto constituintes de sua percepção quanto às paradas do orgulho LGBT seriam aquelas que apresentassem maior correlação entre os fatores F e RM, tendo-se como referência a prática de uso do software supracitado (Abric, 1994, 2001; Sá, 1996).

A análise do discurso das entrevistadas da Pesquisa 2 se pautou pela leitura crítica proposta por Gill (2003), caracterizada pelo ceticismo, entendido simplesmente como a “suspensão da crença naquilo que é dito como algo dado” (p. 252), atitude típica da práxis antropológica de “tornar o familiar estranho”, tornando-se necessário questionar os pressupostos individuais e o modo como nós, os leitores, costumamos dar sentido às coisas.

As entrevistas transcritas da Pesquisa 3 foram formatadas conforme as regras necessárias para entrada de dados no software ALCESTE (Reinert, 1990, citado em Oliveira e cols., 2003; Reinert, 1983, 1990, 1993 e 1998, citado em Kronberger e Wagner, 2003).

De acordo com Kronberger e Wagner (2003), o ALCESTE é mais do que apenas um programa de computador de categorização e comparação de produções semânticas, ele também é em si uma metodologia exploratória e descritiva de análise estatística de textos, que se aproxima da análise de discurso.

Com esse procedimento observaram-se as características específicas do discurso dos participantes da Parada de São Paulo acerca da própria parada no que tange aos temas “festa” e “política”.

ESTUDOS

PESQUISA 1

Brasília e Goiânia

*“No centro de um planalto vazio
Como se fosse em qualquer lugar
Como se a vida fosse um perigo
Como se houvesse faca no ar
Como se fosse urgente e preciso
Como é preciso desabafar
Qualquer maneira de amar valia”*
Oswaldo Montenegro, “Léo e Bia”.

Foram realizados estudos em Brasília e Goiânia, no ano de 2007, focalizando a utilização dos espaços públicos com posterior interpretação da trajetória da Parada. Os participantes responderam a um instrumento de evocação sobre o termo indutor “parada” (Anexo A), no qual lhes era instado a falar as primeiras palavras ou expressões que lhes vinham à mente; em seguida indicar quais entre esses termos evocados eram os três considerados mais importantes, mais representativos do termo indutor, e em seguida explicar o que entendia como significado da palavra dita como mais importante.

Método

O estudo de abordagem exploratória realizado junto a participantes das Paradas das cidades de Brasília e de Goiânia foi baseado em um instrumento de evocação onde os respondentes eram convidados a descrever termos que lhes vinham à mente quanto ao tema “Parada”.

Sujeitos

Participaram 183 respondentes ao instrumento aplicado durante a realização das paradas de Brasília e de Goiânia (Anexo A), sendo 123 participantes de Brasília e 60 de Goiânia. Foram coletados dados sócio-demográficos levantando as variáveis sexo, cor/raça, orientação sexual, identidade de gênero, religião e escolaridade. A Tabela 2 descreve as características sócio-demográficas por cidade dessa amostra.

Tabela 2: Estatística Descritiva por Cidade das Características Sócio-Demográficas.

Variável	Categoria	Cidade	
		Brasília (n)	Goiânia (n)
Sexo	Feminino	55	33
	Masculino	68	27
Cor/Raça	Preta	14	5
	Parda	42	17
	Branca	60	29
	Indígena	3	1
	Não declarada	4	8
Orientação Sexual	Homossexual	65	39
	Heterossexual	28	10
	Bissexual	24	7
	Não declarada	3	4
Identidade de Gênero	Travesti	1	0
	Transsexual	2	0
Religião	Deísmo	5	0
	Cristianismo	37	35
	Religiões afro-brasileiras	1	0
	Budismo	4	0
	“ser religioso(a)”	36	9
	Ateísmo	15	9
	Não declarada	25	7
Escolaridade	Até quinta série	8	1
	Primeiro grau completo	3	2
	Segundo grau incompleto	38	19
	Segundo grau completo	13	7
	Terceiro grau incompleto	46	26
	Terceiro grau completo	9	3
	Pós-graduação	6	2

Responderam aos instrumentos 95 (noventa e cinco) homens e 88 (oitenta e oito) mulheres. Quanto à cor/raça, 78 (setenta e oito) se declararam negros (somatório dos pretos e pardos), 89 (oitenta e nove) se disseram brancos, 4 se identificaram como indígenas e 12 (doze) não quiseram se identificar racialmente.

No quesito orientação sexual e identidade de gênero, 104 (cento e quatro) se declararam homossexuais, 38 (trinta e oito) heterossexuais, 31 (trinta e um) bissexuais, 1 (uma) travesti, 2 (duas) transexuais e 7 (sete) não informaram sua orientação sexual.

Quanto à crença religiosa, 5 (cinco) se consideraram deístas (acreditam na existência de uma divindade sem seguir uma religião em particular), 72 (setenta e dois) cristãos (somando católicos e protestantes), 1 (uma) declarou ser praticante de religiões afro-brasileiras, 4 (quatro) informaram ser budistas, 45 (quarenta e cinco) declararam apenas que são religiosos, 24 (vinte e quatro) se disseram ateus e 32 não quiseram dar informações sobre o tópico religião.

No que tange à escolaridade, 9 (nove) cursaram até a quinta série do primeiro grau, 5 (cinco) até a oitava série, 57 (cinquenta e sete) não concluíram o segundo grau, 20 (vinte) completaram o ensino médio, 72 (setenta e dois) ainda não concluíram o ensino superior, 12 (doze) completaram o terceiro grau e 8 (oito) têm pós-graduação.

Análise dos Dados

Considerou-se que as palavras mais importantes para o grupo pesquisado quanto às paradas do orgulho LGBT (Abric, 1994, 2001; Sá, 1996) seriam aquelas que apresentassem maior correlação entre os fatores F e RM.

Os elementos mais importantes correspondem à compreensão mais estável e consensual do grupo acerca do tema. Há ainda os elementos que remetem a conceitos que, apesar de instáveis, tendem a se aproximar do núcleo constituinte do esquema conceitual do grupo. Existem, ainda, os elementos que em geral são conceitos de subgrupos dentro do grupo pesquisado que não correspondem à percepção geral sobre o tema (Sá, 1996, 1998).

Os elementos com frequência menor que 5 foram excluídos da análise. Para fins de diferenciação entre elementos centrais e periféricos, foi definido que aqueles com frequência maior ou igual a 10 e RM menor que 3 (significando que a palavra ficou entre a primeira mais citada e a terceira palavra mencionada) seriam tidos como centrais; as palavras com F maior ou igual a 10 e RM menor que 3, e os com F menor que 10 e RM maior ou igual a 3 (significando isso uma ordem de evocação entre a terceira palavra e até as demais palavras menos citadas) seriam enquadrados como periféricos próximos; e os elementos com F menor que 10 e RM menor que 3 seriam considerados periféricos distantes.

Quanto ao uso do software EVOC, vale a pena ressaltar, a título de exemplo, que, ao realizar um estudo sobre o efeito de descargas epiléticas lateralizadas (epilepsia parcial) no fluxo do pensamento, a partir da associação livre de idéias, os neurocientistas Mendonça, Piccinin, Capucho e Campos (2001) definem esse método como a apresentação de uma palavra-frase que deveria ser seguida por palavras-frase espontâneas e consecutivas por parte dos respondentes, e relatam, a título de exemplo, que o psicanalista Jung elaborou um teste

composto por uma lista de palavras indutoras, aproveitando-se, assim da livre associação de idéias dos seus respondentes para melhor compreendê-los.

Garcia e Martins (2002) esclarecem que o princípio conversacional da psicanálise, desde Freud, é a associação/evocação livre, a qual, conforme descrevem Fonseca, Coutinho e Azevedo (2008, citando Coutinho, 2005), “se estrutura na evocação de respostas dadas a partir de um estímulo indutor, o qual permite colocar em evidência os universos semânticos de palavras que agrupam determinadas populações, sendo uma estrutura submetida à influência do meio cultural e da experiência pessoal” (p. 494).

É essa conceituação ampla que justifica a utilização da técnica supracitada para investigação das percepções dos participantes das Paradas do Orgulho LGBT, visto que o conceito de evocação, apesar de muito utilizado como instrumento de investigação por determinadas linhas teóricas, da Psicanálise à Teoria das Representações Sociais, é essencialmente independente de filiações a modelos teóricos particulares, visto estar associada aos conceitos-balão “meio cultural” e “experiência cultural”.

No entendimento desta pesquisadora, “conceito-balão” é todo aquele que, por abrigar um número muito grande de significados, pode perder o seu significado original, passando a ser utilizado para justificar qualquer argumento. Por exemplo, a frase: “a cultura explica tudo”, essa frase não identifica as particularidades desse conceito-balão “cultura”, no qual pode haver vários fatores, mais ou menos explicativos, tais como educação, história, clima, entre outros.

RESULTADOS

As palavras foram distribuídas graficamente em quadrantes, conforme os dados apresentados após o processamento pelo EVOC. Os termos centrais foram localizados no quadrante superior esquerdo, os elementos intermediários ou periféricos próximos nos quadrantes superior direito e inferior esquerdo, e os periféricos distantes no quadrante inferior direito, conforme a Figura 7.

Elementos Centrais (F>25, RM<3)			Elementos Periféricos Próximos (F>25, RM>=3)		
	F	RM		F	RM
Alegria	54	2,055	Preconceito	27	3,000
Liberdade	85	2,412	Igualdade	26	3,192
Respeito	48	2,625	Humanos	27	3,333
Festa	51	2,686			
Cidadania	32	2,906			
Elementos Periféricos Próximos (F<=25, RM<3)			Elementos Periféricos Distantes (F<=25, RM>=3)		
	F	RM		F	RM
Diversidade	25	2,360	Conscientização	12	3,000
Expressão	14	2,500	Protesto	23	3,044
Gay	12	2,500	Sexo	15	3,066
Orgulho	25	2,680	Amor	17	3,118
			União	12	3,500
			Amizade	13	3,846

Figura 7: Distribuição Referente ao Termo Indutor “Parada” (n sujeitos: 183; n palavras: 1151).

Observa-se que os termos mais evocados das paradas são “alegria” (F=54, RM=2,055), “liberdade” (F=85, RM=2,412), “respeito” (F=48, RM=2,625), “festa” (F=51, RM=2,686) e “cidadania” (F=32, RM=2,906).

Pontue-se a nuclearidade de “alegria”, na construção cognitiva coletiva sobre a parada, ante a “liberdade”, que é mais freqüente. Alegria é quase sempre a palavra mais lembrada para se remeter ao evento, é, desse modo, constituinte das idéias acerca da parada.

Alegria também é uma emoção, está no campo do afetivo, diferentemente de “respeito” e “cidadania”, que estão no âmbito cognitivo e se referenciam aos direitos dos sujeitos que participam do evento em ser tratados de acordo com seu lugar devido na sociedade.

Liberdade é um conceito que envolve a expectativa pelo aparecimento de elementos não necessariamente presentes. Aproxima-se da alegria por funcionalidade: a expectativa de ser livre alegra os frequentadores das paradas.

Segundo o pensamento de Hobbes (Maruyama, 2009), a liberdade é um direito oriundo da condição humana, caracterizado pela “ausência de obstáculos externos às ações que contribuem para a preservação da vida” (p. 48), essa predisposição depende da necessidade de fazer algo, e só ocorre de fato enquanto ação. Já no seu Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Rousseau (2006) defende que a liberdade é um elemento distintivo do ser humano para os outros animais, uma paixão, no sentido afetivo, que lhe permite escolher algo em função de sua vontade.

Integrando essas duas proposições, entende-se que o sentimento de alegria nas Paradas decorre da percepção de uma liberdade, mesmo que momentânea, baseada na falta de obstáculos para ser quem se é (vontade decorrente de uma emoção) e se expressar publicamente como se é (ação decorrente da necessidade).

É salutar o conceito de “festa” como central, o que parece reiterar um entendimento da estrutura do evento como “festiva”, na qual se desenrolam as idéias, sensações, sentimentos e desejos aludidos.

O que se pode inferir desses dados é que, na prática social, a alegria, a liberdade, o respeito e a cidadania presentes na parada se expressam, objetivamente, por meio da festa, no caso uma festa realizada no espaço público, tal qual o carnaval, que conforme explica Peirano (2003), referindo-se a Da Matta, “permite um conjunto de gestos que, em geral, só se realizam em casa” (p. 43), no sentido de só se realizariam no âmbito privado, mas que naquele

momento ritual, público, é permitido. A expectativa de ser respeitado(a) nessa festa, enquanto se expressa coletivamente um ideário de liberdade individual, é que estimula a presença na festa (a parada).

Sintetizando a idéia central das paradas em uma expressão, poderíamos afirmar que ela é: **momento festivo onde pessoas com direitos se alegram por serem livres e se sentirem respeitadas**. É essa concepção determinada histórica, social e ideologicamente que marca a memória coletiva dos participantes das paradas.

Nos campos periféricos próximos, salutares para aqui se refletir acerca de algumas palavras, encontramos como mais freqüentes “preconceito” (F=27, RM= 3,000), “igualdade” (F=26, RM= 3,192), “humanos” (F=27, RM=3,333), “diversidade” (F=25, RM=2,360), “expressão” (F=14, RM=2,500), “gay” (F=12, RM=2,500) e “orgulho” (F=25, RM=2,680). São essas as idéias periféricas, na concepção de Sá (1996), que permitem aos participantes das paradas se adaptar à realidade concreta.

Vale pontuar acerca dos campos periféricos distantes, onde se destacaram os termos “conscientização” (F=12, RM=3,000), “protesto” (F=23, RM=3,044), “sexo” (F=15, RM=3,066), “amor” (F=17, RM=3,118), “união” (F=12, RM=3,500) e “amizade” (F=13, RM=3,846). Esses elementos apartados nos trazem a percepção de que as idéias que circundam o núcleo das percepções acerca da parada são as mais explícitas e “radicalizadas” possíveis, para demonstrar, por exemplo, que a “festa” se expressa por meio da “amizade”, do “amor” e até mesmo do “sexo”, enquanto a “cidadania” se dá através da “conscientização”, da “união” e do “protesto”.

Por isso entende-se que o protesto está ao lado da festa, quando se discute acerca das paradas do orgulho LGBT, e essa noção se mostra importante de ser aprofundada na segunda pesquisa referente a esta Tese de Doutorado, visto que essas idéias periféricas podem um dia ocupar o centro das evocações acerca das paradas LGBT.

Como no carnaval, os desejos antes reprimidos das individualidades se expressam em múltiplos planos: nas fantasias, nos comportamentos expressos fora das limitações rotineiras, nas músicas específicas. As paradas não têm como escapar do universo simbólico do carnaval porque, histórica e socialmente, foram construídas dentro desse paradigma, apesar de, ideologicamente, remeterem a outro universo, o das marchas políticas, pautado por seus discursos contextualizados.

DISCUSSÃO

Este foi um estudo pautado pelo método da evocação. Aqui não se reiterou o uso dos procedimentos de evocação no campo dos estudos como os da psicanálise, das representações sociais ou mesmo das neurociências, ao mesmo tempo em que se considerou viável apropriar-se desses métodos, pois nesta Tese se reconhece a proximidade entre as idéias de evocação e as de percepção, considerando que aquelas podem ser entendidas e estudadas sem necessariamente se submeterem à conjuntura teórico-ideológica das teorias supracitadas.

Os objetivos desses métodos são correlatos, porém não idênticos.

Em outros termos, entende-se que o software Evoc, apesar de amplamente utilizado pelos pesquisadores de várias áreas de estudo, pode ser aproveitado em outras veredas, e essa foi a opção metodológica neste estudo que, nos seus campos teórico e prático pautou-se pela noção de percepção.

São relevantes as várias evocações para o termo “parada” dadas pelos respondentes, centenas das quais, infelizmente, apenas a pesquisadora tem acesso pleno, visto que sua frequência é menor que 10, desse modo consideradas pouco significativas de se categorizar na análise.

A idéia tão evocada de “alegria”, funcionalmente associada à de felicidade, tem como exemplo de sua presença a fala de um dos participantes, que definiu a movimentação ora em curso como um “estilo de vida segundo o qual se atinge a felicidade mesmo que momentânea”. Em nossa perspectiva, essa leitura é significativa das colocações observadas, configurando o evento como um momento de expressão da emoção da alegria, tantas vezes confundida com o sentimento da felicidade, definido por Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) como “um estado emocional positivo, com sentimentos de bem-estar e de prazer, associados à percepção de sucesso e à compreensão coerente e lúcida do mundo” (p. 234).

Correlacionemos essa definição com a parada, em especial no que se refere à percepção de sucesso, no sentido em que, pelo menos naquele momento, naquele local, as pessoas vivenciam uma emoção de alegria por poderem se expressar livremente como são, o que não costuma acontecer no cotidiano.

Podemos concluir que a satisfação dos participantes, mais do que tão-somente resultante dos estímulos ambientais, visuais e sonoros, deve-se a questões predominantemente subjetivas, à percepção em si de realização em âmbito pessoal e coletivo, durante um período, em contraste com uma rotina de dificuldades para expressão dos sentimentos.

Os direitos, nessa esfera de compreensão do mundo, parecem mais refletir anseios pessoais que o reconhecimento de desafios políticos. Decerto não há nas paradas pesquisadas a mesma coesão ideológica entre o discurso dos frequentadores e os slogans que se encontram, por exemplo, nas marchas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Chaves (2000) observa que, se esse “sujeito político”, o MST, produz poder político com suas marchas rituais, enquanto aquele outro sujeito político, a comunidade LGBT em marcha, conquista influência com a expressividade de suas paradas.

Destarte, os resultados encontrados retomam a discussão teórica quanto à natureza da participação política daqueles que estão nas Paradas do Orgulho LGBT porém não são organizadores ou sequer participam cotidianamente das ações do movimento organizado LGBT: entende-se, aqui, que essa participação política está presente, na percepção dos participantes pesquisados, como um elemento subjacente ao caráter festivo da Parada, a festa parece ser mais importante no momento de realização da Parada do que a questão política, que surge diluída nos conceitos amplos de liberdade, igualdade e cidadania.

Pode-se compreender que os respondentes entendem a sua participação política como restrita ao gozo de seu próprio prazer e sentimento de alegria alcançados durante a Parada. Buscar-se-á aprofundar essa reflexão nas demais pesquisas.

PESQUISA 2

Questões de Gênero

*“Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delícia
De ser o que é...”*

*Não me olhe
Como se a polícia
Andasse atrás de mim
Cale a boca
E não cale na boca
Notícia ruim...”*
Caetano Veloso, “Dom de Iludir”.

Suscitadas inicialmente pelo movimento feminista do Século XX e adotadas posteriormente pelos mais variados movimentos sociais e grupos acadêmicos, as questões de gênero se constituem em um campo do estudo e enfrentamento às desigualdades constatadas nas relações entre homens e mulheres (Bandeira & Siqueira, 1997). Sendo assim, concordam Louro (1998, 2000), Oliveira(1998), Scott (1995, 1998) e Segato (1997), que gênero é um conceito eminentemente relacional, ao mesmo tempo em que se assume como político, sem que suas/seus estudiosas/os se neguem em assumir esse posicionamento. Entende-se que, ao invés de restringir ou tornar tendenciosa a visão do/a pesquisador/a permite ampliar a visão dos eventos humanos como eventos políticos.

Por exemplo, entre outros pontos, como aponta Gailey (1987, citado em Strey, 2002), os mecanismos da sociedade associam o poder e o controle social à masculinidade. Essa visão descende da criação de símbolos que visam prover leituras da realidade em que o ponto-de-vista masculino seja privilegiado, e tanto homens quanto mulheres tenham seus significados identitários concebidos de forma unilateral (Scott, 1995).

Nessa conjuntura, profundamente marcada pela atuação masculina e pela representação do masculino como referência, é provável que mesmo as paradas do orgulho LGBT sejam dominadas pela visão masculinizada entre os homens (homossexuais, bissexuais e mesmo os homens transexuais), em detrimento da visão das mulheres bissexuais, heterossexuais, lésbicas ou transexuais.

Apesar de serem conceitos diferentes, a identidade de gênero e a orientação sexual são conceitos que mantêm relações íntimas e interdependentes, tanto no senso comum quanto em alguns setores acadêmicos, observa Butler (1999), o que aumenta a possibilidade de questões de gênero se interpoem no contexto da mobilização feminina em um evento como a parada.

Determinados fatores antecedentes podem interferir na razão de participar e no modo de participar das mulheres, como indica Facchini (2004), cujo estudo demonstra que as mulheres homossexuais são invisíveis quando sua sexualidade precisa ser tratada no ambiente público. Cerca de metade delas não identifica sua orientação sexual para ginecologistas, comportamento que pode acarretar dificuldades assistenciais à sua saúde.

De certa forma, observa-se aqui a articulação do dispositivo de poder e de saber sobre o corpo teorizado por Foucault (1988), porque o conhecimento e o poder do profissional médico, um conhecimento heteronormatizado, impõe-se inadequadamente sobre um corpo homoafetivo.

É válido lembrar que mesmo as lutas feministas clássicas relegaram as mulheres lésbicas à invisibilidade de suas identidades (Navarro-Swain, 2000), o que maximiza a percepção de uma lógica generalizada de silenciamento decorrente do cruzamento de identidades não-hegemônicas de gênero e de orientação sexual. Essa relação entre gênero e sexualidade é indissociável, como reforçam Heilborn (1996, 1999), Louro (2003), Weeks (2000), Parker (2000), remontando o pensamento de Foucault acerca da relação entre poder e discurso, ou seja, a do poder como gerador de determinados saberes (Foucault, 1996) e mesmo de individualidades (Foucault, 1988).

É necessário ressaltar que mulheres bissexuais, lésbicas e transexuais brasileiras têm articulado movimentos próprios, ressaltando as particularidades de suas identidades no contexto da diversidade LGBT.

Nesse contexto, como se dá a participação das mulheres? São protagonistas na realização das paradas ou apenas espectadoras? Como essa participação ativa é percebida por elas? Como elas se mobilizam para lidar com as questões que as tocam especificamente durante esses eventos? Há uma uniformidade ou diferença dessa percepção entre mulheres que organizam e mulheres que participam?

Essas são reflexões, na forma de perguntas amplas, que se orientam para o objetivo da Pesquisa 2. No presente texto, propõe-se a discutir o papel e o lugar da mulher no cenário das Paradas do Orgulho LGBT.

A luta das mulheres por visibilidade é uma constante independentemente da identidade grupal e da configuração do movimento social, como demonstra Tsibodowapré (2006), ao relatar a mobilização individual e coletiva de mulheres indígenas que persistem, enquanto lideranças comunitárias, no combate pelo fortalecimento dos direitos culturais, religiosos e políticos das nações indígenas, apesar de experiências que ameaçam desestabilizá-las. Essa vivência pode ser compartilhada por mulheres vivendo em outras realidades.

Ante ao acima exposto, a presente pesquisa, de caráter exploratório, objetivou estudar questões de gênero, no que tange à participação de mulheres homossexuais e heterossexuais que atuam como organizadoras e/ou participantes da manifestação que busca dar visibilidade à população LGBT: as Paradas do Orgulho, eventos de ordem política que visam massificar a percepção social acerca da presença e da diversidade interna da população LGBT.

Método

A pesquisa foi realizada na cidade de Brasília, durante o primeiro semestre de 2008, de modo a facilitar o acesso a participantes e organizadores em uma cidade que realiza uma Parada do Orgulho LGBT, e privilegiou métodos interrogativos que possibilitam identificar elementos constitutivos das percepções das entrevistadas.

Por métodos interrogativos Abric (2001) entende entrevistas em profundidade, questionários, pranchas indutoras de discussões por meio de desenhos ilustrativos dos temas, produção de desenhos pelos sujeitos e pesquisas de cunho etnográfico, como observação participante, coleta de informações na comunidade por meio da construção de redes, análise histórica e observação do comportamento.

Sujeitos

Foram sujeitos desta pesquisa 5 (cinco) mulheres que participam de paradas do orgulho LGBT, com maior ou menor grau de envolvimento na organização do evento. 3 (três) homossexuais e 2 (duas) heterossexuais. 4 (quatro) participantes e 1 (uma) organizadora. 1 (uma) completou o ensino superior, 1 (uma) está cursando o ensino superior, 2 (duas) completaram o ensino médio e 1 (uma) o está cursando. 3 (três) não seguem uma religião, 1 (uma) se declara católica e 1 (uma) se declara espírita. No quesito cor/raça, 1 (uma) se declara negra de cor preta, 2 (duas) se declaram negras de cor parda e 2 (duas) se declaram brancas.

Instrumentos e Procedimentos

Para esta pesquisa em particular, optou-se pela realização de entrevistas individuais semi-estruturadas, com roteiro formado por questões abertas relacionadas ao tema da participação feminina nas paradas, sentimentos em relação a essa participação, dificuldades encontradas, concepções e sentimentos relacionados à dinâmica da parada (Anexo B). Esse é um método interrogativo, conforme se ressaltou no capítulo anterior.

As entrevistas foram conduzidas de modo a centrar-se na pessoa da entrevistada, privilegiando suas falas e aprofundamentos, procurando reformular as questões de acordo com o desenvolvimento da conversação e estimulando a entrevistada com relação ao tema discutido. Foram gravadas em arquivo eletrônico MP3, resultando em um total de 2 (duas) horas e 30 (trinta) minutos de gravações.

Análise dos Dados

A análise do discurso das entrevistadas se pautou pela leitura crítica proposta por Gill (2003), caracterizada pelo ceticismo, entendido simplesmente como a “suspensão da crença naquilo que é dito como algo dado” (p. 252), atitude típica da práxis antropológica de “tornar o familiar estranho”, tornando-se necessário questionar os pressupostos individuais e o modo como nós, os leitores, costumamos dar sentido às coisas.

Nesse paradigma, a fala somente tem sentido dentro de uma moldura que chamamos de contexto, mesmo que esse seja fictício. Essas falas só existem porque são vozes da

sociedade, o discurso não é algo que a linguagem faça isoladamente, é uma atividade política (Mey, 2001).

Quando é citada aqui a análise do discurso, implicitamente se adota uma postura política ante as falas das entrevistadas, seus discursos, os quais passam a ser “lidos” em intercâmbio indissociável com o contexto em que são produzidos, com o significado das experiências relatadas; com a relação que acontece entre as participantes das paradas do orgulho LGBT, seus papéis, com o próprio significado do fala; daí entender os usos da linguagem enquanto formas de prática social (Halliday e Hasan, 1989; Ghio e Fernández, 2005; Schiffrin, 1994). Nas palavras de Hall (2006), citando o lingüista Saussure, “a língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós” (p. 40).

A leitura crítica articula a fala com o contexto vivido, apesar de produzir generalizações, não busca universais, o que ela procura é entender a circunstância dos contextos específicos. São dois os passos para se ler criticamente: formular as questões iniciais de pesquisa e escolher os discursos a ser analisados. A questão central desta pesquisa é:

De que modo mulheres percebem a participação feminina nas paradas do orgulho
LGBT?

RESULTADOS

Entrevistada A

A entrevistada A é homossexual, negra de cor parda, não segue uma religião e é pós-graduada. Ela não é organizadora de uma parada do orgulho LGBT, porém participa e apóia diretamente por meio de seu trabalho militante e da articulação de apoios junto a um gabinete parlamentar distrital que ela assessora.

Para ela é um ponto de destaque a presença dos homossexuais masculinos na organização das paradas, o que lhes conferiu grande visibilidade, em contraponto às homossexuais femininas: “Sempre foi mais forte a presença dos gays”.

A considera que, “por outro lado, talvez por falta de manifestação das lésbicas”, decorreu uma separação entre os homossexuais masculinos e femininos na realização do evento, o que redundou na necessidade de criação de paradas lésbicas. Isto denota uma divisão do movimento LGBT, apesar de sofrerem as mesmas vedações e buscarem os mesmos objetivos. A entrevistada responsabiliza, em parte, as próprias mulheres por essa situação, visto que “deixaram as coisas muito na mão dos meninos, dos gays”, o que acabou excluindo as mulheres nas paradas de todo o Brasil no que tange a sua visibilidade social. A primeira imagem que costuma “vir à mente” de homossexuais e heterossexuais, quando se fala do evento, não é jamais de mulheres, mas de homens, o que torna a parada LGBT, para a sociedade de forma geral, uma parada exclusivamente gay, masculina.

Apesar dessa leitura, A julga que as homossexuais femininas têm mudado esse contexto a partir de um movimento das próprias lésbicas “de que até dentro do movimento gay haja um reconhecimento dos direitos das lésbicas”. Elas organizam uma parada especificamente lésbica e buscam participar cada vez mais da parada LGBT.

Entrevistada B

A entrevistada B é heterossexual, negra de cor parda, católica e está cursando o ensino médio. Ela não é organizadora de uma parada do orgulho LGBT, porém participa e acompanha os trabalhos de seu pai, que é homem transexual (mulher biológica com identidade masculina) e organiza paradas em uma localidade brasileira.

B encontra dificuldades em detalhar sua percepção acerca da participação de mulheres na parada, declara ver mais homens do que mulheres, acha que tanto homens como mulheres vêm as paradas de modo semelhante.

Dados de Facchini, França e Venturi (2007) indicam que metade dos participantes da Parada de São Paulo no ano de 2006 tinha identidade de gênero feminina. Isso nos sugere que, ao notar que mais homens que mulheres participam da Parada, B nos mostra a menor visibilidade das mulheres, não porque sejam numericamente menos presentes, mas porque são pouco notadas mesmo quando estão presentes nos carros de som ou ao redor deles.

Entrevistada C

A entrevistada C é homossexual, branca, não segue uma religião e concluiu o ensino médio. Há vários anos ela é organizadora de paradas do orgulho LGBT.

Ela declara que nos últimos anos tem intensificado sua participação na parada exclusivamente lésbica, tendo se afastado da organização da parada LGBT. Considera que as lésbicas, na parada LGBT, objetivavam dar mais enfoque político do que festivo, pois acha que nos últimos anos as paradas LGBT, especificamente a de Brasília, “perdeu um pouco o foco político, ficou mais um carnaval mesmo”, por isso elas começaram a organizar a parada da visibilidade lésbica. A seu ver, as mulheres estão fazendo agora o que não conseguiram fazer na parada LGBT, que seria “falar mais do que tocar música”, dizendo palavras de ordem para que as pessoas, “ao menos inconsciente, comecem a pensar um pouco mais”.

Para C a parada lésbica é uma manifestação para dar visibilidade a tudo o que falta às lésbicas, com forte enfoque político, o que fica patente e a diferencia da parada LGBT, buscando reforçar a identidade homossexual feminina por palavras de ordem como “seja lésbica por um dia”. Há uma crítica à forma festiva como a parada LGBT é feita, o que leva a uma visão de oposição da parada lésbica frente à parada LGBT, a partir da questão de gênero.

C afirma que as pessoas, atualmente, somente participam das paradas LGBT enquanto festividades que reúnem “dois milhões de pessoas sem enfoque político, que só vão para a festa”. Além disso, em suas palavras, as lésbicas são “só uma parte” da parada LGBT, o carro de som das mulheres já foi alvo de ações machistas por parte dos gays: “foi uma luta colocar o carro na parada”, porém observa que, atualmente, esse carro é consolidado, “puxa a parada”.

Quanto à participação do público, ela informa que o público feminino, tanto na parada LGBT quanto na lésbica, é o mesmo, de mulheres que “estão pela festa, não têm muita consciência”, entretanto, “quem organiza é que faz a diferença”, na parada lésbica se discutem temas políticos e não se age como na parada LGBT, que tende a apenas exortar as pessoas a

expressar sua sexualidade, com frases como “vamos beijar galera”. Há uma oposição a quem vai à “festa” e, novamente, a quem a organiza.

Ela percebe maior presença de pessoas heterossexuais e travestis na parada LGBT do que na parada lésbica. No tocante às travestis, a entrevistada destaca a importância do “trabalho de conscientização” de 10 anos de parada LGBT para que não ficassem seminuas, “porque a polícia, como é muito repressora”, pode prendê-las por atentado ao pudor. Além disso, ainda nesse aspecto, a entrevistada C vê uma questão política de que as travestis não precisam se despir para participar das paradas.

Esse posicionamento pode estar sinalizando uma visão paternalista da entrevistada com relação às travestis, as quais poderiam estar participando ao longo do ano da organização do evento e compreendendo mais profundamente seu aspecto político.

Entrevistada D

A entrevistada D é heterossexual, negra de cor preta, não segue uma religião e está cursando o ensino superior. Ela apenas participa de paradas do orgulho LGBT.

Para D questões de gênero são muito presentes na parada, a expressão da liberdade feminina é “muito bem-vinda na parada”, independentemente de sua orientação sexual. O carro das mulheres e os discursos das mulheres, mesmo das heterossexuais, leva todos os presentes a comemorar e acreditar que é possível ser livre: “dá pra mudar, a gente pode ser feliz”.

D participou da parada lésbica e constata que ela é bem menor em número de pessoas que a parada LGBT. Aquém a isto, não identifica diferença alguma de discurso entre a parada lésbica e a LGBT, exceto a percepção de que não há, na parada lésbica, “o movimento político intenso” da parada LGBT, “não só pelo número de pessoas, mas pelo o que as pessoas estavam falando ali”, a discussão política lhe pareceu vaga, e ficou com a impressão de que as organizadoras não sabiam com clareza o que dizer da especificidade lésbica, talvez porque estavam começando, “deveriam saber, porque o carro lésbico lá da parada gay é muito articulado, é lindo e os discursos são maravilhosos e eles são bem direcionados, eles sabem falar muito bem da especificidade”, e na parada lésbica não percebeu isso, achou “menos intenso” e que era mais festa do movimento político, o que considera completamente válido.

O problema, a seu ver, é que a parada lésbica não está bem articulada. A entrevistada, quando relaciona a parada lésbica à LGBT, destaca sua percepção de que o discurso das militantes lésbicas não é amparado por um contexto de maior impacto visual e musical como o da parada LGBT, e que mesmo as falas das militantes nos carros da parada especificamente lésbica não parecem ter a mesma força daquelas feitas na parada LGBT.

Entrevistada E

A entrevistada E é homossexual, branca, espírita e concluiu o ensino médio. Ela apenas participa de paradas do orgulho LGBT.

A participação feminina nas paradas, para a entrevistada, “é importantíssima”, pois “se os homens fazem, as mulheres também têm de fazer” a parada, “marcar presença para lutar por nossos direitos”. As lésbicas “têm que ser vistas”.

E considera a parada do orgulho LGBT muito organizada, destacando os discursos das lésbicas enquanto marca da participação feminina. Ela não identifica atos de machismo provenientes dos organizadores ou de participantes das paradas LGBT contra as mulheres, e sente falta de pessoas na parada lésbica, o que para ela é imprescindível porque “a gente tem de ser visto para ser lembrado”.

DISCUSSÃO

A natureza exploratória desta pesquisa permite identificar alguns pontos para reflexão e entendimento do modo como as mulheres entrevistadas se mobilizam nas paradas do orgulho LGBT, entre eles a diferença de percepção entre organizadoras e participantes quanto à presença lésbica, o discurso de lésbicas e o preconceito contra lésbicas, na parada LGBT e na parada lésbica.

Confirmamos, em primeiro lugar, a existência de uma percepção de desigualdade de gênero, o que reitera o pensamento de Butler (1999) acerca da prevalência das questões de gênero em quaisquer ambientes. A visão masculina privilegiada, apontada por Scott (1995), é então reproduzida nas Paradas do Orgulho LGBT.

A organizadora tendeu a ser mais crítica quanto à atuação da parada LGBT e a perceber a parada lésbica como mais política, impressão que não é partilhada pelas participantes tanto da parada LGBT quanto da parada lésbica.

Racionalmente, as participantes não organizadoras preferem a parada LGBT, reconhecendo a sua importância e repercussão junto à sociedade. No entanto, afetivamente, valorizam a parada lésbica como espaço essencial para a expressão de suas demandas próprias dentro do grupo LGBT.

Um fator explicativo para essas diferenças, além da necessidade de as organizadoras buscarem diferenciar sua forma de gerir do modo masculino com que se vê a parada LGBT sendo feita, é o fato de que a parada lésbica ainda é recente, em comparação com a outra, e sua estruturação, ao longo do tempo, provavelmente definirá um perfil que gere maior identificação com as mulheres que dela participam.

Remontando ao entendimento de Gohn (1991) sobre os novos movimentos sociais, podemos entender que as falas das entrevistadas advêm de um grupo social que busca se

articular independentemente das estruturas pré-estabelecidas, visto estar marcada a sua diferença na sociedade e dentro do grupo LGBT, enquanto mulheres em um movimento predominantemente liderado por homens, e ser percebida uma diferenciação no seu tratamento frente ao de outros, dado participarem das paradas LGBT mas não se sentirem reconhecidas como lideranças efetivas nesses eventos.

Desejam, essas mulheres, ocupar territórios diversos do que hoje ocupam marginalmente nas Paradas do Orgulho LGBT frente ao poder dos homens homossexuais. Elias e Scotson (2000) podem ser boas referências teóricas para se compreender que mesmo esse espaço ocupado por mulheres, na Parada LGBT, pode ser visto por elas como estigmatizado, por não ser o mais importante.

Então retomamos o pensamento de Moscovici (1981), e notamos que as paradas lésbicas, dado o conflito de forças que elas evidenciam, entre um grupo majoritário (homens) e um minoritário (mulheres), tornam-se espaços marginais, porém de influência, sobre a parada LGBT. As mulheres, embora tenham presença numérica significativa, representam uma minoria política que, dentro de outra minoria, busca visibilidade, reconhecimento e poder político, revertendo o quadro de discriminação por elas percebido no contexto do movimento GLBT, expressa nas manifestações em forma de paradas.

Quanto à questão básica que permeia esta pesquisa, pôde-se notar no discurso das entrevistadas que a participação feminina tem se diversificado e tido tal destaque na parada do orgulho LGBT que um de seus frutos é a parada lésbica, um novo caminho para afirmação e valorização de diferenças que, do ponto de vista das mulheres lésbicas que fazem a parada LGBT e a parada lésbica, não foi dado pelos organizadores, mas construído por elas mesmas, o que poderia ser investigado mais aprofundadamente, e com um número maior de entrevistadas, em uma pesquisa futura, com vistas à possibilidade realizar maiores generalizações que a presente pesquisa não permite.

PESQUISA 3

São Paulo

*“Num apartamento perdido na cidade
Alguém está tentando acreditar
Que as coisas vão melhorar ultimamente
A gente não consegue ficar indiferente debaixo desse céu
No meu apartamento, você não sabe o quanto voei
O quanto me aproximei de lá da terra.*

*As luzes da cidade não chegam às estrelas sem antes me buscar
Na medida do impossível, tá dando pra se viver
Na cidade de São Paulo, o amor é imprevisível
Como você e eu, e o céu...”
Rita Lee e Luiz Sérgio, “Lá Vou Eu”.*

Concentrou-se a atenção do estudo em São Paulo às percepções dos participantes quanto à natureza política da Parada do Orgulho LGBT paulistana e sua própria participação na constituição dessa dimensão política, estruturando o instrumento, um roteiro de entrevista semi-estruturada (Anexo C) para aplicação mais eficaz durante a realização da Parada.

Método

Esta pesquisa foi realizada no ano de 2009 durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, evento mais representativo do gênero no Brasil e no mundo. Com foco nos temas “festa” e “política”, privilegiou a livre expressão dos respondentes, sendo orientada por uma técnica de entrevista exaustiva, onde as questões eram apresentadas e se buscava aprofundá-las junto aos respondentes. Foi constituída por amostra de conveniência selecionada aleatoriamente no momento de realização do evento, antes de o som dos trios elétricos ser ligado, o que inviabilizaria a transcrição das entrevistas.

Sujeitos

Houve 26 (vinte e seis) entrevistados em São Paulo, considerando que 2 entrevistas feitas em São Paulo não foram aí contabilizadas porque estavam inaudíveis para transcrição, devido ao nível elevado de ruído causado pelos trios elétricos já em funcionamento. Assim, foram efetivamente analisadas 14 entrevistas com homens e 12 entrevistas com mulheres.

Instrumento e Procedimento

As entrevistas transcritas foram formatadas conforme as regras necessárias para entrada de dados no software ALCESTE (Reinert, 1990, citado em Oliveira e cols., 2003; Reinert, 1983, 1990, 1993 e 1998, citado em Kronberger e Wagner, 2003), excluíram-se as falas de outros que não as dos entrevistados, o que demandou adaptações em algumas produções discursivas dos entrevistados; por exemplo, perguntou-se: “A parada tem uma proposta política?”, resposta: “Tem, com certeza”. Adaptando, indicou-se como fala do participante: “A parada tem com certeza uma proposta política”.

Vale reiterar que o ALCESTE é, em si uma metodologia explorativa e descritiva de análise estatística de textos, que se aproxima da análise de discurso (Kronberger e Wagner, 2003), técnica, aliás, abordada no segundo estudo, quanto a questões de gênero.

Foram observadas as características específicas do discurso dos participantes da Parada de São Paulo acerca da própria parada no que tange aos temas “festa” e “política”, temas aprofundados por meio de perguntas exaustivas (Vide Anexo C).

Os dados resultantes foram então inseridos para análise no ALCESTE.

Análise dos Dados

O software ALCESTE analisa tanto palavras com conteúdo quanto as palavras com funções, e igualmente os atributos dos respondentes, além disso, o software agrupa palavras em função de suas raízes, em formas reduzidas. Por exemplo: “ele” e “eles” são traduzidos por “ele+”. Como muitas das palavras apresentadas nos resultados do ALCESTE apresentam essa característica, preferiu-se apresentá-las preferencialmente na forma plural.

Partindo-se da análise da distribuição do conjunto dos vocábulos transcritos das entrevistas com os participantes das paradas, foram realizadas descrição da frequência das palavras, percentual, cálculo do χ^2 (medida da relação entre as palavras dados padrões de co-ocorrência entre as classes, um teste não paramétrico para dados não-numéricos) e classificação hierárquica descendente das classes de palavras encontradas, com base na proximidade de conteúdos do total do corpus, em um gráfico com formato de dendograma.

Com esses procedimentos de análise obtemos características específicas relacionadas à população com uma particularidade qualquer.

Além disso, o software calcula e classifica as “unidades de contexto elementar” (UCE), definidas por Ribeiro (2005) como enunciados que comportam uma idéia ou representação.

As classes identificadas pelo ALCESTE são compreendidas por seu desenvolvedor, Reinert, como conjuntos de noções e percepções de mundo com certa estabilidade temporal.

Na classificação hierárquica descendente o grau de similitude/proximidade entre as classes é apresentado em uma escala que vai de 0 a 1: quanto mais próximo de 0 menos semelhantes são os conteúdos entre as classes indicadas (se 0, as classes “falam” de questões totalmente diferentes), quanto mais próximo de 1 mais semelhantes são os conteúdos (se 1, as classes “falam” da mesma questão).

Concomitantemente à classificação hierárquica descendente, o ALCESTE apresenta dados quanto à contribuição percentual de cada classe no corpus, calculada com base no número de palavras de cada classe, e uma lista de palavras características de cada classe, separadas conforme frequência na classe, frequência no corpus, porcentagem no corpus e valor do χ^2 .

RESULTADOS

Segundo Almeida (2001), com base na linguagem e nas demais trocas simbólicas são compartilhadas crenças entre os indivíduos acerca de um dado grupo acerca de certo objeto social. Assim, reconhecem-se, a partir dos resultados obtidos na análise das entrevistas por meio do ALCESTE, determinados conteúdos e significados, disponibilizando dados indicativos da organização das percepções dos participantes da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo acerca desse evento.

Classificações Descendentes Hierárquicas

O software ALCESTE executou dois recortes no corpus para efetuar os cálculos estatísticos inferenciais nas amostragens, identificando, basicamente, o número de palavras por Unidade de Contexto Elementar (UCE) e o número dessas Unidades, definido nos próprios procedimentos internos do programa, conforme se apresenta abaixo na Tabela 3, diferenciando-se os recortes.

Tabela 3: Cálculo dos recortes.

	RECORTE	
	1	2
N palavras por UCE	24	27
N UCE	375	338

Esse tipo de tratamento dos dados é denominado tecnicamente como “Classificação Dupla”. As regras internas estabelecidas nesses recortes definem ainda a eliminação de palavras com frequência maior que 3000 e menor que 4. A Tabela 4 apresenta alguns resultados básicos alcançados por meio desse tratamento; onde N min UCE class aponta o número mínimo de UCE para compor uma classe; N class ident aponta o número de classes identificadas; e P UCE class a porcentagem de UCE classificáveis a partir do corpus, excluindo-se as não-classificadas (que não alcançaram um mínimo para se compor com uma classe).

Tabela 4: Resultados básicos da Classificação Dupla.

	RECORTE	
	1	2
N min UCE class	10	10
N class ident	3	3
P UCE class	47%	47%

É notável na Tabela 4 a congruência do cruzamento dos resultados da Classificação Dupla. Por meio dos dois recortes o ALCESTE realiza a Classificação Descendente Hierárquica das amostragens, procedimento que possibilita identificar a organização das classes de significado no corpus e elimina palavras que não se enquadram em qualquer classe para, então, calcular a porcentagem da participação das UCE em cada classe.

A Figura 8 demonstra graficamente, mais uma vez, a consonância entre as análises, reiterando a importância crucial da Classe 2 na constituição do significado do corpus (64,71% das UCE) e a participação sutil porém significativa das Classes 1 (19,75%) e 2 (15,55%).

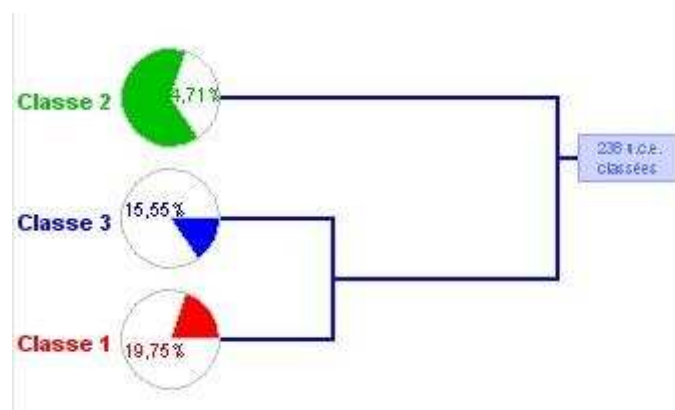


Figura 8: Distribuição das classes conforme classificação.

Vale ressaltar que o 0,01% a mais que sobra da Classe 2 se deve a arredondamentos matemáticos feitos separadamente pelo software que redundam em algumas sobreposições nos resultados. Assim, entenda-se que os valores são aproximados e que, provavelmente, a porcentagem da Classe 2 tenha um centésimo de ponto percentual a menos do que o apresentado.

Reiterando, as Classificações Descendentes Hierárquicas demonstram a congruência dos resultados.

Classificação Descendente Hierárquica das Classes

O ALCESTE efetuou uma classificação descendente hierárquica das classes de palavras encontradas, que é apresentada na Figura 9.

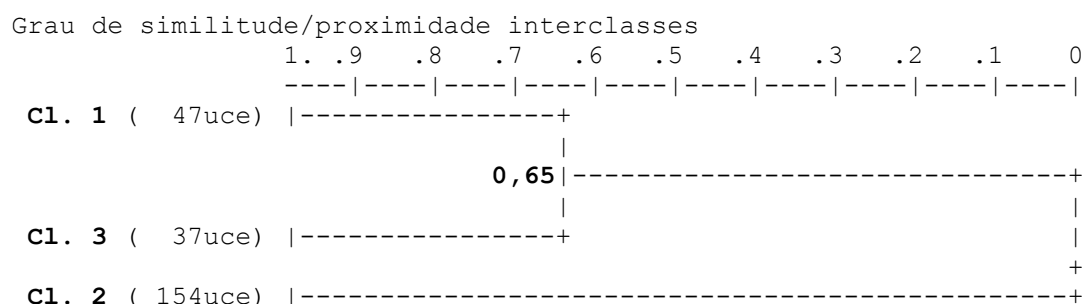


Figura 9: Classificação hierárquica descendente das classes estáveis.

A Figura 9 indica que existem três classes agrupadas em dois agrupamentos temáticos (clusters) com relação forte de similitude/proximidade (doravante denominada Rp). Propõe-se denominar esses agrupamentos de “ramificações”.

As classes foram nomeadas em:

Classe 1, A POLÍTICA E O PÚBLICO;

Classe 2, HISTÓRIA PESSOAL DE PARTICIPAÇÃO; e

Classe 3, PARADA: PROTESTO DA EMOÇÃO.

A primeira ramificação, denominada POLÍTICA E EMOÇÃO, agrupa a classe 1, composta por 47 unidades de contexto elementar, e a classe 3, composta por 37, em uma relação forte ($R_p = .65$), em que os conteúdos das classes têm semelhança aproximada de 65%.

A classe 2 constitui, por si só, uma segunda ramificação, composta por 154 unidades de contexto elementar, que em sua relação com a ramificação POLÍTICA E EMOÇÃO compõe o significado da Parada do Orgulho LGBT para os participantes.

A interpretação da lista de palavras características de cada classe levou em conta a frequência na classe, o valor do χ^2 e as percepções alcançadas durante o processo de análise das evocações (Pesquisa 1) e da análise do discurso quanto a gênero (Pesquisa 2).

Foi selecionado um número de palavras considerado significativo nesse conjunto, buscando-se exclusão de artigos, conjunções e palavras semelhantes. Salienta-se que essa redução no número de palavras, conforme reiteram Kronberger e Wagner (2003), é necessária para que se possa descobrir os campos de coocorrência entre palavras, indicadores de crenças compartilhadas acerca do objeto social “Parada”.

Os dados foram convertidos ao arquivo do pacote estatístico SPSS, a fim de viabilizar análises estatísticas estruturadas dos dados quantitativos gerais (Tabela 5) e dos separados entre as três classes, conforme as Tabelas 6, 7 e 8, respectivamente.

Tabela 5: Estatística descritiva geral.

n = 367	Média	Desvio-padrão
χ^2	11,23	59,05
Frequência da palavra na classe	9,17	49,01
Frequência da palavra no corpus	15,95	50,52
Porcentagem da palavra no corpus	74,06	10,92

Tabela 6: Estatística descritiva Classe 1.

n = 99	Média	Desvio-padrão
χ^2	14,54	47,63
Frequência da palavra na classe	6,65	9,90
Frequência da palavra no corpus	12,81	8,48
Porcentagem da palavra no corpus	69,21	35,35

Tabela 7: Estatística descritiva Classe 2.

n = 184	Média	Desvio-padrão
χ^2	7,04	142,98
Frequência da palavra na classe	14,04	93,34
Frequência da palavra no corpus	16,16	92,63
Porcentagem da palavra no corpus	97,34	13,53

Tabela 8: Estatística descritiva Classe 3.

n = 84	Média	Desvio-padrão
χ^2	12,10	34,97
Frequência da palavra na classe	6,83	7,07
Frequência da palavra no corpus	18,89	2,12
Porcentagem da palavra no corpus	55,64	25,29

Dado que o valor do χ^2 mostra a capacidade da palavra de agregar outras em torno de si, dentro das classes, consideraram-se como mais importantes as palavras com maior χ^2 dentro de cada classe, tomada isoladamente, e tendo-se como referência a média do χ^2 de cada classe, foram elencadas as palavras mais significativas em cada classe como as mais importantes para a definição do sentido de suas respectivas classes.

As classes (com o quantitativo de unidades de contexto elementar – UCE que as compõem), suas ramificações (com seus respectivos quantitativos de relação de similitude/proximidade – Rp), palavras mais relevantes e contribuição percentual das classes no corpus (no campo azul no rodapé das colunas) estão representadas na Figura 10.



Figura 10: Quadro sintético das palavras relevantes por classe.

Classificações Ascendentes Hierárquicas

Tendo identificado as classes, o ALCESTE efetua Classificações Ascendentes Hierárquicas de cada uma delas, que é a descrição da importância de cada palavra para a classe, conforme seu χ^2 e sua relação com outras palavras da classe. Essas classificações são gráficas, onde o eixo X indica o valor do χ^2 e o eixo Y as mais repetidas.

A Figura 11 apresenta a Classificação Ascendente Hierárquica da Classe 1, na qual as linhas mais escuras apontam as palavras mais significativas em termos de repetições.

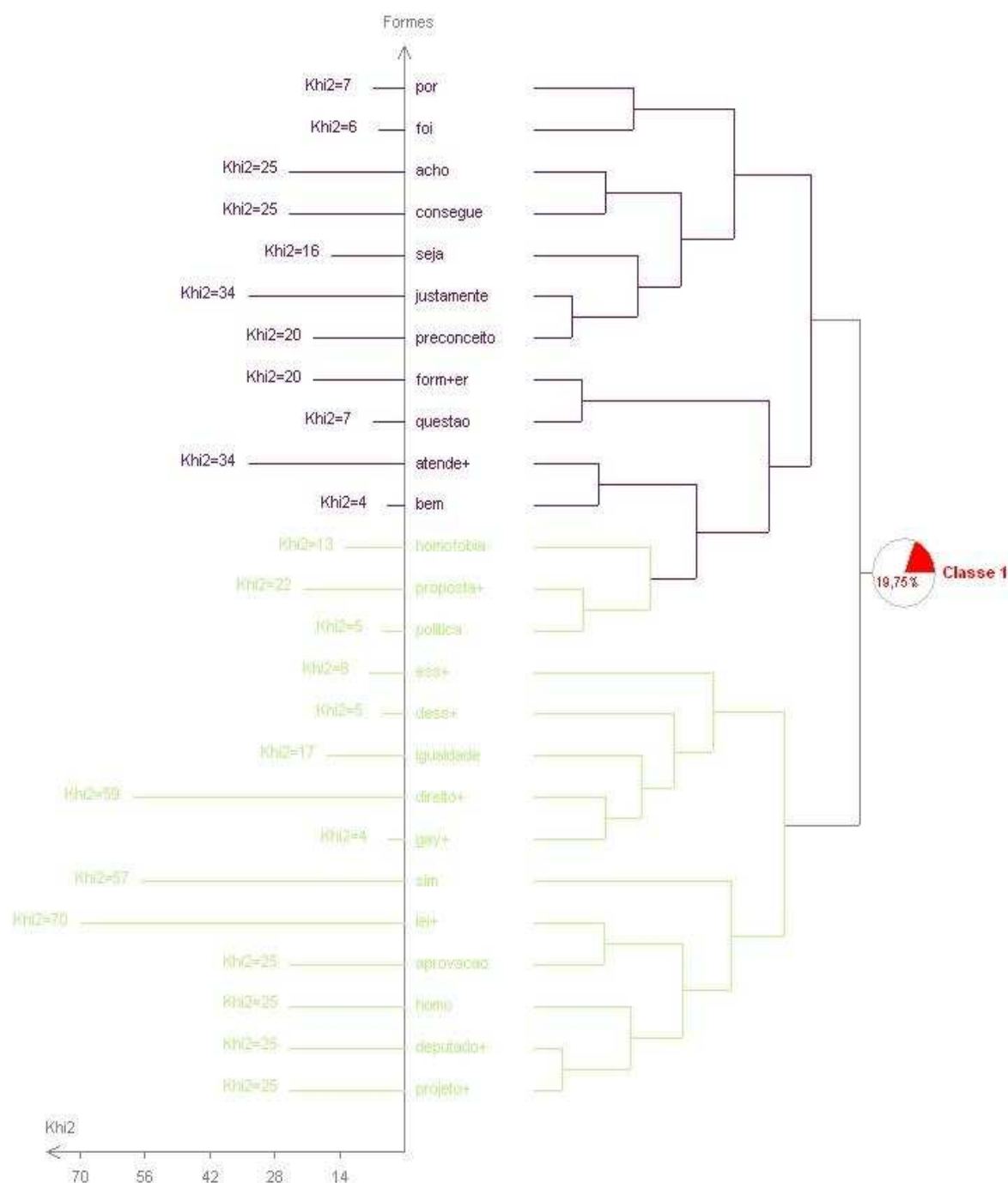


Figura 11: Classificação ascendente hierárquica da Classe 1.

Na Figura acima, termos como “por” ($\chi^2=7$), “sim” ($\chi^2=57$) ou “foi” ($\chi^2=6$) demonstram-se como mais repetidos pelo fato de serem conjunções, advérbios ou verbos, o mesmo deve ocorrer com pronomes, porém, analisando o resultado, não se pode considerá-los fundamentais na compreensão do significado da Classe 1, essa função pode ser melhor percebida em substantivos como “preconceito” ($\chi^2=20$), “homofobia” ($\chi^2=13$, conceito que,

aliás, é uma dimensão do preconceito), “propostas” ($\chi^2=22$), “direitos” ($\chi^2=59$) ou “leis” ($\chi^2=70$).

Subtende-se que a classe trata de temas relacionados à questão do direito, da política, simbolizada pelas propostas e pelas leis, como possibilidade de enfrentamento ao preconceito.

A Figura 12 apresenta a Classificação Ascendente Hierárquica da Classe 2, na qual as linhas mais escuras apontam as palavras mais significativas em termos de repetições.

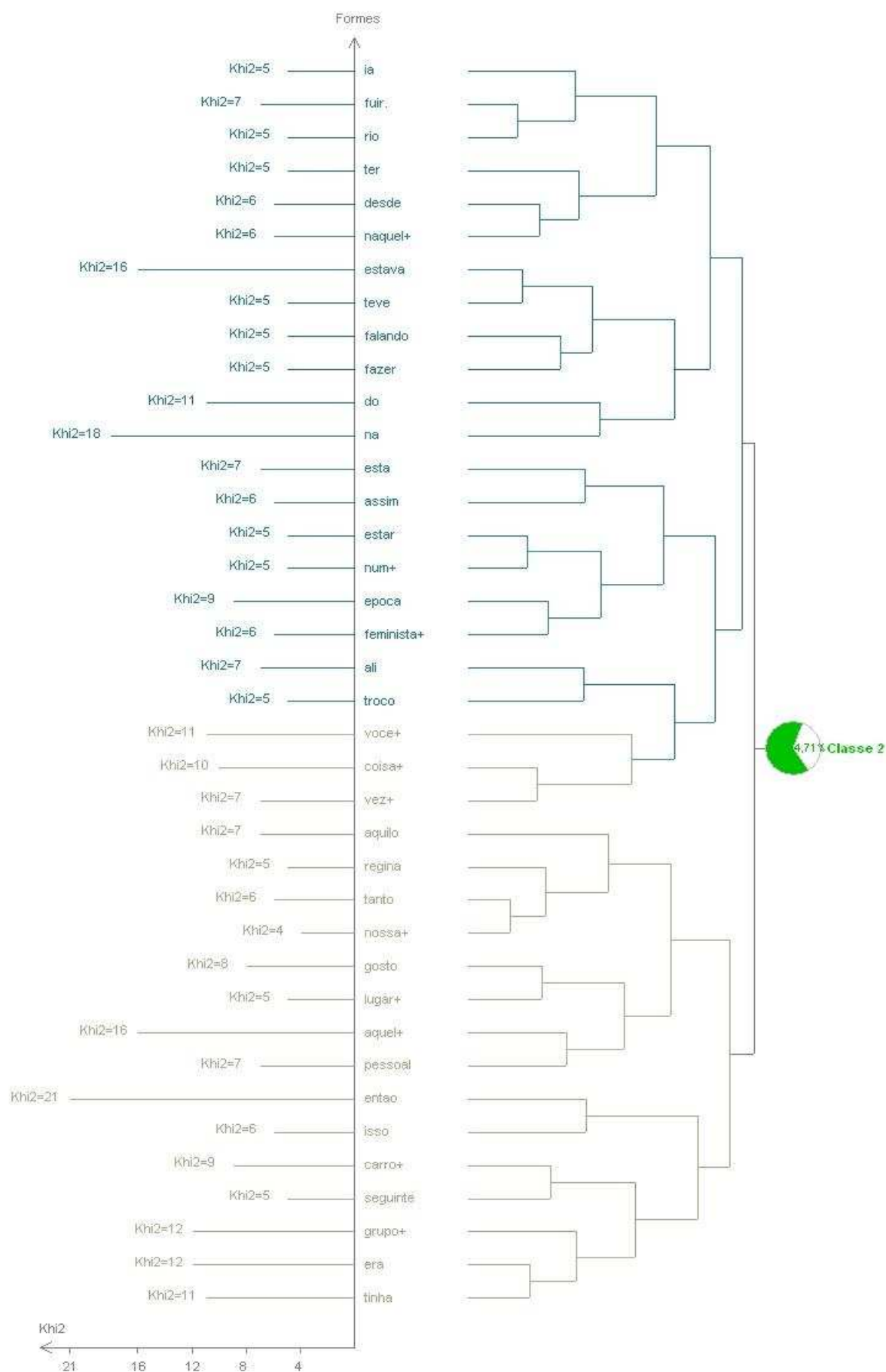


Figura 12: Classificação ascendente hierárquica da Classe 2.

Os dados acima, referentes ao significado da Classe 2, indicam a participação de termos como “então” ($\chi^2=21$), “estava” ($\chi^2=16$), “grupos” ($\chi^2=12$), “era” ($\chi^2=12$) ou “tinha” ($\chi^2=11$).

A reiteração de verbos referentes ao passado potencializa a idéia de que a classe se refere à história pessoal de constituição do sujeito frente à questão dos seus direitos, ou mesmo como fator explicativo, ou melhor, justificador de sua participação na Parada. A participação em grupos pode ser sugerida como um elemento importante na configuração dessa história que, apesar de ser pessoal, foi subsidiada pelo envolvimento em um espaço coletivo.

A Figura 13 apresenta a Classificação Ascendente Hierárquica da Classe 3, na qual as linhas mais escuras apontam as palavras mais significativas em termos de repetições.

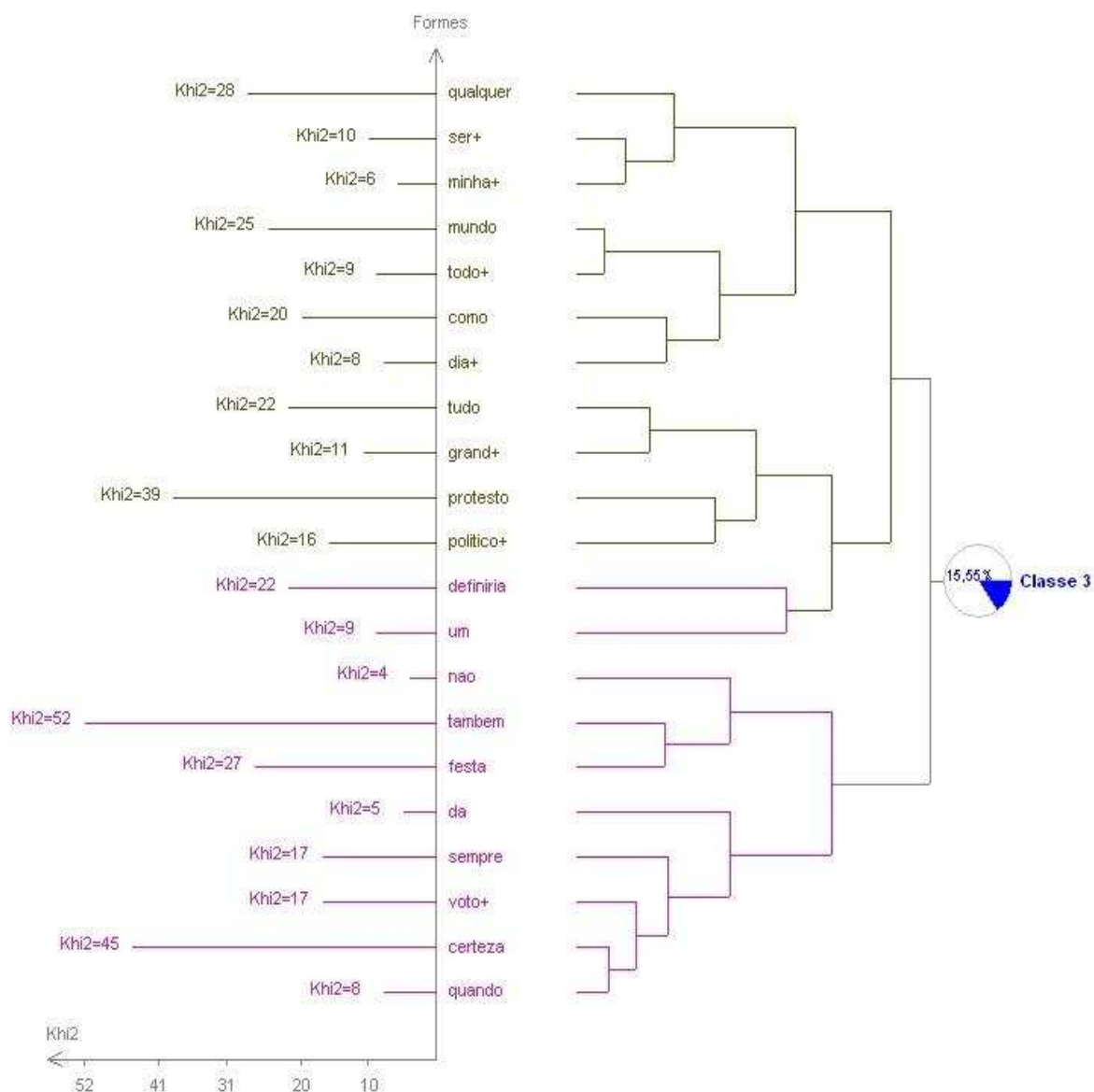


Figura 13: Classificação ascendente hierárquica da Classe 3.

A Classe 3 apresenta termos comuns ou semelhantes aos da Classe 1, como “protestos” ($\chi^2=39$) e “políticos” ($\chi^2=16$), o que reitera a proximidade contextual entre as mesmas, além de palavras que podemos denominar como “conceitos-balão”, isto é, conceitos que englobam vários outros, o que permite uma multiplicidade de interpretações, tais como “mundo” ($\chi^2=25$), “tudo” ($\chi^2=22$) e “qualquer” ($\chi^2=28$), além de evocações mais específicas, a exemplo de “votos” ($\chi^2=17$), “certeza” ($\chi^2=45$), “grandes” ($\chi^2=11$) ou “festa” ($\chi^2=27$).

Observando-se conjuntamente os resultados das três classes pode-se observar que os temas principais da Pesquisa 3, “festa” e “política”, bastante evocados na Pesquisa 1, distribuem-se entre as duas classes menos significativas para a constituição do significado do corpus sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, sendo que o termo “festa” somente se destaca na Classe 3, mais relacionada à emoção.

Poder-se-ia compreender disso que o aspecto mais imediatamente expresso acerca das Paradas, e portanto menos tendente a elaboração, seria esse das paradas como espaço de festa e política, ou de política festiva, ou de festividade política, enquanto que a entrevista mais detalhada e prolongada permite aos entrevistados elocubrar mais acerca dos elementos que os levaram a fazer parte daquele território.

Ramificações e Classes

O resultado geral da análise realizada pelo ALCESTE foi nomeado como “Parada do Orgulho LGBT”, indicando a representação do evento — conforme a concepção genérica de Hall (1997a) de representação como modelo mental e práticas traduzidos visual e linguisticamente.

A partir daí, surgiram duas ramificações: a primeira ramificação, constituída unicamente pela Classe “História Pessoal de Participação”, e a segunda ramificação, definida como “Política e Emoção”, a qual se divide em duas classes: “A Política e o Público” e “Parada: Protesto da Emoção”.

Ramificação/Classe “História Pessoal de Participação”

Esta ramificação é constituída tão-somente pela Classe 2, denominada História Pessoal de Participação, a qual busca explicar a participação da pessoa no evento Parada do Orgulho LGBT a partir de um enfoque histórico, descrevendo os locais, tempos, instituições envolvidas nessa construção de sua identidade enquanto participante de um evento público como é a Parada, sob um enfoque consideravelmente individualizado.

Tabela 9 apresenta os quantitativos gerais referentes às palavras da classe 2. Ganham destaque palavras como “então”, “aqueles”, “estava”, “era”, “grupos”, “tinha”.

Tabela 9: Apresentação das palavras específicas da Classe 2 por χ^2 e frequência na classe.

História Pessoal de Participação		
Palavras relevantes	χ^2	f
Então	20,96	78
Aqueles	15,92	26
Estava	15,92	26
Era	12,32	28
Grupos	12,32	28
Tinha	10,62	18
Vocês	11,22	46

A média de palavras por Unidade de contexto elementar da Classe 2 foi de 22,04 palavras por Unidade. Unidades de contexto elementar como as abaixo transcritas exemplificam as imagens construídas acerca do conteúdo da classe:

aquilo lá você não via ela, porque aquele pessoal lá, aquele pessoal zoando, então, qualquer lugar, eu gosto mais, né? Tanto que a nossa caminhada é ótima

uma coisa eu acho certo, que abrindo o consumo, abre (...) já aqueles que me respeitam como cidadão, cidadã. Então, tem uma moça do grupo que falava isso desde que eu entrei

dava uma foto linda, pena que a [jornal X]² não fez. A [jornal X] cobriu tudo isso na época

no carro delas tinha versos solidários, tinha Rita Lee adoidado. O povo ia atrás do carro delas, na rua, então, eu critico muito essa coisa da festa, lógico, afeta um pessoal mais jovem e tal

² Nome excluído a pedido da entrevistada.

isso é carnaval do Rio, que é um negócio. Os carinhas, eu fui lá, conceito de sociedade. Você via os tapumes e os carinhas lá, assim, o ano inteiro está lá, por ser negro, olhando pelos tapumes

ia de tudo lá, desde pessoas mais assim, lésbicas, sapatas, lésbicas, de tudo, tudo, tudo, menininha, tudo estava lá. E nós falávamos, eu fui ajudada muito naquele grupo.

isso é socialismo, novo, eu fico até emocionada (...). tinha um grupo muito especial (...), ela pretendia dinheiro para uma coisa tão especial, era um grupo de ajuda mútua de lésbicas

eu estava na organização, e depois teve uma coisa que foi muito boa para mim

eu não gosto disso, virou empurra-empurra, virou gente muito bêbada, nada contra o alcoolismo, nada contra, não é moralismo não, mas fica aquele pessoal degradante e, assim, para as pessoas, que eu, como tive fase de alcoolismo, eu me vejo um pouco ali, não é? Não é moralismo não.

A partir dos resultados alcançados, propõe-se que o discurso comum da Classe 2 poderia ser reconstruído e sintetizado por meio da seguinte expressão:

Eu participava de grupos, onde as pessoas falavam e então era muito ajudada. Estou aqui porque a parada era muito especial, muito boa para mim, hoje virou empurra-empurra, festa para os mais jovens, eu me vejo um pouco ali.

Ramificação “Política e Emoção”

A ramificação “Política e Emoção” se desdobrou em duas classes, a Classe 1 e a Classe 3, ambas referentes a uma percepção de política como elemento associado à emoção de conquistar direitos, e a Parada do Orgulho LGBT como evento político e evento festivo que insere a questão da orientação sexual e da identidade de gênero em uma dimensão pública, onde leis e propostas podem se concretizar.

Classe 1 – A Política e o Público

A classe 1, A Política e o Público, acentua os fatores de mudança política e de mudanças na relação da sociedade com a população LGBT identificados com a Parada do Orgulho LGBT. Mesmo que tais fatores sejam percebidos como algo do futuro, na forma de projetos ou propostas, tal perspectiva de mudança permite aos participantes justificar sua presença e sua alegria naquele evento, para além do caráter puramente festivo.

A idéia central sugerida é a de que a emoção não pode ser dissociada da política, e de que a dimensão festiva é elemento central para a realização dessa concepção de mundo, de vida, até, e a Parada é o espaço real, palpável, onde essa correlação é concretizada, onde a emoção encontra a política, e o protesto encontra a festa.

A Tabela 10 apresenta os quantitativos gerais referentes às palavras da classe 1, destacam-se palavras como “leis”, “direitos”, “atender”, “acho”, “aprovação”, “deputados”.

Tabela 10: Apresentação das palavras específicas da Classe 1 por χ^2 e frequência na classe.

A Política e o Público		
Palavras relevantes	χ^2	f
Leis	69,71	16
Direitos	58,66	17
Atender	33,64	8
Acho	24,63	22
Aprovação	25,01	6
Deputados	25,01	6
Homossexuais	25,01	6
Projetos	25,01	6
Propostas	22,24	10
Preconceito	19,80	6

Na Classe 1, a média de palavras por Unidade de contexto elementar foi de 19,94 palavras por Unidade. Unidades de contexto elementar como as abaixo transcritas exemplificam as imagens construídas acerca do conteúdo da classe:

proposta que não seja política e justamente a acabar com o preconceito, eu vejo nesse sentido (...). A idéia de um evento descontraído muito alegre e divertido, inclusive todo família

tem a proposta da festa, da diversão, das pessoas se unirem e se divertirem, isonomia de direitos e a criminalização da homofobia

sim, aprovação de um projeto de lei que está tramitando em Brasília, nos outros países já foram aprovados, de igualdade em relação aos direitos homoafetivos e que ainda não foi aprovado, então a pressão dos nossos deputados e senadores

acho que o objetivo principal é acabar com o preconceito e a discriminação, no meu ponto de vista. Como eu definiria? Como eu disse, um evento bem descontraído, alegre, divertido

seja ela homo, hétero, bi, trans, são diferentes, não sei. (...) acho que impacto das pessoas pararem um pouco para pensar sobre essas questões. Liberdade. Acho que chamar a atenção da mídia, principalmente, um espaço democrático. É um movimento político, puramente político

tu tem igualmente direito, independente da orientação sexual, então, eu acho que a meta (...) mais palpável no sentido, assim, acho que físico, seria a aprovação dessas leis que já tramitam hoje em dia no Senado

reconhecer os direitos homoafetivos, não no casamento gay, mas nos direitos homoafetivos onde as pessoas possam se resguardar em relação a bens, a patrimônio, a direitos iguais

A partir dos resultados alcançados, propõe-se que o discurso comum da Classe 1 poderia ser reconstruído e sintetizado por meio da seguinte expressão:

A Parada é uma festa puramente política, não vejo contradição nisso. É um evento muito divertido que une as pessoas, com o objetivo de aprovar leis, projetos, acabar com o preconceito e a discriminação, independente da orientação sexual ou da identidade de gênero. A Parada é um espaço democrático, de liberdade e de alegria.

Classe 3 – Parada: Protesto da Emoção

A classe 3 descreve, de forma específica e detalhada, o papel da política e da ocupação dos espaços públicos como fundamentais para o funcionamento da Parada do Orgulho LGBT, e mesmo para justificar sua existência em termos políticos, enquanto evento festivo que se constitui como um protesto diferenciado.

A Tabela 11 apresenta os quantitativos gerais referentes às palavras da classe 3, ganham destaque palavras como “certeza”, “protesto”, “festa”, “mundo”.

Tabela 11: Apresentação das palavras específicas da Classe 3 por χ^2 e frequência na classe.

Parada: Protesto da Emoção		
Palavras relevantes	χ^2	f
Certeza	44,97	8
Protesto	39,18	7
Festa	26,98	16
Mundo	24,65	13
Tudo	22,40	14
Votos	17,15	5

Na Classe 3, a média de palavras por Unidade de contexto elementar foi de 22,41 palavras por Unidade. Unidades de contexto elementar como as abaixo transcritas exemplificam as imagens construídas acerca do conteúdo da classe:

um grande dia de liberdade. Hoje, criminalização da homofobia, tudo, qualquer ação do homem é um movimento político, sem dúvida, porque senão não vinha tanta gente alegre assim como eu estou também, sem dúvida, todo mundo se esconde um pouco menos a partir da primeira

tudo bem ser festa também, não tem problema, quer dizer, algumas pessoas ficam meio assim por não ser um protesto, um panelaço. É uma festa, mas tudo bem. E com certeza, político não é só panelaço, só voto (...) eu me assumi gay, ser gay em qualquer momento da minha vida é um manifesto político, cara

lamentavelmente qualquer político sempre se aproveita, mas proposta política, como eu digo, é uma ação do homem, então toda reivindicação é sempre atribuindo a uma proposta política

uma festa, um carnaval de amor, de alegria e de liberdade, de a gente poder andar de mãos dadas com a pessoa que a gente gosta. Deveria ser, eu acho que no núcleo é sim, só que como tudo que é muito grande acaba desvirtuando aqui no país, então acaba sendo uma festa popular, mas ela tem um cunho político sim

não sou lésbica, sou casada, tenho família, mas também admiro as pessoas que têm essa opção sexual, eu respeito e acho bonito hoje em dia todo mundo aprovar ser todo mundo unido

não envolve política. É uma festa, uma comemoração, porque é um dia para nós.

primeiro, é uma festa, e outra é reivindicar o que a organização está pedindo.

não deixa de ser uma festa

alguma coisa de homofobia sempre tem (...) é importante para a gente poder mostrar para as pessoas que todo mundo é igual e que o amor deve ser da mesma forma

liberdade, mais liberdade. O objetivo da parada é mostrar pro mundo, para as pessoas heterossexuais, que também somos pessoas como eles, que devemos dividir todas as opiniões sem nenhum preconceito

eu não sou a única do mundo, legal (...) um protesto, uma festa

a parada é um momento em que a gente pede respeito, dignidade e igualdade, respeito, respeito acima de tudo (...). É um momento nosso de mostrar a nossa igualdade perante as demais pessoas

não que seja um movimento político, tem apoios, também, porque é onde todo mundo se concentra, todo mundo curte, todo mundo beija na boa, para mim é uma festa

A partir dos resultados alcançados, propõe-se que o discurso comum da classe 3 poderia ser reconstruído e sintetizado por meio da seguinte expressão:

A Parada é um protesto, uma festa, um carnaval de amor, de alegria, de liberdade e igualdade, onde eu vejo que não sou a única pessoa do mundo, onde todo mundo curte, onde mostramos pro mundo que somos pessoas como quaisquer outras. Política não é só panelaço, só voto, ser quem eu sou, em qualquer momento da minha vida, é um manifesto político. Por isso a Parada tem um cunho político.

Refletindo sobre os resultados expostos neste capítulo, vale comentar brevemente a percepção de que os participantes da Parada do Orgulho LGBT, quando falam desse evento, de tal modo o associam à sua vida, com um forte conteúdo afetivo, que essa dimensão de presença e de emoção constitui a própria descrição que fazem desse evento, e as justificativas para sua participação no mesmo.

Análise Fatorial de Correspondências

Com base nos dados alcançados, o ALCESTE efetua uma análise fatorial de correspondências, ou seja, elabora uma matriz que relaciona tanto os atributos dos respondentes quanto as palavras relevantes e as unidades de contexto (também denominadas eixos temáticos) em colunas e linhas, respectivamente, com base nas distâncias dos χ quadrados, e submete essa matriz a uma decomposição de eigenvalue³ (valor próprio), formando assim um espaço dimensional $n-1$, onde n é o número de linhas ou colunas, dependendo de qual desses parâmetros é o menor.

Esse tratamento estatístico das palavras possibilita compor um plano cartesiano que contém, conforme anota a literatura especializada (Kronberger e Wagner, 2003), muitos espaços “vazios”, em torno de 98% de espaços sem temas, ou seja, é comum se observar no plano fatorial poucas palavras e muito espaço em branco.

Tal representação dos resultados corresponde a um espaço onde os agrupamentos (clusters) mantêm relações de proximidade que podem ser sobrepostas, indicando graficamente os eixos temáticos — dada a proximidade das palavras correspondentes — e sua proximidade com determinados atributos dos respondentes.

Dado esse procedimento, o ALCESTE gerou um plano fatorial que permite visualizar a organização dos agrupamentos em eixos temáticos, onde a distância indica o grau de associação, entendido como o grau de dispersão do conjunto de linhas e colunas em torno de sua média, como se apresenta na Figura 14.

³ “cada um de um conjunto de valores de um parâmetro, para o qual uma equação diferencial tem solução não-zero (uma ‘eigenfunction’), sob determinadas condições” (Kronberger e Wagner, 2003).

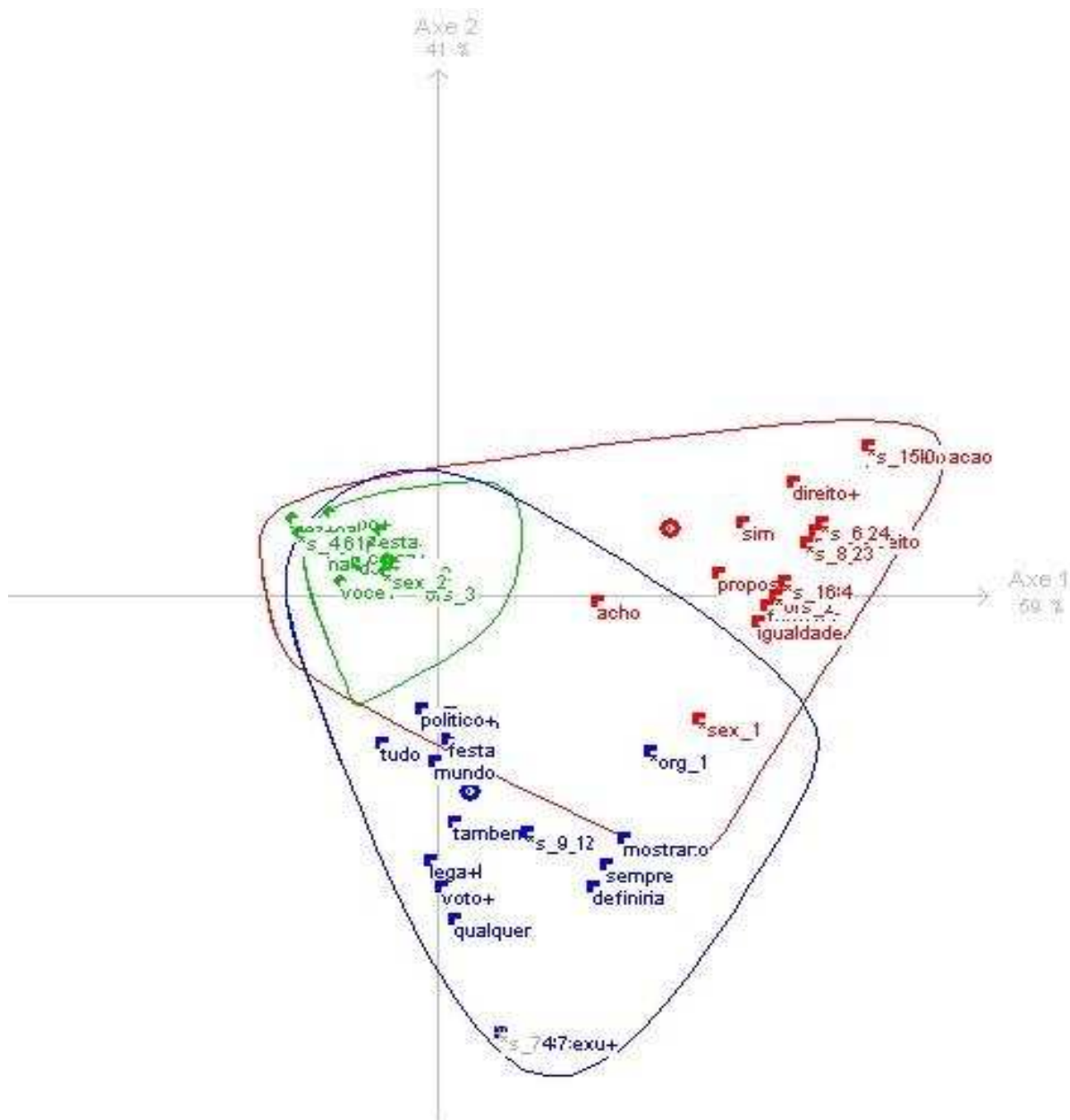


Figura 14: Projeção ilustrativa do Plano Fatorial localizando as classes.

A representação em coordenadas exposta na Figura 14 é uma ilustração didática que reforça a noção de composição das classes e sua correlação, onde a Classe 1 (Parada: Protesto da Emoção) é vermelha, a Classe 2 (História Pessoal de Participação) é verde e a Classe 3 (A Política e o Público) é azul.

A Figura 14 demonstra tanto a forte correlação entre as classes, que se superpõem, quanto a extrema centralidade da Classe 2, que se encontra no núcleo das duas outras classes.

A Figura 14 sobrepõe no plano fatorial duas dimensões de interpretação das falas dos participantes: as palavras e as categorias, o que será desassociado nas Figuras 15 e 16, para melhor visualização.

Fator 1 Eixo horizontal

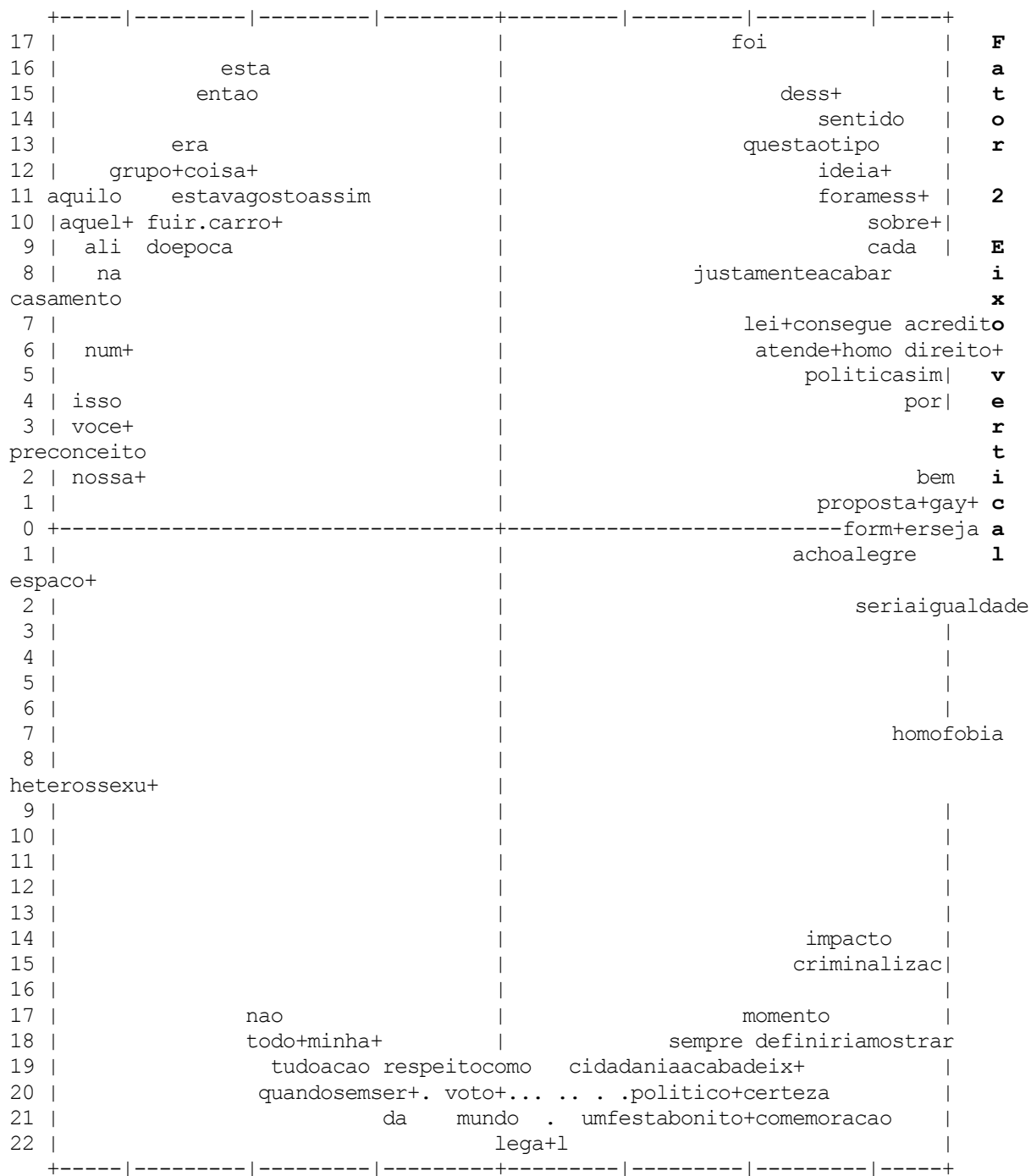


Figura 15: Projeção das palavras sobre o plano.

A Figura 15 expõe 58 palavras, sendo que o número de palavras cobertas por outras no plano fatorial é de 49, as quais encontram-se detalhadas, para quaisquer consultas, no Anexo E.

A Figura 16, abaixo reproduzida, apresenta a localização das categorias no plano fatorial.

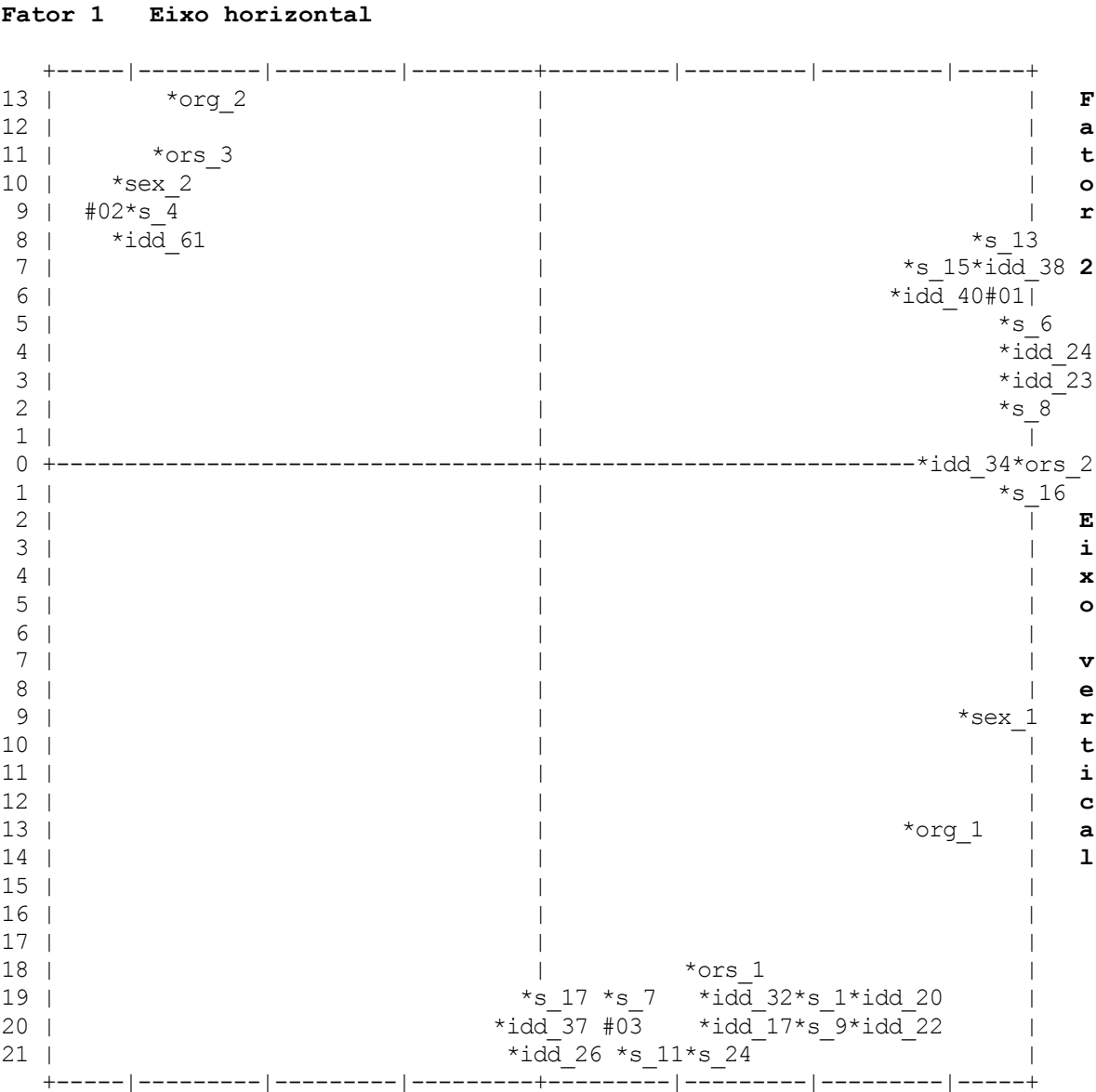


Figura 16: Projeção das categorias sobre o plano.

As siglas “*s_”, seguidas de um número, referem-se ao número aleatório atribuído a cada sujeito respondente da entrevista. As siglas “*idd_”, seguidas de um número, referem-se

à idade exata do respondente, em anos (por exemplo, os respondentes com *idd_25 têm 25 anos de idade). As siglas “*sex_”, seguidas de um número, referem-se ao sexo identificado pelo respondente, onde *sex_1 é masculino e *sex_2 é feminino.

As siglas “*ors_”, seguidas de um número, referem-se à orientação sexual dos respondentes, a saber: bissexual (*ors_1), heterossexual (*ors_2) ou homossexual (*ors_3).

As siglas “*org_”, seguidas de um número, indicam se o respondente é morador do Estado de São Paulo (*org_1) ou de outra localidade qualquer (*org_2).

Eixos de Significado

Conforme se observa na Figura 14, as três classes podem ser associadas com três grandes eixos ou “nuvens” temáticos, os quais podem ser denominados de “histórico” (Classe 2), “político” (Classe 1) e “afetivo” (Classe 3), sendo que o eixo histórico é central, agrupador das outras duas classes, e a relação entre as três classes é elevada.

As palavras foram analisadas conforme o eixo a que pertencem: o eixo histórico — caracterizado por temas e cercado de afiliações organizacionais que posicionam o respondente historicamente frente à Parada do Orgulho LGBT, tendo, portanto, a função de nomear os elementos desse fenômeno — está concentrado no quadrante esquerdo superior, em torno da Classe 2 (indicada por #2); o eixo político — caracterizado por temas e cercado de afiliações organizacionais empenhadas na concepção do participante da Parada do Orgulho LGBT como um cidadão com participação política ativa — está concentrado no quadrante direito inferior do plano fatorial, em torno da Classe 3 (indicada por #3); e o eixo afetivo — caracterizado por temas e afiliações organizacionais empenhadas em expressar os elementos emocionais e sentimentais associados tanto às concepções acerca da Parada do Orgulho LGBT quanto à explicação para a efetiva presença nesse evento — está concentrado no quadrante direito superior, em torno da Classe 1 (indicada por #1).

Todos os denominados eixos/“nuvens” de significado — ou simplesmente classes, porque a similaridade de ambas é indissociável — são representados pelos respondentes de forma avaliativa, ou seja, eles não apenas descrevem as situações, mas a reinterpretam para o interlocutor.

As Classes 1, 2 e 3 se englobam em formato de “constelação”⁴, como foi sugerido pela classificação descendente hierárquica (Figura 9), porém com uma influência “gravitacional” determinada pela Classe 2.

Todos os eixos são fundamentais para constituir o significado do trabalho de libertar, composto então por fatores técnicos, políticos e históricos que podem não ser inteiramente integrados, porém se complementam em suas especificidades para que haja fortalecimento das ações de libertação. Nesse ínterim, o Plano Fatorial apresenta certas correlações entre as palavras que indicam dimensões aproximadoras e confrontadoras das relações entre as ramificações, conforme indicado na Figura 17.

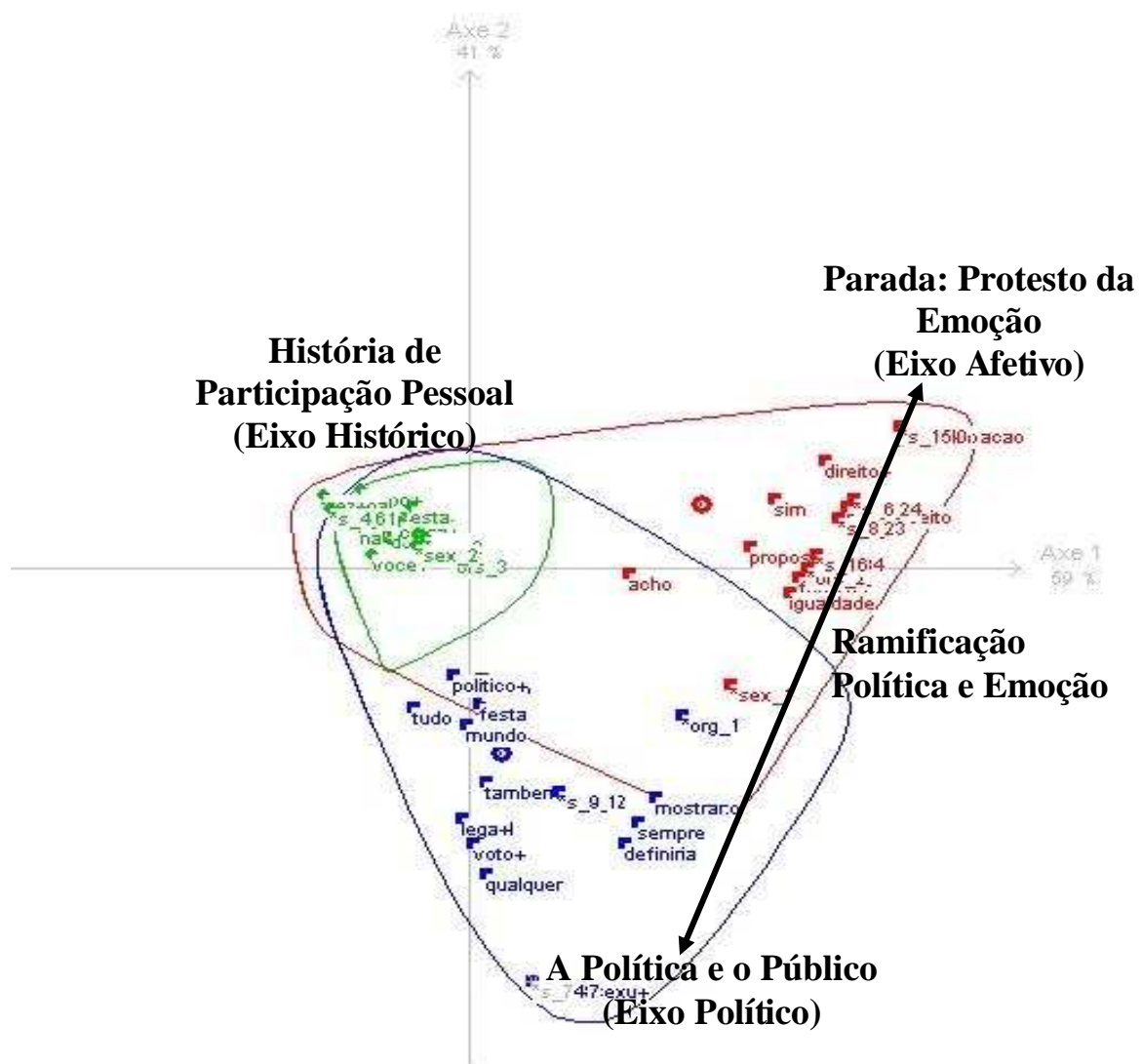


Figura 17: Projeções de correlações entre as palavras sobre as ramificações.

⁴ Aqui se entende “constelação” como uma reunião de palavras que não têm uma palavra específica como seu núcleo, diferentemente de “sistema”, onde as palavras são reunidas em torno de uma determinada palavra.

Observando-se as correlações entre as Classes 1 (A Política e o Público) e 3 (Parada: Protesto da Emoção) no Plano Fatorial, nota-se que a constituição da ramificação POLÍTICA E EMOÇÃO se dá, ao mesmo tempo, em função da relação e do distanciamento entre o Eixo Político e o Eixo Afetivo: por aproximação das classes, entende-se a constituição da ramificação Política e Emoção como uma relação entre a expectativa de mudanças concretas no plano privado e público dos participantes, o que dá uma base concreta que justifica as emoções e sentimentos vivenciados durante a Parada.

Provavelmente, com o mesmo ímpeto afetivo, porém sem perspectivas de inclusão no âmbito dos direitos, a aproximação entre as classes/eixos não seria tão forte.

Por distanciamento entre as classes/eixos, entende-se que há um efeito sobre os eixos temáticos político e afetivo, de modo que os grupos sociais mais envolvidas no eixo político, os quais serão melhor descritos no próximo Capítulo, conseguem nomear, mesmo que não de forma detalhada, as possibilidades e anseios públicos da população LGBT por meio da Parada, com uma percepção que se joga para o futuro. Enquanto isso, os grupos sociais mais envolvidos no eixo afetivo expressam a percepção imediata acerca da Parada de forma pessoal, presentificada, colocando-se no centro do discurso enquanto pessoa que sente os acontecimentos.

Assim, entende-se que o participante da Parada do Orgulho LGBT justifica sua identificação com esse evento sobre o eixo político e o eixo afetivo.

O eixo histórico, que engloba a Classe 2 (História Pessoal de Participação), relaciona-se indiretamente com a ramificação Política e Emoção, por meio d'A Política e O Público (eixo político) e da Parada: Protesto da Emoção (eixo afetivo), reiterando a noção básica de que a reflexão dos participantes acerca da política e sua reação fortemente afetiva e personalizada tem ligações com um contexto histórico de grupos específicos, a serem mais detalhados no Capítulo seguinte, mas que explica a existência do próprio evento.

Essa é a natureza do eixo histórico da Parada do Orgulho LGBT. Ele é a explicação dos participantes para a existência do evento, relacionada fortemente ao passado, porém incrementada com o contexto das condições atuais (eixo afetivo) e das perspectivas futuras (eixo político).

Valor Próprio

O ALCESTE testa a validade do resultado, ao indicar, no plano fatorial do grupo de palavras analisadas, a probabilidade de as palavras selecionadas e os eixos representarem o problema tratado no corpus. Sendo assim, observa-se que o eixo X (Fator horizontal) explica 59,39% do corpus, enquanto o eixo Y, vertical, explica 40,61%. Isto corresponde a afirmar que há 59,39% de chance de os eixos temáticos encontrados corresponderem ao significado das Paradas do Orgulho LGBT para os participantes, enquanto para as palavras essa probabilidade é de 40,61%.

A Tabela 12 apresenta o eigenvalue (valor próprio) e a porcentagem de associação de cada fator. Note-se que os dois eixos são fatores explicativos do corpus.

Tabela 12: Valor próprio e porcentagem de associação de cada fator.

FATOR	Eigenvalue	% associação	% acumulada
1	0,2949	59,39	—
2	0,2016	40,61	100,00

Lembrando-se aqui que o espaço dimensional do Plano Fatorial corresponde a $n-1$, conforme explicado no primeiro parágrafo do capítulo Análise Fatorial de Correspondências, e sabendo-se que três é o número total de classes estáveis, a “dimensionalidade” do plano fatorial deverá ser dois, o que demonstra que, visto haver dois fatores identificados, com associação combinada de 100%, chegou-se à associação total com o corpus, ou, em outras palavras, com aquilo que se pretendia avaliar.

DISCUSSÃO

*“Você não sabe
O quanto eu caminhei
Prá chegar até aqui
Percorri milhas e milhas
Antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes
Escalei
Nas noites escuras
De frio chorei...”*

Toni Garrido, Lazão, Da Gama e Bino, “A Estrada”.

Narratividade, Afetividade, Temporalidade e Individualização/Socialização

O plano fatorial indica a estruturação das percepções dos participantes acerca da Parada do Orgulho LGBT em torno de dois eixos organizadores, presentes em todas as classes, distribuídos pelos eixos organizadores “narratividade”, “afetividade”, “temporalidade” e “individualização/socialização”.

Quanto à narratividade, distribuída sobre os fatores horizontal e vertical, conforme a Figura 18, as relações entre as classes foram observadas como preponderantemente avaliativas, porque envolviam avaliações dos cenários apresentados pelos libertadores, mais do que apenas descrições.

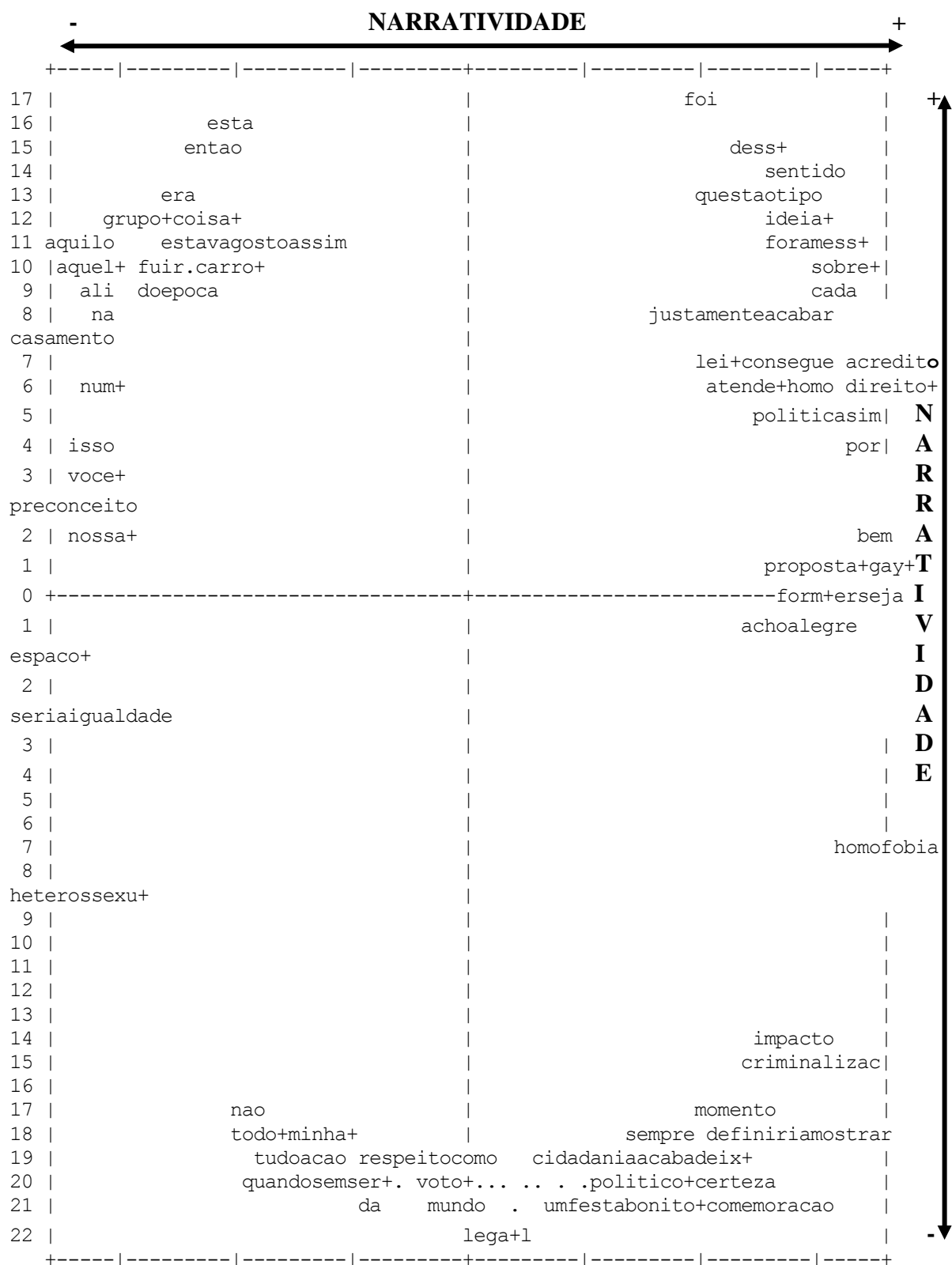


Figura 18: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial, em termos de narratividade.

Essa narratividade é apresentada com diferentes graus, desde aquele que se aproxima da descrição, identificado na Classe 2, de eixo histórico, àquele que avalia amplamente, na Classe 1, de eixo político, porém mais fortemente na Classe 3, de eixo afetivo.

No referente à narratividade, é importante observar que não é tarefa simples a de distinguir até que ponto a narração de determinado episódio ou exposição de uma concepção se define enquanto avaliação, isto é, valoração dos elementos da narração, ou enquanto descrição, ou seja, detalhamento dos elementos da narração; o limite é fluido. Nesse sentido, o eixo de significado “narratividade” aponta para tendências dos eixos temáticos, de modo que o eixo afetivo tende a valorar os elementos narrados, enquanto os eixos histórico e político tendem a detalhar os elementos narrados.

Tal consideração deve sua fundamentação aos resultados alcançados na Pesquisa 2, na qual, por meio da análise do discurso das respondentes, observaram-se tais tendências quando se retomava a leitura dos temas relacionados à participação nas Paradas do Orgulho LGBT. Foi notado o posicionamento destacado e emotivo das respondentes nas questões referentes à luta pelos direitos e à perspectiva de melhores condições de vida.

Supõe-se também que os elementos mais comumente avaliados são aqueles mais próximos do participante no aspecto emocional, de significado, mais atuais, enquanto os mais comumente descritos são aqueles mais antigos e com menos poder de mobilização emocional do que os elementos puramente afetivos. O eixo político se aproxima da natureza narrativa do eixo histórico; o eixo político é uma construção de um futuro possível, ou desejado, que tem tanto potencial afetivo quanto o que o eixo histórico.

A afetividade, distribuída sobre os fatores vertical e horizontal, é apresentada na Figura 19.

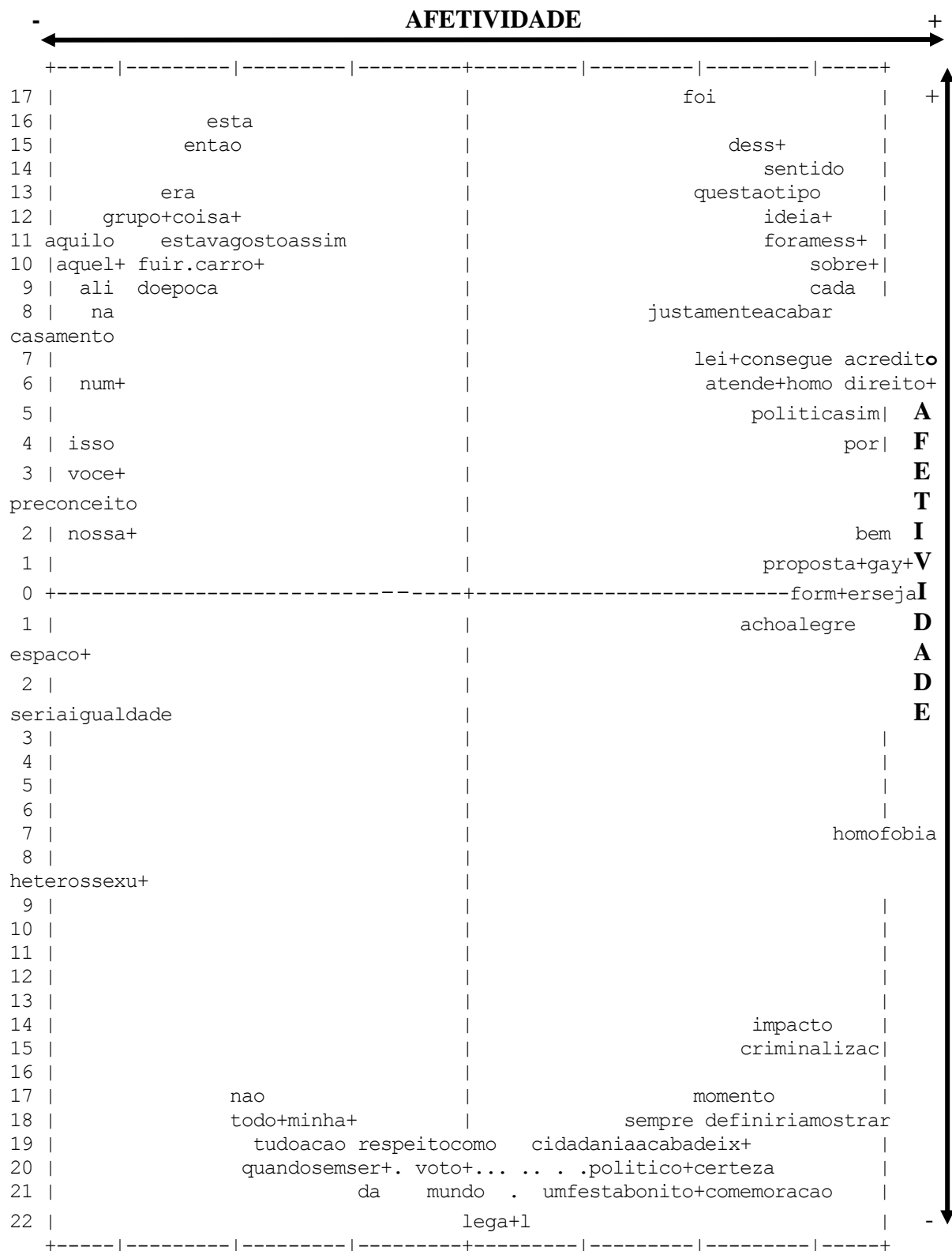


Figura 19: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial em termos de afetividade.

Como se nota na Figura 19, há diferentes graus de afetividade, do maior, identificado na Classe 3, de eixo afetivo, ao menor, nas Classes 1, de eixo político, e 2, de eixo histórico.

Na Figura 20 observa-se que a temporalidade se distribui de diferentes formas entre os eixos histórico, afetivo e político, onde na mesma percepção acerca da Parada do Orgulho LGBT, na qual há concepções de cunho histórico, afetivo e política que a constituem, encontram-se referências ao tempo passado, representado principalmente pelo eixo histórico; ao tempo presente, indicado no eixo afetivo; e ao tempo futuro, ilustrado no eixo político.

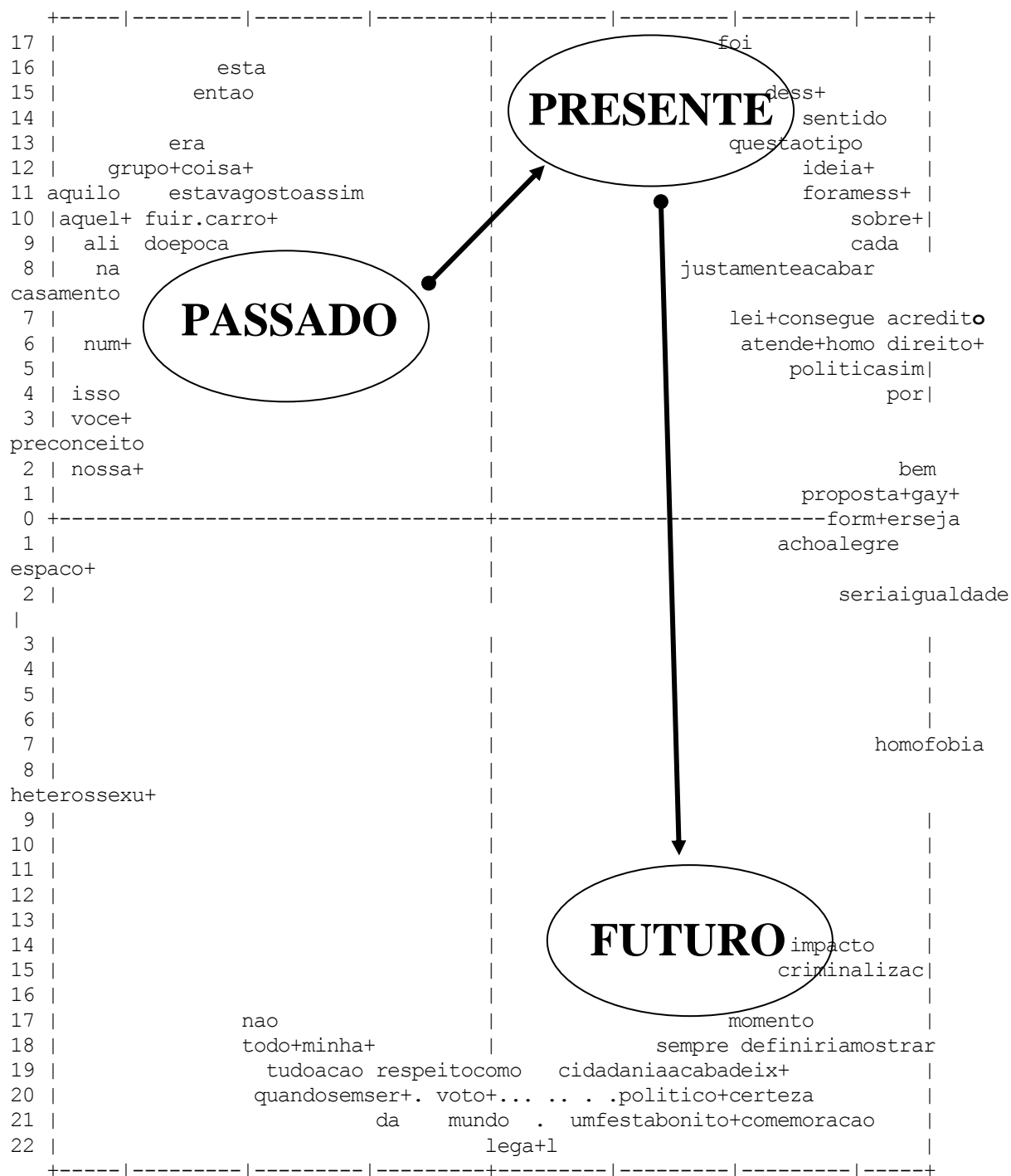


Figura 20: Projeções dos eixos de significado sobre o plano fatorial em termos de temporalidade.

Entende-se, a partir dessa leitura dos resultados, que as relações entre as classes/eixos podem ser compreendidas enquanto temporalmente localizadas: encontram-se referências a fenômenos ou lugares fundamentados no passado; ao passo que se encontram tais referências, com relação a outras classes, fundamentadas no presente e justificadas pelo futuro.

As impressões mais imediatas dos respondentes, aquelas relacionadas à emoção de participar da Parada e suas sensações subjacentes, referem-se claramente ao tempo presente, expressa o entendimento factual, muito afetivo e, portanto, menos racionalizado acerca do evento que ali está acontecendo e do lugar ocupado pela pessoa.

A leitura que o sujeito faz de sua história pessoal de participação é, obviamente, uma reminiscência, um relato que se refere ao tempo passado, expressa, de certa forma, uma reconstrução de eventos, um entendimento construído entre o afeto e a razão, que busca justificar ou explicar o lugar da pessoa no hoje.

Quanto à individualização/socialização, entende-se que as relações entre as classes foram observadas como individualizadas quando o foco das práticas discursivas dos respondentes era voltado às questões pessoais dos sujeitos envolvidos, enquanto eram observadas como sociais as práticas discursivas voltadas ao âmbito amplo das organizações, da sociedade em geral ou do próprio Estado.

A individualização/socialização, distribuída de diferentes formas entre os eixos histórico, afetivo e político, é apresentada na Figura 21.

“NÓS/ELES” do eixo político, ser que se identifica como parte de um coletivo, e na sua relação com os outros.

Interpretou-se que aquele EU histórico apresenta maior proximidade ou força de ligação maior com o EU/NÓS do eixo afetivo do que com o NÓS/ELES do eixo político.

Influências Demográficas na Percepção dos Participantes

A distribuição dos atributos dos respondentes ao longo dos eixos de significado possibilita identificar diferenças e semelhanças grupais/demográficas na maneira de explicar a Parada do Orgulho LGBT. A Figura 22 demonstra a projeção das características demográficas dos respondentes sobre o plano fatorial.

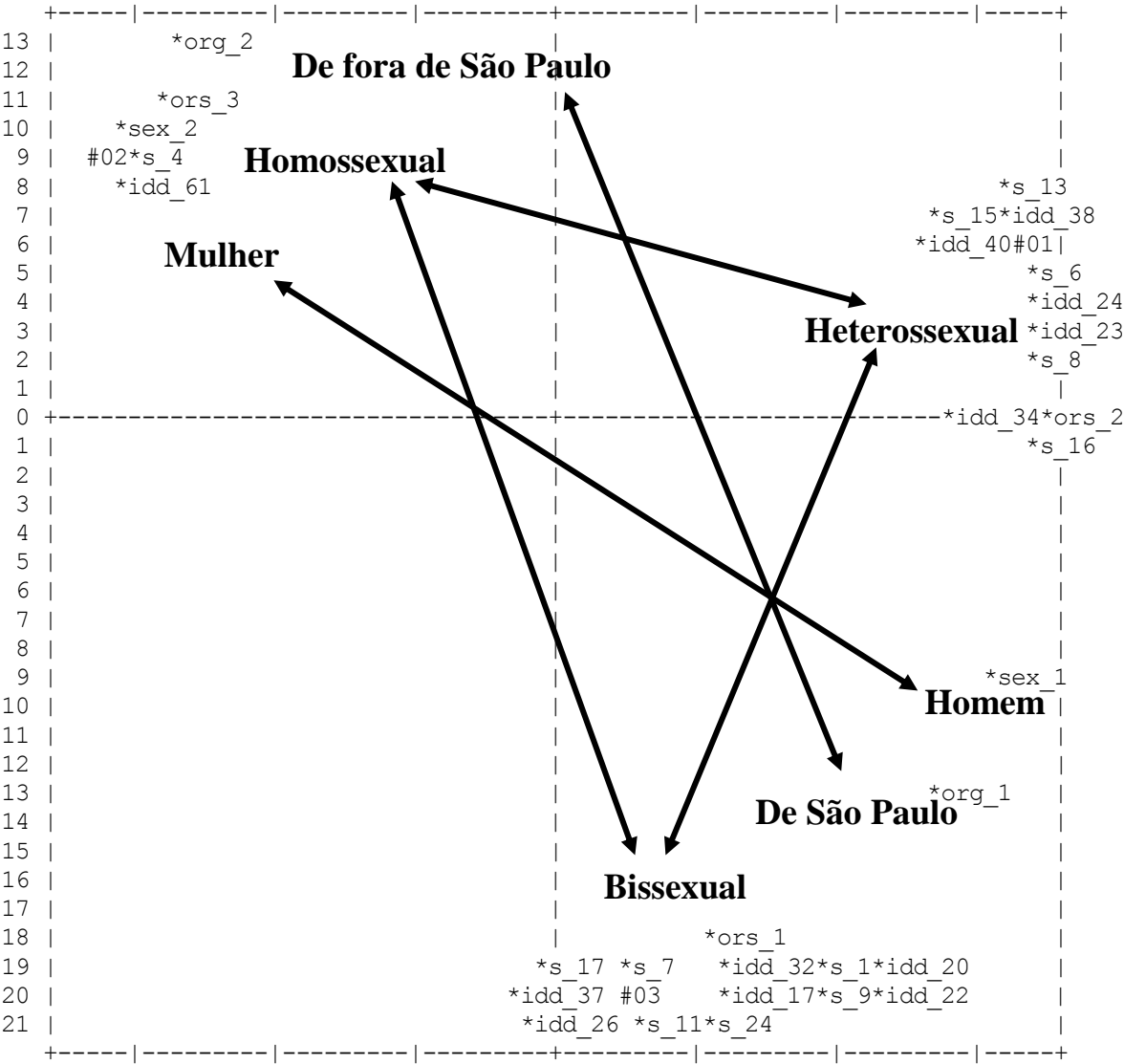


Figura 22: Posição e Correlação das categorias sobre o plano fatorial.

Cientes da organização das classes, ramificações, eixos de significado, podemos identificar a concentração de certos grupos de opinião e desenvolver algumas inferências acerca de como o fato de os participantes da Parada do Orgulho LGBT serem integrantes de determinados grupos sociais podem afetar suas percepções.

Quanto à variável sexo, fica patente o posicionamento distante entre homens e mulheres, aqueles no quadrante direito inferior, essas no quadrante esquerdo superior. Semelhante projeção permite concluir que os homens participantes das Paradas do Orgulho LGBT, ao se referir a esse evento, costumam ter um discurso mais voltado às características políticas do evento, enquanto espaço para construção de direitos, e portanto ao NÓS/ELES, com vistas ao futuro. A leitura dos homens tende a ser menos ligada a fatores históricos (passado) justificadores de sua participação nas Paradas, ou seja, sua reflexão depende menos de uma história pessoal de participação do que da reflexão quanto à cidadania.

As mulheres participantes das Paradas, diferentemente dos homens, tendem a perceber de forma mais pessoal o evento. Essa leitura feminina está mais próxima do eixo histórico, e logo do EU, com vistas ao passado, que justifica sua participação no evento enquanto pessoa/indivíduo. A leitura das mulheres acerca da Parada tende a ser mais personalizada do que calcada em projetos coletivos, não no sentido em que não entendem as propostas políticas envolvidas na realização da Parada, mas no sentido em que vivenciam essas demandas a partir de sua própria vivência, do que vivem e percebem no seu cotidiano, o que aprofunda seu relacionamento com o enfrentamento aos problemas e desafios.

No que se refere à variável orientação sexual, há uma distribuição triangular entre homossexuais, bissexuais e heterossexuais. Homossexuais se encontram no mesmo quadrante das mulheres, no eixo histórico, enquanto os bissexuais se distanciam daqueles, aproximando-se substancialmente dos homens, no eixo político. Heterossexuais estão equidistantes dos demais, concentrando-se no eixo afetivo.

Essa projeção dos atributos permite concluir que há diferenças de orientação sexual na percepção do evento, de modo que homossexuais tendam a ter percepções próximas às das mulheres, no eixo temporal do passado, histórico, personalizado, do EU, onde o que pesa mais é a história pessoal de participação.

Bissexuais tendem a se orientar de modo semelhante ao dos homens, no eixo temporal do futuro, político, que olha as construções dos coletivos, do NÓS/ELES, onde os direitos e a formulação de políticas está mais próximo, é mais “vivido”.

Heterossexuais tendem a ter percepções muito próprias, não necessariamente alinhadas com as de homossexuais e bissexuais ou de homens e mulheres, ela está no eixo temporal do presente, afetivo, pessoal mas identificado com os outros, do EU/NÓS, onde a emoção vivenciada no momento é mais preponderante e reconhecível do que uma reconstrução histórica, pautada pela história pessoal de participação, ou do que uma construção política, formada por elementos do futuro.

Pode soar estranho que pessoas heterossexuais se identifiquem tão pessoalmente com a Parada do Orgulho LGBT, esse é um pré-conceito embutido no estereótipo de que, sendo realizada por e para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a Parada só contaria com a identificação pessoal dessa população.

O resultado encontrado aponta para outra possibilidade, a de que as pessoas mais distanciadas das discussões políticas, e de uma história pessoal de participação, no caso heterossexuais, encontram na vivência afetiva daquele momento uma explicação/justificativa para ali estar.

No referente à origem territorial dos participantes da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, ou seja, se são da cidade de São Paulo ou de fora, é notável a proximidade de determinadas afiliações a certos eixos, onde pessoas de fora de São Paulo tendem a orientar sua percepção próxima às de mulheres e homossexuais, e pessoas de São Paulo tendem a

orientar sua percepção em torno da de homens e bissexuais. Isso indica que as pessoas de fora de São Paulo têm atribuições e papéis relacionados ao eixo histórico, com vistas a um passado personalizado, do EU, enquanto pessoas de São Paulo têm atribuições e papéis relacionados ao eixo político, com vistas a um futuro coletivizado, do NÓS/ELES.

Quanto à idade, não se encontrou relação com as classes, visto que diferentes idades estão distribuídas entre as classes, sem que haja uma proximidade. É provável que um estudo com foco mais amplo no caráter etário dos participantes das Paradas poderia identificar nuances mais sutis entre os sujeitos.

REFLEXÕES COMPARADAS

*“Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo brincando ao redor
Do caminho daquele menino,
Eu pus os meus pés no riacho.
E acho que nunca os tirei.
O sol ainda brilha na estrada que eu nunca passei.
(...)
Aquele que conhece o jogo, o jogo das coisas que são.
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão.
(...)
Eu vi muitos homens brigando. Ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta,
e a coisa mais certa de todas as coisas.
Não vale um caminho sob o sol.
E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol”.*
Caetano Veloso, “Força Estranha”.

Evocação, Análise do Discurso e Alceste

O fato de na presente Tese se ter empreendido três pesquisas com instrumentos diferentes — a evocação (Pesquisa 1), a análise de discurso (Pesquisa 2) e o software ALCESTE (Pesquisa 3) — possibilitou uma abertura de horizontes e reflexões comparadas que suportaram muitas reflexões ao longo de toda esta parte empírica.

Para além da desgastada idéia de dicotomia entre metodologias qualitativa e quantitativa, faz-se mister aqui recordar que as orientações ditas quantitativas estão presentes tanto na análise de conteúdo quanto no ALCESTE, desde o registro das frequências ao cálculo do χ^2 , e por fim esses dados também puderam ser contextualizados qualitativamente.

A Pesquisa 3 foi particularmente enriquecida com os subsídios das Pesquisas 1 e 2. O ALCESTE dispõe uma análise visual dos dados textuais, que demanda forte domínio do pesquisador sobre o corpus da entrevista, a fim de que se possa encontrar caminhos interpretativos ao longo dos vastos campos de significados expostos pelo software.

Nesse aspecto, o estudo sobre as evocações e a análise dos discursos funcionaram como facilitadores na tarefa de fazer inferências acerca das mensagens dos respondentes. Os conteúdos manifestos das mensagens, indicados pelo ALCESTE, podem ser comparados com os conteúdos latentes identificados no transcurso das Pesquisas 1 e 2.

O fato de durante a análise das evocações da Pesquisa 1 e dos discursos na Pesquisa 2 se ter realizado uma série de inferências, com base nas entrevistas, possibilitou, quando da análise dos dados dispostos pelo ALCESTE na Pesquisa 3, atribuir relações de causa e efeito entre as características das classes, eixos temáticos e ramificações com as suas dimensões ideológicas latentes.

O principal exemplo do que acima se disserta é a idéia central da Festa e da Política que permeia todo o trabalho. Haurida na Pesquisa 1, reverberou nas falas das mulheres na Pesquisa 2 e foi retratada como elemento organizador das percepções sobre a Parada do Orgulho LGBT na Pesquisa 3.

Assim, por exemplo, as evocações “alegria” e “festa”, tão valorizados pelos participantes da Pesquisa 1 quanto “liberdade”, “respeito” e “cidadania”, tornam-se alvo de críticas diversas na Pesquisa 2, onde, para as participantes, a alegria e a festa da Parada especificamente lésbica é inferior à da Parada LGBT, o que despotencializaria a capacidade desse evento em propiciar liberdade, respeito e cidadania, quanto a de organizadores, para as quais os elementos alegres e festivos da Parada LGBT prejudicam a busca por liberdade, respeito e cidadania, em seu significado político, o que tenta ser revertido por meio da realização das Paradas Lésbicas.

Esse ponto leva à recordação de que outro conectivo importante entre as três pesquisas que compuseram a parte empírica da Tese foi a de que as percepções de participantes e de organizadores das Paradas do Orgulho LGBT não necessariamente concordam, sendo que em alguns casos, como o das mulheres entrevistadas na Pesquisa 2, divergem quanto aos

resultados alcançados e aos métodos. Mesmo entre as mulheres notaram-se diferenças de percepção entre participantes e organizadoras.

Desse modo, respondemos a uma das questões orientadoras desta Tese, a de se haveria diferenças de percepção entre participantes e organizadores acerca do evento. Nesse sentido, podemos notar que a diferença de percepções não impede que haja convergências, especialmente ao considerar e defender que o caráter festivo das Paradas são uma característica que não afeta o seu conteúdo político e os resultados almejados.

Em uma referência a parte teórica desta Tese, vale ressaltar que o estudo acerca da Psicologia das Massas possibilitou orientar o olhar investigativo para uma visão do conjunto dos integrantes das Paradas enquanto uma massa no seu aspecto racional, como estruturadora de comportamento coletivo.

Ainda, um outro aspecto que permeia as três pesquisas é o da participação política. Aí, nota-se grande coesão entre os participantes, e mesmo organizadores. O fato de estarem naquele lugar e poderem ser quem são ou vivenciar o que desejarem é, per se, ato de manifestação política para além dos mecanismos tradicionais.

CONCLUSÃO

“...um ser vivo é normal num determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder às exigências do meio...”
Georges Canguilhem, “O normal e o patológico” (1995, p 113).

Os participantes das Paradas do Orgulho LGBT, por meio de suas falas, constroem significados que lhes permitem, fundamentalmente, avaliar suas condições concretas de vida e vislumbrar a possibilidade de realização de desejos, com vistas à realização desse imaginário de liberdade e justiça. Essa prática incorre no que Hall (1997a) entende por representação, porque os discursos dos participantes são possíveis a partir de modelos mentais e práticas que, traduzidos visualmente e linguisticamente por meio das paradas, tornam-se impactantes, conseguem afetar a estabilidade dos preconceitos e certezas da maioria.

Como apontam Tonelli e Perucchi (2006), quando se referem à tomada e fixação de determinados espaços guetificados pelos LGBT, essa é uma conquista da visibilidade e da proteção do grupo, ao mesmo tempo em que esses territórios, paradoxalmente, colocam-se como lugares de uma segregação social que restringe a liberdade identitária-sexual apenas a esses lugares, uma liberdade “vigilada e permitida apenas em determinados espaços” (p. 46).

Em resposta a tais limitações impostas pela condição do gueto, a realização das Paradas do Orgulho LGBT nos espaços públicos se apresentam como eventos propícios à rediscussão desse modelo de visibilidade e de liberdade, são, por si sós, apropriando-se aqui das palavras de Toneli e Perucchi (2006), “novas estratégias de construção da equidade e da visibilidade de gênero” (p. 46), são territórios provisórios, porém eloquentes do discurso de várias diferenças que exigem o respeito aos seu direito de igualdade.

O fato de as Paradas serem atos de liberdade as tornam atos políticos. No pensamento de Hannah Arendt (2002, 2005), não existe somente uma dimensão negativa, ou a-política, da

liberdade, e a política não é apenas totalitária, corrompedora, visão restrita que a filósofa compara a uma espécie de fuga do sentimento de impotência frente ao poder. Para Arendt, os indivíduos somente são livres quando agem, assim, ação política e liberdade são indissociáveis.

A partir dessa leitura, poder-se-ia afirmar que as Paradas do Orgulho LGBT são, simplesmente, uma expressão viva da exigência de uma parcela da sociedade por respeito ao princípio constitucional da cidadania, da não-discriminação e da liberdade de expressão.

Nessa conjuntura geográfico/político, a visibilidade buscada pelos organizadores das Paradas é mais do que apenas o anseio por se tornar presente no espaço social, é mais do que o discurso oficial de que “estamos em todos os lugares”; essa visibilidade é literalmente, reiterando as palavras de Toneli e Perucchi (2006), “uma estratégia de posicionamento público que remete a uma nitidez dos modos de vida constituintes desse universo” (p. 45). No momento que esses diversos modos de vida que compõem a sigla LGBT se apresentam coletiva e libertariamente em suas particularidades, em um próprio rito da diferença, legitimam a visibilidade ansiada ao construir junto com os demais cidadãos, participantes ou apenas observadores das Paradas, novos conceitos sobre o que é ser LGBT, sobre quais são os direitos dessa população e que ela pode ocupar mais espaços do que outrora se permitia ou sequer se imaginava.

Quando Madureira e Branco (2007) estudam a construção das identidades sexuais não-hegemônicas, identificam que a construção das identidades sexuais/orientações sexuais (heterossexuais, bissexuais e homossexuais) e das identidades de gênero, em um sentido amplo, é indissociável do posicionamento das pessoas frente à expectativa social acerca do que sejam os papéis de gênero e como o afeto e a sexualidade são colocadas nesse contexto complexo, onde paradigmas afetivo-sexuais são transformados, porém a idéia do que é ser mulher ou do que é ser homem permanece, é repensada, é rediscutida.

Porém, como é possível haver esse posicionamento de ruptura com o estabelecido, se quando uma minoria ativa introduz um elemento novo, que perturba a estabilidade do grupo majoritário, tende a ser depreciada (Doms e Moscovici, 1991), principalmente quando não tem poder suficiente para justificar seu posicionamento? É provável que esse elemento de ridicularização esteja associado à dificuldade em compreender a festa como elemento constitutivo, porém não central, das Paradas.

Retomando Moscovici (1997), nota-se que ele distingue os conceitos de minorias nômicas (ativas) e anômicas (passivas), por entender que a postura de enfrentamento ao status quo não é *conditio sine qua non* de qualquer minoria, mas que somente podem ser efetivamente influentes, aquelas minorias que inovam, opondo-se conscientemente e de maneira firme à norma majoritária, por meio da “defesa de uma contranorma que faz dela um sócio ativo potencial nas relações sociais” (Moscovici, 1991, p.79).

Esse enfrentamento, costumeiramente, é respondido pela maioria com os diversos mecanismos de que ela dispõe para reprimir ou autorizar. Eis aí mais um desafio da minoria ativa, qualquer que ela seja: desenvolver estratégias contradiscursivas e práticas frente a tais defesas. Como coloca Foucault (1996) na *Microfísica do Poder*, “nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos do Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados” (p. 149-150), e essa mudança só pode ocorrer, problematiza o autor, quando os grupos sociais agem por meio de motivações e estratégias inovadoras ou contestadoras (Foucault, 2006).

Sob esse ponto-de-vista, não se pode diferenciar os participantes e os organizadores das Paradas do Orgulho LGBT em minorias anômicas e em nômicas, respectivamente, dado que são os discursos dos ativistas que mais repercutem socialmente. Ora, entende-se que cada pequena ação de uma pessoa em prol da liberdade de orientação sexual e identidade de gênero, independentemente de seu sexo e mesmo que não ela não seja lésbica, gay, bissexual, transexual ou travesti, é uma iniciativa minoritária ativa, de modo que cada pequeno momento

de expressão do desejo e da liberdade, representada massivamente desde as Paradas até à crítica de uma piada preconceituosa é uma iniciativa de defesa da inovação de as pessoas terem o direito de serem quem são.

Reconhecendo que esta Tese surgiu, conforme exposto na Apresentação, de uma vivência participativa e militante em busca de respostas de cunho acadêmico, conclui-se tentando responder, a partir dos resultados alcançados e discussões realizadas, a mais uma pergunta, esta de cunho político: qual é a implicação possível desta Tese para as Paradas, no que ela pode contribuir para o fortalecimento teórico e estratégico desses eventos?

Entendendo-se que a carnavalização das Paradas seja um meio para interlocução com a sociedade, uma reflexão é a de que, apesar do discurso de defesa de coerência natural ou harmoniosa entre a intencionalidade política dos organizadores que permeia a realização das Paradas e o caráter festivo adotado para esses eventos, enquanto elemento de atração de participantes, poder-se-ia aprofundar o mencionado aspecto político não-tradicional a partir de momentos para além das Paradas.

Sugere-se que se intensifique a politização dos participantes das Paradas para além do período de realização dos eventos, que a mobilização da população LGBT e dos simpatizantes seja pensada e planejada de forma continuada, e em ações não necessariamente com a mesma visibilidade das Paradas, a fim de incrementar o tipo de participação de um número maior de pessoas e formar uma massa crítica mínima capaz de mais detalhadamente descrever e defender as propostas gerais e as específicas do movimento social LGBT.

Ainda, é necessário que se problematize a questão da chamada “economia cor-de-rosa” ou Pink Money (Pupo, 2010; Smith, 2008), apresentada no capítulo “Participação Política de Grupos Minoritários”, compreendendo-se que a dimensão econômica é apenas um dos paradigmas possíveis na relação de consumo e na valorização da diversidade.

O objetivo seria, para além de se perceber que os LGBT são bons consumidores ou produzem cultura que pode ser consumida, avançar para uma filosofia onde essa percepção de

cunho econômico trouxesse um desafio maior, o do reconhecimento e inclusão do pluralismo na sociedade como um aspecto de justiça social e de aprendizagem-e-efetividade, como colocam Thomas e Ely (2002), por meio do qual se busca incorporar os conhecimentos e visões diferentes das pessoas aos processos sociais de forma geral, e não apenas considerar que as pessoas diferentes do padrão dominante são “exóticas” ou “curiosas”, cujas opiniões são consideradas porém não mudam a visão geral sobre as relações.

Ademais, considera-se estratégico enfrentar, com discursos e contra-discursos subsidiados tanto na vivência da diversidade intrínseca à comunidade LGBT quanto nos conhecimentos acumulados cientificamente, aquilo que denomino como “heterocentrismo”, que seria toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais, e das identidades de gênero, a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada dominante.

O conceito de heterocentrismo, relacionado a um sistema afetivo e ideológico que impõe a heterossexualidade como superior, é diferente do de “heterossexismo” (Herek, 2004; Herek, Kimmel, Amaro & Melton, 1991), porque este se refere apenas à estigmatização das pessoas LGBT, no sentido da inferiorização, e não ao ambiente simbólico em que esse fenômeno ocorre, o que se aborda na análise da perspectiva heterocêntrica.

Enfim, se não fossem as Paradas do Orgulho LGBT, com suas mensagens e imagens, como perceberíamos e valorizaríamos, enquanto sociedade, a diversidade de gênero e de orientação sexual do ser humano? Este pode ser o início de uma nova questão de estudo. E eu, e você, será que nós nos perceberíamos e nos valorizaríamos como o fazemos hoje? Essa é uma pergunta para a qual somente a nossa reflexão mais íntima poderá imaginar alguma resposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J.-C. (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In C. Guimelli (Org.), Structures et transformations des représentations sociales. (pp. 73-84). Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Abric, J.-C. (2001). Practicas sociales y representaciones. Ciudad de Mexico: Ediciones Coyacán.
- Adamatzky, A. (2005). Dynamics of Crowd-minds: Patterns of Irrationality in Emotions, Beliefs and Actions. Toh Tuck Link, Singapura: World Scientific.
- Allport, G. W. (1954). The nature of prejudice. Reading: Addison Wesley.
- Almeida, A. M. O. (2001). A pesquisa em representações sociais: fundamentos teórico-metodológicos. Ser social, 9, 129-158.
- American Psychology Association – APA. (1994). Diagnostical and Statistical Manual of Mental Diseases. Acessado em 01 de agosto de 2007, em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br>.
- Aquino, R. S. L., Vieira, F. A. C., Agostino, C. G. W. & Roedel, H. (1999). Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Record.
- Aquino, R. S. L., Vieira, F. A. C., Agostino, C. G. W. & Roedel, H. (2000). Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais – da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo. Rio de Janeiro: Record.
- Arendt, H. (2002). O que é política?. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Arendt, H. (2005). Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva.
- Arquivo Anarquista Edgard Leuenroth. (1995). Turma OK. Campinas: UNICAMP. Acessado em 20 de janeiro de 2008, em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_tok/website-ael_tok_planilhaisad.htm.

- Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2008). Paradas 2008. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.abglt.org.br/port/paradas2008.php>.
- Associação da Parada do Orgulho de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais de São Paulo (2008). Histórico. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.paradasp.org.br>.
- Associação Goiana de Gays, Lésbicas e Travestis. (2006). Mapa da X Parada do Orgulho LGBT de Goiânia. Acessado em 27 de novembro de 2006, em: <http://www.aglt.org.br/>.
- Austin, J. L. (1990). Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bakhtin, M. (1987). A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais. Brasília: Editora da UnB.
- Bandeira, L. & Siqueira, D. (1997). A perspectiva feminista no pensamento moderno e contemporâneo. *Sociedade e Estado*, 12(2), 263-284.
- Barbetta, P. A. (1999). Estatística aplicada às ciências sociais. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1985). À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense.
- Bauer, M. W. & Gaskel, G. (2001). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (1999). Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). Identidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beldarrain-Durandegui, A. & Souza Filho, E. A. (2004). Representações de grupos nacionais entre jovens segundo o grupo étnico. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(3), 257-266.

- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Biderman, C. & Guimarães, N. A. (2004). Na ante-sala da discriminação: o preço dos atributos de sexo e cor no Brasil (1989-1999). *Estudos feministas*, 12(2), 177-200.
- Billig, M. (1976). *Social psychology and intergroup relations*. London: Academic Press. Citado em Miranda, J. (1998). Comportamento intergrupar – revisão de literatura. *Análise Psicológica*, 4(16), 599-614.
- Bourdin, Alain. (1998). Mundialização, unidade da cidade e gestão urbana. *Cadernos IPPUR*, 12(1). 131-145.
- Brasil. (1988). *Constituição da República federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Brewer, M. B., & Kramer, R. M. (1985). The psychology of intergroup attitudes and behavior. *Annual Review of Psychology*, 36, 219-243.
- Brown, R. W. (1954). Mass Phenomena. Em G. Lindzey (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (Vol 2, pp. 833-876). Cambridge, MA: Addison Wesley.
- Buarque, C. (1999). *O que é apartação. O apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Butler, J. (1999). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque/Londres: Routledge.
- Butler, J. (2003). O parentesco é sempre tido como heterossexual?. *Cadernos Pagu*, 21, 219-260.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero*. São Paulo: Editora Brasileira.
- Butler, J. (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 95-126.

- Câmara, C. C. & Paula, C. M. (2002). O outro como semelhante: direitos humanos e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde.
- Camargos, M. L. (2004). O(s) discurso(s) da parada GLBT de São Paulo. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: CES. Citado em Silva, A. S. (2006). Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Campbell, D. T. (1967). Stereotypes and the perception of group differences. *American Psychologist*, 22, 817-829.
- Canetti, E. (1995). Massa e poder. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Canguilhem, G. (1995). O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Carrara, S., Facchini, R., Simões, J. & Ramos, S. (2006). Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª parada do orgulho GLBT – São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Castells, M. (2008). A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra.
- Cavarero, A. & Butler, J. (2007). Condição humana contra "natureza". *Revista Estudos Feministas*, 15(4), 650-662.
- Chaves, C. A. (2000). A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Comparato, B. K. (2001). A ação política do MST. *São Paulo em perspectiva*, 15(4), 105-118.
- Conrad, R. E. (1975). Os últimos anos da escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cooley, C. H. (2003). Human nature and social order. New York: Transaction.
- Costa, J. F. (1986). Violência e psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal.

- Couch, C. J. (1968). Collective Behavior: An Examination of Some Stereotypes. *Social Problems*, 15, 310-322.
- Coutinho, M. P. L. (2005). Depressão infantil: uma abordagem psicossocial. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba. Citado em Fonseca, A. A., Coutinho, M. P. L. & Azevedo, R. L. W. (2008). Representações sociais da depressão em jovens universitários com e sem sintomas para desenvolver a depressão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 492-498.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, 10(1), 171-188.
- Da Matta, R. (1983). Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Da Matta, R. (1986). Ensaio de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco.
- Da Matta, R. (1991). O que faz do Brasil Brasil?. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dahl, R. (2001). Sobre a democracia. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Dallari, D. A. (1998). Direitos humanos e cidadania. São Paulo: Moderna.
- Dallari, D. A. (2004). O que é participação política. São Paulo: Brasiliense.
- Del Prette, A. (1995). Teoria das minorias ativas: pressupostos, conceitos e desenvolvimento. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 11(2), 145-153.
- Derrida, J. (1971). A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. Em J. Derrida, *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva. pp. 229-249.
- Derrida, J. (1994). Espectros de Marx: o estado da dívida, do trabalho do luto e a nova internacional. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Derrida, J. (2005). *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Doms, M. & Moscovici, S. (1991). Innovación e influencia de las minorias. In S. Moscovici (Org.), *Psicología social I*. (pp. 71-116). Barcelona: Paidós.

- Dunlap, D. D. (1999, 26 de Junho). Stonewall, gay bar that made history, is made a landmark.
- The New York Times. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9A03E7D7123AF935A15755C0A96F958260&sec=&spon=&pagewanted=1>.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Engels, F. (1884/1980). A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Facchini, R. (2004). Mulheres, diversidade sexual, saúde e visibilidade social. In L. F. Rios, V. Almeida, R. Parker, C. Pimenta & V. Terto Júnior (Orgs), Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2004. pp. 34-43.
- Facchini, R., França, I. L. & Venturi, G. (2007). Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10^a parada do orgulho LGBT de São Paulo – 2006. São Paulo: APOLGBT.
- Ferrari, A. (2004). Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. Revista Brasileira de Educação, 25(1), 105-115.
- Ferraz, R. B., Tavares, H. & Zilberman, M. L. (2007). Felicidade: uma revisão. Revista de Psiquiatria Clínica, 34(5), 234-242.
- Ferreira, A. B. H. (1986). Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Festinger, L. (1964). Conflict, decision and dissonance. Stanford: Stanford University Press.
- Festinger, L. (1975). Teoria da dissonância cognitiva. Rio de Janeiro: Zahar.
- Folha de São Paulo (2005, 1 de junho). “*Parada pode virar carnaval*”, diz antropólogo. Acessado em 16 de outubro de 2008, em: http://www.agenciagls.com.br/jomalfioripa.com.br/agenciagls/paginas_navegar-www.agenciagls.jomalfioripa.com.br/vien.asp?NewsID=219.

Folha de São Paulo (2005, 31 de junho). Na Parada Gay, 46% se dizem héteros. Acessado em 16 de outubro de 2008, em: <http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=64691>.

Folha Online (2008, 28 de maio). Público da Parada Gay caiu para 3,4 milhões, diz ONG após medição. Acessado em 16 de outubro de 2008, em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2008/paradagay/>.

Fonseca, A. A., Coutinho, M. P. L. & Azevedo, R. L. W. (2008). Representações sociais da depressão em jovens universitários com e sem sintomas para desenvolver a depressão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 492-498.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1996). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2001). O que é um autor? Em M. B. Motta (Org.), *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. pp. 264-298.

Foucault, M. (2006). *Ditos e escritos – IV – estratégia, poder-saber*. São Paulo: Forense Universitária.

Freud, S. (1990). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1992). *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. Em J. Salomão (Ed.) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Fry, P. & Macrae, E. (1985). *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense.

Fry, P. (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.

- G1. (2010). Transexualismo já não é considerado doença mental na França. Acessado em 20 de fevereiro de 2010, em: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1488635-5603,00-TRANSEXUALISMO+JA+NAO+E+CONSIDERADO+DOENCA+MENTAL+NA+FRANCA.html>.
- Galinkin, A. L. (2001). Os filhos do mandamento. Tese de Doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Galinkin, A. L. (2003). Estigma, território e organização social. *Espaço & Geografia*, 6(2), 149-176.
- Gallina, J. F. (2006). Pós-feminismo através de Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 556-558.
- Garcia, S. R. & Martins, F. (2002). Lógica conversacional e técnica psicanalítica. *Ágora*, 5(2), 249-270.
- Ghio, E. & Fernández, M. D. (2005). Manual de lingüística sistémico funcional: el enfoque de M. A. K. Halliday & R. Hasan – aplicaciones a la lengua española. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral.
- Giddens, A. (1993). A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp.
- Gill, R. (2003). Análise de discurso. Em M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Porto Alegre: Artmed. pp. 244-270.
- Goffman, E. (1988). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gohn, M. G. (1991). *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola.
- Gohn, M. G. (2003). *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes.

- Gohn, M. G. (2005). O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez.
- Gontijo, F. (2009). O rei momo e o arco-íris: carnaval e homossexualidade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond.
- Green, J. (2000a). Além do carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do Século XX. São Paulo: Editora Unesp.
- Green, J. (2000b). Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, 15, p. 86-102.
- Hall, S. (1997a). Representation, meaning and language. In S. Hall (Ed.), *Representation, cultural representations and signifying practices*. (pp.15-30). Thousand Oaks: Sage.
- Hall, S. (1997b). The spectacle of the 'other'. In S. Hall (Ed.), *Representation, cultural representations and signifying practices*. (pp.223-290). Thousand Oaks: Sage.
- Hall, S. (2006). *Identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A.
- Hall, S. (2009). Quem precisa da identidade? In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (pp. 103-133). Petrópolis: Vozes.
- Halliday, M. A. K. & Hasan, R. (1989). *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Heilborn, M. L. (1996). Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In R. Parker & R. M. Barbosa (Orgs.), *Sexualidades brasileiras* (pp. 136-145). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Heilborn, M. L. (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In M. L. Heilborn (Org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. (pp. 40-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Herek, G. (2004). Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research & Social Policy*, 1, 6-24.
- Herek, G., Kimmel, D., Amaro, H. & Melton, G. (1991). Avoiding heterosexist bias in psychological research. *American Psychology*, 44, 957-963.

- Hobsbawn, E. & Ranger, T. (1994). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hoffer, E. (1968). *Fanatismo e movimentos de massa*. Rio de Janeiro: Lido.
- Hofstätter, P. R. (1971). *Dinâmica de Grupos: Análise da Psicologia de Massas*. Rio de Janeiro: Block Editores.
- Hogg, M. A. (1954). *Social identifications: a social psychology of intergroup relations and group processes*. London: Routledge.
- Instituto Humanitas Unisinos On-Line. (2009). *“A exceção à estratégia elitista são as Paradas GLBT”*. Entrevista especial com João Silvério Trevisan. Acessado em 10 de dezembro de 2010, em:
http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=14954.
- Jaques-Jesus. (2003). Violência e assassinato de homossexuais e transgêneros no Distrito Federal e entorno. In L. Mott & M. Cerqueira (Orgs.), *Matei porque odeio gay*. (pp. 230-250). Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- Jesus, J.G. (2005). *Trabalho escravo no Brasil contemporâneo: representações sociais dos libertadores*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Kothe, F. R. (1981). *Literatura e sistemas intersemióticos*. São Paulo: Cortez, Autores Associados.
- Le Bon, G. (1954). *Psicologia das Multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia.
- Leyens, J.-P. (1985). *Teorias da personalidade na dinâmica social: abordagem psicossocial das teorias implícitas da personalidade*. São Paulo: Verbo.
- Loden, M. & Rosener, J. (1991). *Workforce America!: managing employee diversity as a vital resource*. Homewood: Business One Irwin.

- Lorde, A. (2007). Não há hierarquia de opressões. Acessado em 15 de maio de 2010, em: <http://hysteroocracy.blogspot.com/2007/12/no-h-hierarquias-de-opresso-por-audre.html>.
- Louro, G. L. (1998). Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. In G. L. Louro (Org.), O corpo educado – pedagogias da sexualidade. (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2003). Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. Em G.L. Louro & J.F. Neckel & S.V. Goellner (Orgs.), Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. (pp. 41-52). Petrópolis: Vozes.
- Mackay, C. (2002). Ilusões Populares e a Loucura das Massas. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Macrae, E. (1990). A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora Unicamp.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. M. C. U. A. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23(1), 81-90.
- Mann, L. (1969). Queue Culture: The Waiting Line as a Social System. American Journal of Sociology, 75, 340-354.
- Mann, L. (1970). The Social Psychology of Waiting Lines. American Scientist, 58, 390-398.
- Martins, C. A. (1999). Autoconsciência pura, identidade e existência em Kant, Trans/Form/Ação, 21-22(1), 67-89.
- Maruyama, N. (2009). Liberdade, lei natural e direito natural em Hobbes: limiar do direito e da política na modernidade. Trans/Form/Ação, 32(2), 45-62.
- McDougall, W. (1920). The Group Mind. Cambridge, Grã Bretanha: Cambridge Press.
- McPhail, C. (1991). The Myth of the Madding Crowd. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Aldine de Gruyter.

- Melucci, A. (1989). Um objetivo para os movimentos sociais?, *Revista Lua Nova*, 38. Citado em Silva, A. S. (2006). *Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Melucci, A. (1996). *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: University Press.
- Melucci, A. (1999). *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: Centro de Estudios Sociológicos.
- Mendonça, P. B., Piccinin, L. C., Capucho, C. M. & Campos, C. J. R. (2001). Effect of lateralized epileptic discharges on the thought flow. *Arq Neuropsiquiatr*, 59(2-B). 318-323.
- Mey, J. L. (2001). *As vozes da sociedade*. Campinas: Mercado de Letras.
- Mignolo, W. (1999). Diferencia colonial y razón postoccidental. Em S. Castro-Gómez (Org.), *La Reestructuración de las ciencias sociales en América Latina*. Bogotá: Instituto Pensar, Pontificia Universidad Javeriana. pp. 3-28.
- Milgram, S., & Toch, H. (1969). *Collective Behavior: Crowds and Social Movements*. Em G. Lindzey, & E. Aronson (Eds.) *The Handbook of Social Psychology* (Ed. 2, Vol. 4, pp. 507-610). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Miranda, J. (1998). Comportamento intergrupar – revisão de literatura. *Análise Psicológica*, 4(16), 599-614.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Moscovici, S. (1981). *Psicología de las minorias activas*. Madrid: Ediciones Morata.
- Moscovici, S. (1991). *Psicología social I*. Barcelona: Paidós.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

- Mott, L. (1996). Epidemic of hate: violation of human rights of gay men, lesbians and transvestites in Brazil. San Francisco: IGLRHC.
- Mott, L. (1999). Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- Mott, L. (2000). Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil, 1999. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia.
- Mott, L. (2001). Causa mortis: homofobia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- Navarro-Swain, T. (2000). O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense.
- New York Post (1969, 28 de Junho). Village raid stirs melee. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.columbia.edu/cu/lweb/eresources/exhibitions/sw25/case1.html>.
- Oliveira, D. C., Fischer, F. M., Teixeira, M. C. T. V. & Amaral, M. A. (2003). A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais. *Psicologia: teoria e prática*, 5(1), 27-39.
- Oliveira, F. O. & Werba, G. C. (2002). Representações sociais. In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A., Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea*. (pp. 104-117). Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, P. P. (1998). Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, 6(1), 91-111.
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2008). Código Internacional de Doenças – CID 10. Acessado em 15 de abril de 2010, em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>.
- Park, R. E. (1955). *Society*. Glencoe, Estados Unidos da América: The Free Press.
- Parker, R. (1992). *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.
- Parker, R. (2000). Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In G. L. Louro (Org.), *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. (pp. 125-150). Belo Horizonte: Autêntica.
- Pateman, C. (1992). *Participação e teoria democrática*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Peirano, M. (2003). *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Peluso, M. L. (2003). Brasília: do mito ao plano, da cidade sonhada à cidade administrativa. *Espaço & Geografia*, 6(2), 7-34.
- Pollak, M. (1992a). Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.
- Pollak, M. (1992b). *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Brasiliense.
- Prins, B. & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 155-167.
- Pupo, M. (2010). Pink money. Acessado em 15 de novembro de 2010, em: <http://www.empreendedor.com.br/reportagens/mercado-gay-cresce-no-pa%C3%ADs-mas-os-empreendedores-ainda-precisam-se-livrar-de-preconceito>.
- QQ Magazine (2004). *Gay Freedom 1970: A Commemorative Pictorial Essay of the First Anniversary of the Gay Liberation Movement*. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.columbia.edu/cu/lweb/resources/exhibitions/sw25/case1.html>.
- Revista Veja (2008, 29 de outubro). Ruins de voto. p. 64.
- Ribeiro, A. S. M. (2005). *Os Homossexuais em Busca de Visibilidade Social*. Tese de Doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Ribondi, E. (2000). A página negra do cristianismo. *Realidade*. pp. 1-7.
- Romero, M. A. B. (2003). As características do lugar e o planejamento de Brasília. *Espaço & Geografia*, 6(2), 35-61.
- Rousseau, J-J. (2006). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo : Martin Claret.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.

- Sant, G. V. (2008). *Milk – a voz da igualdade*. Estados Unidos da América: Paramount Pictures.
- Santos, B. S. (2002). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, M. (2007). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Santos, M. A. F. & Ramires, J. C. L. (2009). Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG, *Sociedade e Natureza*, 21(1), 131-145.
- Scherer-Warren, I. (1989). *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. Florianópolis: UFSC.
- Schermerhorn, R. A. (1967). Minorities: european and american. Em M. L. Barron (Ed.), *Minorities in a changing world* (pp. 5-14). New York: Alfred A. Knopf.
- Schiffrin, D. (1994). *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell.
- Scott, J. W. (1995). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20, 2, 71-99.
- Scott, J. W. (1998). Ponto de vista: entrevista com Joan Wallach Scott. *Estudos Feministas*, 6(1), 114-124.
- Segato, R. L. (1997). Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Sociedade e Estado*, 12(2), 235-262.
- Sennett, R. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Sherif, M., Harvey, O. J., White, B., Hood, W. & Sherif, C. (1961). *Intergroup Conflict and Cooperation: The Robbers' Cave Experiment*. Norman, OK: University of Oklahoma Press.

- Silva, A. S. (2006). Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Silva, T. T. (2009). A produção social da identidade e da diferença. In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (pp. 73-102). Petrópolis: Vozes.
- Skillings, P. (2010). The Stonewall riots: New York's Stonewall is a landmark in gay History. Em The New York Times Company, About.com Guide: Manhattan, NY. Acessado em 15 de novembro de 2010, em: <http://manhattan.about.com/od/glbtsce/a/stonewallriots.htm>.
- Smelser, N. (1962). *Theory of collective behavior*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Smith, S. E. (2008). What is pink money? Acessado em 15 de novembro de 2010, em: <http://www.wisegeek.com/what-is-pink-money.htm>.
- Strey, M. N. (2002). Gênero. Em In M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A., Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: livro-texto*. (pp. 181-198). Petrópolis: Vozes.
- Sumner, W. G. (1906). *Folkways: A study of the sociological importance of usages, manners, customs, mores, and morals*. New York: Ginn Custom Publishing.
- Surowiecki, J. (2004). *The wisdom of crowds*. New York: Doubleday.
- Tajfel, H. (1982a). *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University.
- Tajfel, H. (1982b). *Grupos humanos e categorias sociais -I*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1982c). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais -II*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tajfel, H., Flament, C., Billig, M. G. & Bundy, R. F. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 1, 149-177.
- Tajfel, H. & Turner, J. (1979). An Integrative Theory of Intergroup Conflict. Em Austin, William G.; Worchel, Stephen. (Orgs.). *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey: Brooks-Cole.
- Taques, F. J. (2004). Grupo SOMOS: O princípio do Movimento GLBT no Brasil. Trabalho apresentado na 4ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão – SEPEX da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
- Tarde, G. (1976). *As Leis da Imitação*. Porto: Rés.
- Taylor, D. M. & Moghaddam, F. M. (1994). *Theories of intergroup relations: international social psychological perspectives*. USA: Praeger Publishers.
- The New York Times (1969, 29 de Junho). *4 policemen hurt in 'village' raid*. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.columbia.edu/cu/web/eresources/exhibitions/sw25/case1.html>.
- Thomas, D. A. & Ely, R. J. (2002). Making differences matter: a new paradigm for managing diversity. *Harvard Business Review on Managing Diversity*, p. 33-66.
- Toneli, M. J. F. & Perucchi, J. (2006). Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. *Psicologia e Sociedade*, 18(3), 39-47.
- Torres, C. V. (1999). Leadership style norms among Americans and Brazilians: Assessing differences using Jackson's return potential model. Tese de Doutorado na California School of Professional Psychology, San Diego, CA.
- Torres, C. V. & Dessen, M. A. (2002). Brazilian culture, family, and its ethnic-cultural variety. no prelo.
- Torres, C. V & Dessen, M. A. (2008). Valores culturais e a cultura brasileira: desdobramentos teóricos. Em M. L. M. Teixeira (Org.). *Valores humanos & gestão: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Senac.

- Touraine, A. (1992). Beyond social movements. *Theory, Culture and Society*, 9, 125-145.
- Citado em Silva, A. S. (2006). Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Touraine, A. (1997). Crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes.
- Trevisan, J. S. (2000). Devassos no paraíso. Rio de Janeiro: Record.
- Trevisan, J. S. (2006). A parada do amor continua. In F. C. Netto, I. L. França & R. Facchini (Orgs.), Parada: 10 anos do orgulho LGBT em SP. (pp. 14-15). São Paulo: Editora Produtiva.
- Tribunal Superior Eleitoral. (2008). Divulgação de resultados. Acessado em 15 de outubro de 2008, em: <http://www.tse.gov.br>.
- Tsibodowapré, M. M. (2006). Natyseño: trajetória, luta e conquista das mulheres indígenas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais.
- Vergès, P. (2000). *Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations: Manuel version 2*. Aix-em-Provence: LAMES.
- Wanderley, M. B. (2002). Refletindo sobre a noção de exclusão. Em B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão. Petrópolis: Vozes. pp. 16-26.
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. In G. L. Louro (Org.), O corpo educado – pedagogias da sexualidade. (pp. 35-82). Belo Horizonte: Autêntica.
- Woodward, K. (2009). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em T. T. Silva (Org.), Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.
- Zauli-Fellows, A. (2006). Diversidade e gênero na Câmara dos Deputados: um estudo sobre igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Dissertação de Mestrado na

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, Brasília, DF.

ANEXOS

ANEXO A

Instrumento de Evocação – Brasília e Goiânia

Quais são as primeiras palavras ou expressões que lhe vêm à mente com relação à Parada?

Marque com um “X” as 3 palavras mais importantes, que para você melhor representam o evento.

Dessas 3 palavras, qual você considera a mais importante?

Para você, o que significa essa palavra?

Sexo: (F) (M) Cor/Raça: () Preta () Parda () Branca () Indígena () Asiática

Orientação sexual: () Homossexual () Heterossexual () Bissexual

É travesti? () Sim () Não É transexual? () Sim () Não É cross-dresser? () Sim () Não

Religião: _____ Escolaridade: _____

Cidade onde mora: _____ Idade _____

ANEXO B

Roteiro de Entrevista – Mulheres

Como você vê a participação das mulheres nas paradas?

Quais são os seus sentimentos com relação a essa participação feminina?

Você encontra dificuldades para essa participação? Se sim, quais?

O que você pensa da forma como a parada ocorre?

Quais são os seus sentimentos com relação à parada?

ANEXO C

Roteiro de Entrevista – São Paulo

1. Quais idéias e sentimentos lhe vêm à mente com relação à Parada?
2. Quais objetivos se pretendem atingir com a Parada?
3. Como você definiria a Parada?
4. Para você, a parada é um movimento político?
 - 4.a. **Se sim**, por que ela é um movimento político?
 - 4.b. **Se não**, por que ela não é um movimento político?
5. Para você, a parada é uma festa?
 - 5.a. **Se sim**, por que ela é uma festa?
 - 5.b. **Se não**, porque ela não é uma festa?
6. A Parada propõe alguma mudança social?
7. A Parada tem uma proposta política específica?
 - 7.a. **Se sim**, qual seria ela?
 - 7.a.1. Essa proposta política tem uma ideologia que a orienta?
 - 7.a.2. Essa proposta política tem metas definidas?
 - 7.a.3. De que forma a Parada atende a essa proposta política?
 - 7.a.4. A Parada tem outras propostas além da política?
 - 7.b. **Se não**, tem alguma proposta que não seja política?
8. Como você entende o tema da Parada neste ano?
9. Você acha que a Parada tem algum impacto sobre quem participa?
 - 9.a. **Se sim**, qual seria ele?

ANEXO D

Vocabulários Específicos das Classes

Vocabulário específico da Classe 1:

direito+(17), lei+(16), sim(20), atende+(8), justamente(8), form+er(8), acho(22), aprovacao(6), consegue(6), deputado+(6), homo(6), projeto+(6), proposta+(10), cont+er(4), acabar(4), acredito(4), afetivos(4), brasilia(4), casamento(4), descontraido(4), discriminacao(4), divertido(4), evento(4), existem(4), geral(4), homofobia(8), iguais(4), igualdade(7), infelizmente(4), meta+(4), palpavel(4), ponto(4), preconceito(6), principalmente(3), relacao(4), seja(6), inclusi+f(2), principa+l(2), sobre+(4), precis+er(2), ideolog<(2), aprovado+(2), atras(2), cada(4), conquista(2), creio(2), diante(2), diferenca+(2), diferente+(2), diversao(2), espaco+(3), especifica(2), ess+(21), facilitar(2), foram(4), ganha(2), hetero+(2), independente(2), invisibilidade(2), orientacao(2), paises(2), participam(2), pegou(2), pensar(2), por(12), propoe(2), publico(2), questao(6), questoes(4), respeitar(2), sexo(2), sinceramente(2), tratam(2), unirem(2), veem(2), vista(2), foi(10).

Vocabulário específico da Classe 2:

entao(78), aquel+(26), do(48), era(28), estava(26), grupo+(28), na(48), voce+(46), fuir.(12), ali(12), aquilo(12), carro+(16), coisa+(46), epoca(16), esta(36), gosto(14), pessoal(12), tinha(18), vez+(12), assim(48), desde(10), feminista+(10), isso(50), naquel+(10), tanto(10), estar(8), falando(8), fazer(8), ia(8), lugar+(8), nossa+(14), num+(12), regina(8), rio(8), seguinte(8), ter(8), teve(8), troco(8), fez(6), entr+er(6), bacana(6), boa+(6), cabeca(6), certa+(6), consumo(6), del+(6), depois(6), dinheiro(6), disso(6), duas(6), empurra_empurra(6), entendendo(6), entrar(6), espetaculo(6), estado(6), estavam(6), falava(6), falou(6), foco(6), folha(6), foto(6), galf(6), gostaria(6), jovem(6), lésbico(6),

mandar(6), negocio(6), olha(12), olhando(6), olhar(6), partido(6), passar(6), povo(6), puta(6), segunda(6), som(6), trabalhei(6), valeria(6), veio(6), virou(6), argent<(2), simple+(2), bar+(4), piano+(4), ver+(10), band+er(2), cas+er(2), entendre.(4), exist+er(2).

Vocabulário específico da Classe 3:

também(18), certeza(8), protesto(7), definiria(6), festa(16), mundo(13), qualquer(7), tudo(14), grand+(6), lega+l(4), explica<(3), acaba(3), apoio+(2), assumi(2), avesso(2), bonito+(2), cidadania(2), claro(2), comemoracao(2), como(15), curt+(2), defino(2), deix+(2), duvida+(3), envolve+(2), esconde+(2), ficam(2), homem(3), homossexu+(3), houve(2), intuito(2), menos(2), momento(4), mostrar(4), olho(2), opcao(2), panelaco(2), pede(2), pergunta+(2), politico+(13), sempre(5), sendo(3), tanta+(2), unido+(2), voto+(5), vid+er(4), criminalizacao(3), dia+(6), impacto(4), liberdade(4), quando(5), ser+(10), todo+(9), um(25), paitre.(1), alegria(1), casar(1), cunho(1), dadas(1), deste(2), deveria(1), igual(1), lamentavelmente(1), maos(1), minha+(5), opiniao(1), perda(1), pro(1), rola(1), somos(1), acao(3), da(16), nao(28), respeito(4), sem(4), fosse+(2), mas(19), parad+er(10), amor(2), carinhas(2), cheias(2), diferenciacao(2), dizer(6), emocionada(2), entend+(2).

ANEXO E

Localização das Palavras Subpostas no Plano Fatorial

EIXO X	PALAVRA Y	EIXO X	PALAVRA Y
32	7 discriminaca	-30	10 tinha
32	7 divertido	-30	10 vez+
32	7 evento	-30	10 desde
32	7 existem	-30	10 feminista+
32	7 geral	-30	10 naquel+
32	7 iguais	-30	10 tanto
32	7 infelizmente	-30	10 estar
32	7 meta+	-30	10 falando
32	7 ponto	-30	10 fazer
32	7 principalmen	-30	10 ia
32	7 principa+l	-30	10 lugar+
32	7 precis+er	-30	10 regina
32	7 ideolog<	-30	10 rio
32	7 creio	-30	10 seguinte
32	7 diferente+	-30	10 ter
32	7 diversao	-30	10 teve
32	7 hetero+	-30	10 troco
32	7 publico	4	-20 duvida+
32	7 veem	4	-20 homem
32	7 busca	4	-20 homossexu+
-30	10 pessoal	4	-20 menos

EIXO PALAVRA

X Y

4 -20 opcao

4 -20 panelaco

4 -20 pergunta+

4 -20 sendo

4 -20 alegria

4 -20 igual

4 -20 opiniao

-6 -20 vid+er

EIXO PALAVRA

X Y

1 -20 qualquer

2 -20 tambem

3 -20 apoio+

5 -20 claro

6 -20 dia+

8 -20 liberdade

10 -20 grand+

4 -21 protesto

Só para você que leu até aqui, para além dos anexos, confidencio meu desejo de que esta Tese seja mais uma homenagem à minha cidade natal, Brasília, sonho que sobrevive à realidade, e à Universidade de Brasília, por tudo de bom que já me deu nesta vida!

TXAI.